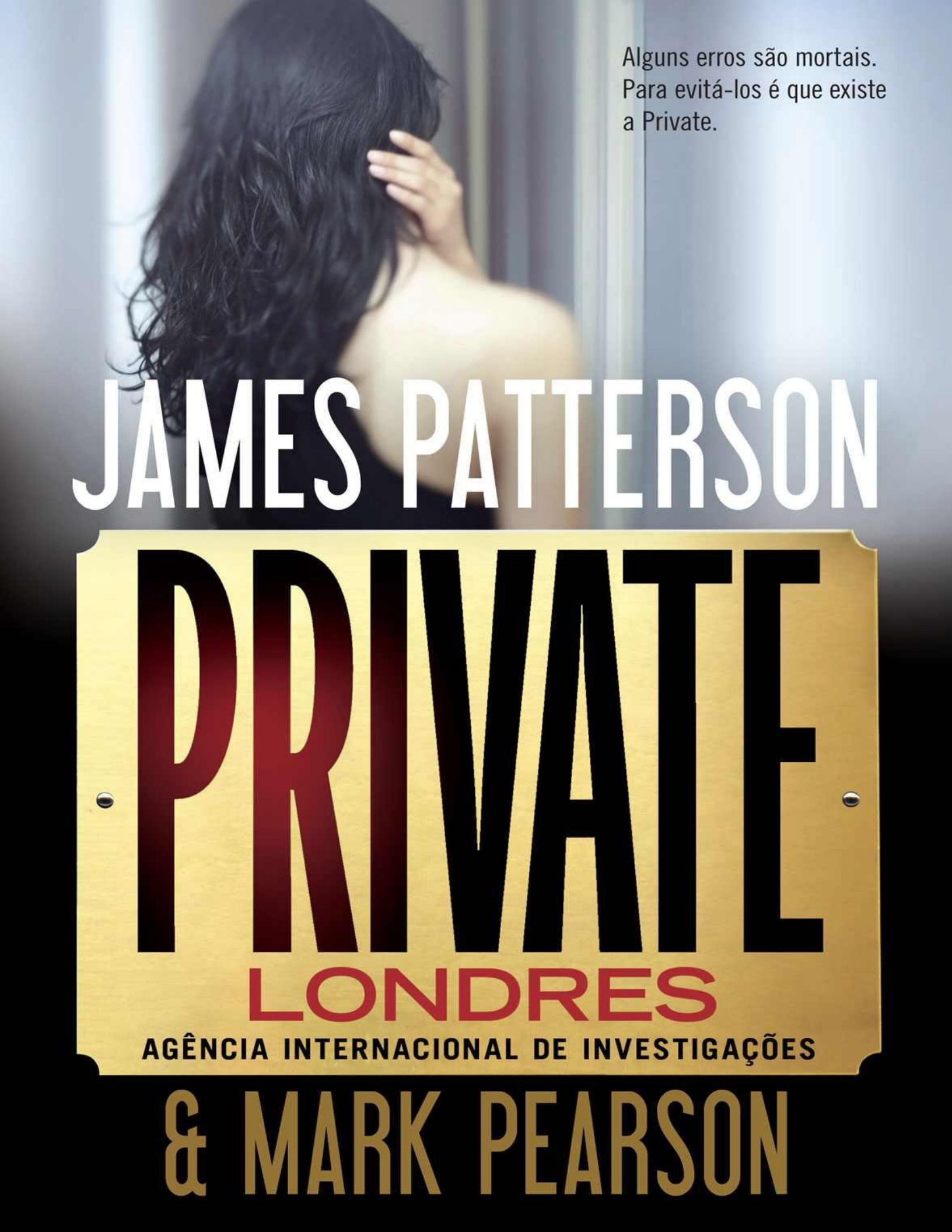

Alguns erros são mortais.
Para evitá-los é que existe
a Private.
JAMES PATTERSON
PRIVATE
LONDRES
AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÕES
& MARK PEARSON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PRIVATE LONDRES



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON



& MARK PEARSON

ARQUEIRO

Título original: *Private London*

Copyright © 2011 por James Patterson
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: André Fiker

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Renata Dib e Else Portilho

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Arman Zhenikeyev/Corbis/Latinstock

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P597p

Patterson, James, 1947-
Private Londres [recurso eletrônico] / James Patterson, Mark Pearson [tradução de André Fiker]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Private London
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-304-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pearson, Mark. II. Fiker, André. III.Título.

14-13407

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Lynn, como sempre, com amor – M.P.

Introdução

Quando os ricos e famosos estão em apuros, a primeira ligação que eles fazem não é para a emergência. Eles ligam para a minha equipe, a Private. Desde que o meu pai me deixou a agência – uma primeira e última tentativa de reconciliação, feita da cela em que ele estava na prisão – a reputação da Private só cresceu. Com clientes de elite nos procurando no mundo todo, abrimos diversas filiais, de Los Angeles a Nova York, de Paris a Tóquio. Os casos mais importantes, no entanto, parecem cair sempre no escritório de Londres.

Foi a nossa filial que capturou o lunático que ameaçou os Jogos Olímpicos em Londres. Mas antes das tragédias que ocorreram durante esse caso, a Private Londres lidou com um desafio bem pessoal para mim, envolvendo uma jovem chamada Hannah Shapiro.

Conheci Hannah antes de assumir a liderança da Private, três dias depois do seu aniversário de 13 anos. Ajudei a resgatá-la de um sequestro que teve um final trágico.

Hannah passou por uma fase difícil depois disso. Aos 20, foi estudar na Inglaterra e eu tive que fazer o possível e o impossível para garantir a sua segurança. Devido ao grande valor que Hannah representava, precisei de alguém confiável para protegê-la. A pessoa ideal para o trabalho era o chefe do escritório internacional da Private em Londres na época: Dan Carter.

Isso foi em 2010. Mas só agora, anos depois, sinto que chegou a hora de contar esta história. É estranho, ainda parece que aconteceu ontem. O dia em que eu arrombei aquela porta para encontrar uma garota de 13 anos cuja vida nunca mais seria a mesma.

Jack Morgan

PARTE UM

capítulo 1

9 de abril de 2003 – Los Angeles, Estados Unidos
O dia em que tudo mudou.
Manhã

HANNAH SHAPIRO ESTAVA TENDO UM dia maravilhoso.

Presentes e champanhe de café da manhã. Só uma taça, era verdade, mas um aniversário de 13 anos precisa ser especial, não é? Ela se tornaria Bat Mitzvah, "filha de um mandamento", no próximo Sabá. Mas ainda faltavam três dias para sábado!

– Vem cá querida, tome um gole – disse Jéssica, sua mãe, com seu sotaque sulista doce e musical. – Você vai adorar. Tem gosto de lágrimas de anjo numa taça.

Ela provou. Apesar de não gostar de álcool, Hannah amava a mãe mais do que qualquer coisa no mundo e não iria desapontá-la. Assim, deu um gole, seguido de uma risada engasgada.

– Estou com bolhas no nariz.

– É por isso que custa tão caro, querida!

Hannah riu com a mãe.

Era uma manhã perfeita. A única coisa que faltava era o pai.

– É uma pena que papai não tenha conseguido voltar ontem à noite – disse ela.

– São assuntos do governo. Ele teria vindo se pudesse, querida. Tenho certeza disso.

– Eu sei.

– E ele prometeu tentar pegar o voo das três. Mesmo se tiver que brigar com o chefe de gabinete! – afirmou sua mãe, abraçando Hannah e bagunçando o seu cabelo.

Hannah riu de novo. Ela não conseguia imaginar o pai brigando com ninguém.

– Vamos lá, querida. Faça um pedido de aniversário com o seu primeiro champanhe!

Hannah pensou a respeito. Suas melhores amigas da escola, Sally Hunt e Tiffany Wells, já estavam com 14 anos. Sally ganhou um pônei para jogar polo, e Tiffany, um relógio de diamantes da Cartier. Os pais de ambas as garotas estavam passando por mais um divórcio.

Ela olhou para o retrato da família pendurado sobre a lareira. Seu pai e sua mãe tão apaixonados ao lado dela.

Hannah ergueu os olhos para a mãe, admirando sua beleza. Não conseguia imaginar como o pai podia passar tanto tempo longe dela. E decidiu: após tomar um longo gole de champanhe, olhou de novo para o retrato da família e fez o seu desejo.

Pegue aquele voo, papai!

Tarde

Atravessando a Rodeo Drive, em Beverly Hills, Hannah deu a mão para a mãe. Ambas estavam cheias de embrulhos e sacolas de todas as melhores lojas do quarteirão.

– A gente comprou muitas coisas, não foi? – comentou Hannah, com um enorme sorriso estampado no rosto.

– Seu pai disse que era para compensar por ter perdido o café da manhã. E é bom que temos tempo para ficar juntas. Papai não faz compras.

Hannah riu.

– Eu sei.

– Já a sua mãe... é profissional em compras! – Jessica Shapiro piscou para a filha.

Momentos depois, pegou as chaves da Mercedes conversível parada no estacionamento subterrâneo. Ao erguer os olhos, surpreendeu-se com a aparição súbita de dois homens com capuzes pretos.

O grito de Hannah foi interrompido quando a mão áspera de alguém cobriu a sua boca.

– Manda a putinha calar a boca agora! Senão eu estouro os miolos dela!

Jessica assentiu. Estava entorpecida de medo. Incapaz de falar. Encarando Hannah, horrorizada, ela implorou com os olhos que a filha ficasse quieta.

Três dias depois

Hannah queria gritar até a sua garganta explodir enquanto via o que faziam com a mãe. Mas não conseguia. Sua cabeça tinha sido coberta com fita adesiva e a boca estava dolorosamente fechada. Suas narinas estavam bem abertas, por causa do medo e da necessidade de sugar oxigênio para os pulmões, que pareciam estar queimando.

Fechou os olhos com força, mas as imagens não saíam de sua cabeça. Cruéis flashes do horror que a levaram até aquele momento.

Os homens vestidos com capuzes. Ela jogada na traseira de uma perua sem janelas, forçada a ficar deitada no chão frio de metal. As mãos amarradas com fita. Em seguida a boca, os pés.

O veículo em movimento, seu corpo batendo com força na lateral. Pneus cantando. Seus próprios gritos abafados. Um saco escuro a cobrindo.

Escuridão. O som da sua mãe soluçando por perto. Um som lamentoso, doído.

Sua bexiga se esvaziando. A vergonha.

A grande dor que se seguiu.

Sua mãe jazia nua na cama. Tinhas as mãos acima da cabeça, amarradas cruelmente na cabeceira.

Um dos homens estava em cima dela. Grunhindo enquanto a estuprava. Alimentando-se da sua dor, da sua humilhação, do seu desamparo. Não demorou muito. Ele se levantou e gesticulou para o outro homem de capuz, recostado na parede oposta.

– Sua vez agora.

– Na mamãe não – respondeu o segundo homem, seco. – Prefiro carne mais fresca.

Hannah gemeu, horrorizada ao se dar conta do que ele queria dizer.

O homem ergueu a arma que segurava casualmente na mão direita, prendendo um silenciador na ponta do cano. Em seguida, apontou para a mãe de Hannah.

– Foi o seu marido quem fez isso com você, não eu. Ele não quis pagar o resgate.

Hannah balançou a cabeça violentamente, implorando com os olhos, gritando por seu pai como vinha fazendo desde que aquele horror começara. Por que não tinha dado o dinheiro? Por que não quis salvá-las? Onde ele estava?

Os olhos do pistoleiro eram frios.

– Ele teve uma chance – disse, com simplicidade.

E puxou o gatilho. Atirou duas vezes em Jessica Shapiro. Os tiros fizeram um barulho parecido com o de uma pistola de pregos.

– Não dá pra dizer que não demos uma chance para o papai – disse o homem encapuzado.

Hannah desabou na cadeira, tonta. Estava entrando em choque. O medo causava um aperto tão forte em seu coração que ela não conseguia respirar. O homem guardou a arma no coldre e abriu o cinto da calça.

– Desamarra a garota.

Naquele instante, tarde demais, a porta do lugar foi arrancada das dobradiças.

Quando o atirador se virou, uma bala o acertou bem na testa, explodindo a cabeça inteira. O som do tiro ainda ecoava pelo ar, ensurdecedor, enquanto o corpo deslizava parede abaixo.

O outro sequestrador deu um passo na direção do cúmplice antes de ser derrubado por três tiros da semiautomática. Ele caiu sobre os joelhos e tombou de lado, morto antes mesmo de bater no chão.

Uma fina névoa vermelha pareceu flutuar por um instante, até ser atravessada por um homem alto, baixando a arma que segurava com as duas mãos.

Ao olhar para a garota, no entanto, sua expressão era de tristeza, de desculpas.

– Você está segura agora, Hannah – falou Jack Morgan.

capítulo 2

Sete anos depois. Em algum lugar sobre o Atlântico.

MEU NOME É DAN CARTER. Eu administro o escritório da Private em Londres.

Naquele instante, eu estava sentado na primeira classe a caminho de Nova York para me encontrar com o meu chefe. Já fui da Polícia Militar Real britânica. Estou prestes a completar 40 anos, mas ainda consigo correr um quilômetro e meio em menos de cinco minutos e levantar 110 quilos no supino. Poderia ficar mais musculoso, mas os meus ternos servem perfeitamente. Na minha linha de trabalho força bruta não é a coisa mais importante. Concluindo a minha ficha, tenho pouco mais de 1,80 metro de altura, cabelos loiros escuros e olhos azuis. Peso 84 quilos e, um dado importante: não me assusto com facilidade.

Mas não gosto de voar.

– Desculpe, o que você disse?

– Eu perguntei se o senhor gostaria de outro drinque – disse a aeromoça.

Ela tinha um sorriso que poderia iluminar todo o estádio Wembley, mas eu nem percebi. Como disse, não sou bom no quesito voo. Por outro lado, o homem que eu estava indo encontrar era. Jack Morgan, ex-piloto militar. Serviu por um tempo no Afeganistão. Agora é o dono da Private.

Merda, quem estou enganando? Jack Morgan *é* a Private.

A aeromoça se afastou e eu tomei outro golinho de cerveja. Não queria exagerar. Era deselegante aparecer bêbado para uma reunião importante. Eu não sabia se o meu patrão costumava dar segundas chances, mas não pretendia descobrir. Por alguma razão, achava pouco provável.

Um dos motivos pelos quais ele me contratou foi porque resgatei um soldado americano no Iraque. Salvei a sua vida. Não falo sobre isso, mas ele ficou sabendo o que aconteceu de verdade. Basta dizer que eu não estava seguindo as ordens vigentes e, por isso, provavelmente poderia ter sido levado à corte marcial e dispensado com desonra.

Bem, talvez fosse melhor se isso tivesse acontecido. Acabei saindo por

invalidez e passei um tempo na cadeira de rodas. Jack Morgan verificou minhas referências minuciosamente. Chegou até a falar com o jovem soldado que carreguei de uma zona de combate até o posto de ajuda médica.

Ele não se incomodou com o fato de eu ter matado os outros dois soldados americanos que atiraram no rapaz e estavam estuprando a mulher de um suposto construtor de bombas. Não, ele sabia o que tinha acontecido, apesar de as pessoas que me deram uma medalha pelo resgate não saberem. E eu sinceramente espero que nunca descubram. Mas Jack Morgan aprovou. Ele sabia das circunstâncias e queria um homem capaz de tomar as próprias decisões, que ficasse encarregado da sua operação em Londres. Fazer o trabalho, custe o que custar, e viver com as consequências.

Acho que provei ser capaz disso. Ao menos para ele.

Para mim, no entanto, as coisas nunca eram tão preto no branco. Certeza moral é algo que pode desmoronar bem rápido quando você pega o dinheiro do rei e marcha para o exterior a fim de lutar na guerra de outro homem.

Ou voa.

Como eu estava fazendo.

capítulo 3

RESISTI À TENTAÇÃO DE CAIR de joelhos sobre a pista do Aeroporto JFK e beijar o chão. Afinal, as pessoas estavam olhando e crianças pequenas corriam à minha frente rindo, como se não tivessem passado por sete horas de provação. *Muito jovens para compreender os riscos*, pensei enquanto seguia para a entrada do aeroporto.

Uma hora depois, eu estava esperando no Blue Bar em Algonquin, tomando uma cerveja gelada. Tentava agraciar a garçonete com um pouco da minha astúcia, mas era como jogar pedras num muro de concreto.

Finalmente ela abriu um sorriso, mas não foi para mim. Estava olhando para a entrada, para o homem que vinha em minha direção.

Jack Morgan.

Ele está acostumado. Jack é um ótimo amigo e um péssimo inimigo, mas não é alguém bom de se ter ao lado quando se está num bar tentando conhecer uma garota simpática para dançar.

– Dan – ele me cumprimentou sorrindo e estendeu a mão.

– Jack – respondi e apertei a mão dele.

Tinha uns dois centímetros a mais do que eu, além de ser mais forte. Um dos seus colegas de futebol americano me disse uma vez que ele poderia ter se tornado jogador profissional. Não duvidei. Seu tio era o dono dos Raiders, para começo de conversa, e isso provavelmente o teria ajudado.

Ele sorriu para a garçonete.

– Quero o de sempre, por favor, Samantha.

– Num instante, Sr. Morgan.

Ela mostrou os dentes de novo. Esta é uma especialidade americana: dentes.

– Agradeço por ter vindo, Dan.

Eu me voltei para Jack e dei de ombros.

– Você é o chefe.

– E você é o chefe em Londres. Acho que está se perguntando por que eu

preciso de você para um simples trabalho de proteção.

– Estou um pouco curioso – admiti. – Alguém de Nova York não poderia ter levado a garota? Poderíamos tê-la recebido no aeroporto.

– Sim, mas a verdade é que este caso não tem nada de simples.

capítulo 4

– O QUE VOCÊ SABE SOBRE HANNAH Shapiro?

– Absolutamente nada. Sua assistente disse que você me informaria tudo e que eu deveria me encontrar com você aqui.

– Bom. Quanto menos gente souber disso, melhor. Mais seguro.

Jack pegou o drinque e colocou sua maleta no balcão, abrindo-a.

– A não ser pelo primeiro nome, ela agora tem uma identidade completamente nova. Sobrenome, passaporte... tudo.

– Programa de proteção às testemunhas?

– Algo do tipo.

– Deixe-me adivinhar... Não tem aprovação do governo?

– Na verdade, tem.

– Quantos anos?

– Hannah tem 20.

– E eu vou levá-la de volta à Inglaterra?

– Vai.

– Por quanto tempo?

– Três anos.

Olhei para ele intrigado e tomei um gole de cerveja. Em seguida, assenti.

– Tempo suficiente para conseguir um diploma, suponho?

Jack Morgan sorriu satisfeito.

– Você é rápido.

– Onde ela vai estudar?

– Na Chancellors.

Foi a minha vez de sorrir. Uma das melhores e mais antigas. Olhei para os documentos. Ficou claro que dinheiro não era um problema. A Private não cobrava barato, nem mesmo se fosse só para ficar de mãos dadas num voo curto.

– Esse não é um trabalho de babá, Dan.

Resisti ao ímpeto de reagir.

– Não é?

– Ela é uma carga extremamente valiosa. Preciso que fique de olho nela na Inglaterra em tempo integral. Seja discreto.

– Discrição fica difícil se ela andar cercada por guarda-costas o tempo todo, como a Madonna.

– De fato. Por isso você será mais um acompanhante do que um guarda-costas. Entre em contato se ela começar a se envolver com pessoas inadequadas. Procure escutar e observar tudo. Discretamente.

– Tão discreto que nem Hannah vai saber?

– Acertou de novo.

– Quando o curso dela começa?

– Setembro.

Tomei um gole da cerveja.

– Talvez eu precise de alguma ajuda.

– Já cuidei disso. – Jack indicou a maleta. – Falei com o diretor.

– O que ela vai estudar?

– Psiquiatria.

Assenti, pensativo.

– Isso deveria fazer sentido de alguma maneira?

– Ela teve alguns problemas no passado sobre os quais não posso falar. Talvez o curso a ajude a lidar com algumas coisas.

– E nós garantiremos que ela possa fazê-lo sem ser incomodada.

– O pai dela é um grande cliente nosso, Dan. Um cliente de sete dígitos. Ela é importante.

– O que ele faz?

Jack olhou para mim com um pequeno sorriso espirituoso.

– Ele paga as contas.

– Como você mesmo disse, quanto menos gente souber, melhor.

– É isso aí. – Nós brindamos e ele esvaziou o copo. – Ok. Vamos conhecer o bebê de um milhão de dólares.

capítulo 5

A CARGA PRECIOSA DA QUAL EU cuidaria era exatamente como eu imaginava.

Uma típica menina da Costa Oeste com muito dinheiro e bastante atitude. Meu palpite era uma jovem bronzeada e linda.

Ela era jovem, essa parte eu acertei. Parecia até mais jovem do que realmente era.

Hannah tinha cabelos castanhos, amarrados para trás, usava óculos de aro de tartaruga, uma saia simples, uma blusa com cardigã e sapatos sem salto. Não sei o nome da garota nerd do *Scooby Doo*, mas ela era uma versão mais magra da personagem. Sem nenhuma maquiagem aparente... e meus olhos são muito bons com esse tipo de coisa.

Estava ansiosa. Mais do que isso. Hannah Shapiro parecia completamente indefesa.

– Oi, o meu nome é Dan. Dan Carter.

Ela retribuiu o cumprimento com a mão pequena e delicada, mas não disse uma palavra e não fez contato visual.

Talvez fosse por causa do ar confiante de autoridade masculina que eu exalo. Talvez... Parecia que um vento forte poderia derrubá-la. Se ela fosse estudar psiquiatria, supus que as suas ambições profissionais tendessem para a área de pesquisa. Não consegui imaginá-la como médica, com o divã e a voz reconfortante, orientando uma conversa por meio de perguntas. Pessoas que fazem esse tipo de trabalho precisam saber como deixar o paciente confortável.

Mas havia outra razão para ela estar ansiosa. Hannah estava ao lado de Del Rio.

Membro da equipe de Jack no escritório da Costa Oeste, Del Rio cumpriu quatro anos de pena nas mãos do Estado e parecia perfeitamente disposto a fazê-lo de novo. Mas hoje em dia ele estava no nosso lado da lei, embora não exatamente dentro da lei.

Afinal, esta é a função da Private. Nós não somos limitados pelas mesmas regras que regulam a ação dos nossos colegas uniformizados. É assim que

ganhamos dinheiro. E se metade dos rumores que ouvi sobre Del Rio forem verdade, ele deve estar mais do que disposto a fazer justiça com as próprias mãos... com consequências letais.

Apertei a mão dele. Enquanto o cumprimento da garota era leve como uma pena, o cara tinha o aperto de uma anaconda. Del Rio assentiu. Ele não também não disse nada, mas não acho que tenha sido por falta de autoconfiança. Só um trator conseguiria abalar a autoconfiança dele.

– Dan vai cuidar de você agora, mas, se precisar falar comigo, você tem o meu número, ok? – disse Jack Morgan à garota, que ainda parecia mais interessada nos próprios pés do que em qualquer outra coisa.

– Sim, Jack – respondeu ela. – Obrigada. – Em seguida, ergueu os olhos e sorriu. Ela tinha um sorriso simpático.

– A qualquer hora, dia ou noite. – Jack me deu um tapinha nas costas. – Cuide bem dela, Dan. Estou contando com você.

– Pode deixar – respondi. – Está pronta?

– Claro – respondeu ela.

Não ganhei um sorriso, mas imaginei que fosse apenas uma questão de tempo. Um voo de seis horas é suficiente para conhecer alguém. Eu quebraria as defesas dela em menos de quatro, calculei. Era o velho charme Dan Carter. Alguém deveria engarrafá-lo.

capítulo 6

Duas horas depois, suspirei aliviado e, com um pouco de esforço, soltei meu cinto.

Olhei para a jovem ao meu lado, tirando o próprio cinto sem a menor dificuldade, sem desviar a atenção do e-book que estava lendo.

Eu tinha deixado Hannah sentar na janela, mas ela baixou a veneziana. Foi quando avisaram que haveria um pouco de turbulência e o sinal para afivelar os cintos foi ligado. Prendi o meu em bem menos tempo do que levei para tirar. Felizmente a turbulência prometida não aconteceu!

Estiquei a cabeça para ver o livro no qual Hannah estava tão compenetrada.

– O que você está lendo? – perguntei.

– *Os belos e malditos* – respondeu ela sem erguer os olhos.

– *Suave é a noite* é o meu livro favorito – comentei.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

– Mesmo?

– Mesmo. E eu sei o que você está pensando.

– O que estou pensando?

– "Um homem grande não tem tempo para fazer nada além de sentar e ser grande."

Uma pequena brecha surgiu no canto de sua boca. Podia até ser um sorriso.

– Fitzgerald?

– O próprio. *Este lado do paraíso*.

– *Suave é a noite*... era o livro favorito da minha mãe.

– Sente falta dela?

– Sim. Ela morreu, Sr. Carter.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo. Eu era criança.

– O que aconteceu?

– Eu cresci.

Decidi não insistir. Estava claro que Hannah não queria falar sobre aquilo. Tive a impressão de que o que quer que tenha acontecido, não parecia ter sido muito tempo antes. Ela podia ter 20 anos, mas ainda parecia uma criança para mim.

– Perder a mãe nunca é fácil – disse gentilmente. – Não importa a idade.

– Seus pais estão vivos, Sr. Carter?

– Meu pai morreu alguns anos atrás. Minha mãe ainda está conosco, graças a Deus.

Ela me encarou sem piscar por um momento, como se estivesse buscando algo nos meus olhos.

– Você deveria mesmo agradecer a Deus. Você deve valorizá-la, Sr. Carter. Nada na vida é mais precioso do que nossa mãe.

– Eu valorizo – respondi, sentindo uma pontada de culpa. Não falava com a minha mãe havia mais de uma semana.

Hannah assentiu, como que satisfeita com a minha resposta.

– Foi câncer – disse ela baixinho. – Nada que pudessem ter feito.

– Sinto muito – repeti.

Ela balançou a cabeça.

– Não foi culpa de ninguém, foi?

Não respondi.

– Meu pai é cientista, sabia? Extremamente rico e inteligente. Mas também não pôde fazer nada.

Ela tinha razão. Às vezes a morte simplesmente chega. Pelos lados, por trás, pela frente... como um trem em alta velocidade. Qualquer que seja a direção, nada pode ser feito a respeito. Eu sei disso melhor do que a maioria das pessoas.

– Meu pai presenteou a minha mãe com a primeira edição de *Suave é a noite* no vigésimo aniversário de casamento deles. Ela tratou o livro como se fosse a coisa mais valiosa no mundo.

– Talvez fosse... – Parei por um instante. – Depois de você, lógico.

Dessa vez consegui um sorriso. Mas foi um sorriso triste.

– Quando ela morreu foi como se a luz tivesse sumido do meu mundo, Sr. Carter. Todo o calor foi embora.

– Me chame de Dan, por favor.

Hannah parecia não estar escutando, perdida nas suas próprias memórias.

– Às vezes eu sinto que ainda estou caminhando nas sombras, esperando um

nascer do sol.

Pensei na minha mãe, e no meu querido e falecido pai. Sabia como ela se sentia.

– O sol nasce. Eventualmente ele sempre acaba vindo.

– “A esperança é a coisa com penas.”

– Emily Dickinson.

– Você é um homem cheio de surpresas, Sr. Carter.

Deixei passar o *senhor* e estendi a minha mão.

– É Dan, lembra? – perguntei.

– Certamente – respondeu ela, apertando a minha mão e me olhando nos olhos.

Dessa vez, sorriu. Eu sorri de volta. Estava indo melhor do que eu tinha imaginado.

– Eu não deveria ter dito que o meu pai é um cientista.

– Tudo bem. Eu sei manter segredo. Faz parte do emprego.

– Imagino que sim. Eu não sabia que eles tinham detetives particulares na Inglaterra. Achei que eram só policiais.

– E alguns de nós.

– Você era da polícia?

– Polícia Militar Real. Os “boinas vermelhas”.

– Você serviu no exterior, então?

– Sim.

– Assim como o Jack Morgan?

– Jack serviu no Afeganistão. Eu servi no Iraque.

– Então por que você deixou o Exército?

Olhei para Hannah por um tempo antes de responder.

– É uma história longa demais para este voo – respondi.

Ela pareceu aceitar a resposta e voltou para o livro.

Fechei os olhos e me apoiei no encosto, a lembrança daquele dia passando pela minha mente, clara como se tivesse sido ontem.

A dor ainda não tinha passado.

Eu não sabia na época, mas acabei descobrindo que Hannah e eu tínhamos muito mais em comum do que eu imaginava.

capítulo 7

9 de abril, Bagdá, Iraque.

ÉRAMOS QUATRO NO JIPE NAQUELA tarde.

Três homens, uma mulher. Uma missão cumprida. Operação Telic. Assinada, selada, entregue. O fim da guerra.

Pelo menos essa era a sensação. Estávamos partindo para verificar alguns relatos de celebrações pós-conflito que saíram do controle. Não podíamos culpar os rapazes e ninguém tinha intenção de usar a força. Muita gente já havia sido machucada. Muitos foram enviados para casa, para serem enterrados cedo demais.

Não dava para culpar os caras por tomarem um ou dois drinques e desabafarem um pouco. Se este dia não merecia uma celebração, o que merecia?

O dia estava claro e ensolarado desde o início do meu turno. Mas parecia diferente, de alguma forma. Sei lá, mais claro, limpo e forte que o normal. Eu sabia que era besteira, mas foi a sensação que tive.

O entusiasmo no ar era palpável. Eu não sentia nada parecido desde que era criança e vi a minha rua inteira participar de uma festa para celebrar o Jubileu de Prata da Rainha. Aquele dia também tinha sido quente e glorioso.

Certa vez o poeta jesuíta Gerard Manley Hopkins escreveu: “O mundo está carregado da grandeza de Deus. Incendiar-se-á, como se tivesse o brilho de um ouropel.”

Bem, para ser honesto, naquele momento a grandeza de Deus não estava tão evidente ao nosso redor. Estávamos numa parte bastante devastada da margem ocidental da cidade. Havia prédios destruídos para onde quer que olhássemos. Telhados e andares superiores em pedaços, cheios de fendas, como uma fileira de dentes arruinados. As cicatrizes das bombas incendiárias, a fumaça, a poeira e a destruição, estavam espalhadas por todo canto.

A cidade fora literalmente arrebentada. Mas naquele dia o ar estava cheio de esperança. Esperança... talvez essa fosse a grandeza de Deus, no fim das contas.

Pois sem esperança, o que resta? As outras três pessoas no jipe comigo tinham sorrisos firmes nos rostos.

Ao lado do banco do motorista estava o capitão Richard Smith. Tinha 30 e poucos anos e era um marido, um pai, meu oficial superior e um homem que eu teria seguido até as chamas do inferno. Uma descrição bem adequada para alguns dos lugares pelos quais havíamos passado nas últimas semanas.

Atrás do volante estava o cabo Lee Martin, na casa dos 20 anos. Um piadista irrefreável, um homem que nunca falava mal de ninguém e que daria a última moeda em seu bolso para você, caso precisasse.

Sentada ao meu lado, com seus cabelos loiros bem-aparados, estava a sargento Anne Jones. Ela era capaz de beber mais do que qualquer homem da unidade e ganhar da maioria na queda de braço, mas tinha uma paixão secreta pelos romances da Nora Roberts. Um dia eu a flagrei lendo um livro da autora e ela ameaçou cortar minhas bolas com uma faca enferrujada se eu contasse para alguém.

Cada um de nós tinha um sorriso no rosto ao sacolejarmos pela pista irregular ao longo da área bombardeada. E não era só por causa do sol, dos gracejos e das piadas a impressão de estarmos a caminho de um churrasco. Tinha a ver com o senso de conquista. Uma sensação de término.

Se alguém tivesse me perguntado, eu teria dito que era contra a nossa vinda ao Iraque. Mas a minha opinião não era importante. Eu estava servindo. Seguia as ordens. É isso que significa estar no Exército.

O que tornava aquele dia tão bom era saber que tudo terminara. Claro que haveria uma operação de limpeza, mas as tropas já tinham feito a sua parte. Ninguém duvidava que as armas de destruição em massa seriam encontradas. Ninguém do nosso lado, pelo menos.

As forças combinadas das tropas americanas e britânicas tinham derrubado um regime déspota. A justiça seria feita, finalmente, para o povo que sofreu por tanto tempo nesta terra arruinada.

Olhei para a minha direita. A sargento Jones estava vendo algumas das fotos que tirou em sua pequena câmera digital. Jones parou numa foto em especial e aumentou um pouco o zoom. A imensa estátua de 12 metros de Saddam Hussein, erguida em 2002 como celebração pelo seu aniversário de 65 anos, sendo derrubada por tropas americanas na Firdus Square, em Bagdá.

Ela tirou a foto no instante em que a cena estava sendo transmitida ao vivo numa pequena cafeteria, por uma televisão grandalhona presa na parede atrás do balcão. Jones fotografou a estátua no meio da queda e a imagem ficou surpreendentemente clara.

Uma foto icônica. Centenas de imagens parecidas estavam sem dúvida percorrendo os noticiários internacionais. Era um daqueles instantes que mudam o mundo, pensei. A queda do muro de Berlim. Armstrong andando na lua. Kennedy sendo alvejado.

O fato de aquilo ter acontecido do outro lado da rua do Palestine Hotel, onde repórteres do mundo todo estavam hospedados, nem passou pela nossa cabeça. Também deixamos de notar que não parecia haver muita gente comemorando.

Tanques americanos circulavam a área, o que era uma necessidade. Tiros de franco-atiradores impediram a primeira tentativa do tenente da Marinha Tim Mclaughlin erguer uma bandeira americana. A guerra talvez tivesse terminado, mas alguns combatentes ainda não sabiam. Jones desligou a câmera e sorriu de novo, protegendo os olhos para ver o sol.

9 de abril de 2003, o dia em que tudo mudou.

– Vai ser outro dia quente – comentou ela, sem surpreender ninguém, enquanto o jipe sacolejava pela estrada, segundos antes da mina terrestre detonar e explodir num clarão incandescente de dor, luz e morte.

capítulo 8

Senti como se tivesse sido enfiado num saco e chutado através do vestiário pela linha defensiva inteira dos Miami Rangers. Senti a areia áspera entupindo as narinas, o calor na pele esfolada das bochechas. Minha cabeça latejava como se estivesse sofrendo a pior ressaca da minha vida.

Meus olhos estavam fechados com força e não consegui me convencer a abri-los. Não me atrevia. Escutei um gemido baixo que parecia vir de um animal em sofrimento e demorei pouco tempo para reconhecer que o barulho vinha de mim.

Respirei fundo com dificuldade. Por fim, abri os olhos.

A luz do sol pareceu queimar minhas retinas. Fechei os olhos de novo e esperei alguns segundos, respirando fundo. Protegendo a visão com a mão, abri os olhos novamente.

Eu estava deitado de lado perto de uma perua Volvo destruída que me lembrei de ter passado antes da mina explodir. Coloquei o braço sobre a testa para proteger melhor os olhos da luz ofuscante. Meu corpo todo protestava contra o menor movimento, mas quando passei o peso para o quadril nada pareceu quebrado.

Olhei para a rua. A uns 5 metros de distância, a maior parte do nosso jipe estava soltando uma fumaça preta densa no céu azul, como um sinal de socorro enviado tarde demais.

O jovem motorista estava morto. Sua mão direita estava esticada na minha direção, como se implorasse por ajuda. Uma mosca pousava no seu olho aberto.

Mais para a frente jazia a sargento Jones. Momentos antes, ela celebrava a queda de Saddam Hussein. Agora estava tão inerte quanto a estátua derrubada do ditador. Tinha o pescoço torcido num ângulo impossível. Morta nas ruas, assassinada pelo mesmo regime que ajudou a derrubar. Morta antes de começar a nova era que ela desejava para o país.

Limpei o rosto com a manga e estreitei os olhos, verificando os arredores do jipe. Nenhum sinal do meu oficial superior. Eu ficaria coberto de hematomas,

mas estava vivo. Miraculosamente vivo. Levantei-me desajeitado sobre um joelho, estremecendo com a dor que atravessava o meu corpo. Meu joelho cedeu e a agonia tirou o ar dos meus pulmões. Caí de lado, em parte por instinto, em parte por causa do próprio movimento. Foi nesse momento que o tiro ressoou. Um único estalo agudo.

Uma fração de segundo depois, a bala acertou o meu braço esquerdo, logo embaixo do ombro. O impacto virou o meu corpo e eu caí de novo no chão, como um pino de boliche derrubado.

Encolhi o corpo e cobri a ferida com a mão. Não devia ter ficado surpreso. É procedimento padrão deixar um homem para trás caso alguém sobreviva à bomba. E também para admirar a explosão.

– Agacha, Carter! – gritou o meu comandante de algum ponto de trás do jipe arruinado. – O atirador está no prédio atrás daquele Volvo – acrescentou, sem muita necessidade. Coloquei a mão no meu braço ferido. Eu já tinha aquela informação específica. Abri o coldre no meu cinto e saquei a pistola.

– Fique parado! – gritou Richard de novo. – Ele tem você na mira.

– Senhor! – gritei de volta e ergui a cabeça para enxergar sobre o topo do veículo.

Outra bala acertou com força o metal do carro e eu precisei me jogar no chão de novo. O capitão Smith deu um tiro na direção do franco-atirador, mas ele estava numa posição protegida atrás dos restos queimados de uma casa.

“Sempre ouça o seu oficial superior. Não pense a respeito, apenas faça o que ele diz” resume bem o que eles repetiram à exaustão no campo de treinamento antes de eu me especializar com a PMR. Fique onde está, ele disse. Na hora pareceu um ótimo conselho.

Até a sargento Anne Jones mover a cabeça.

capítulo 9

ROLEI DE LADO MAIS UMA vez e me ergui.

Esticando o meu braço bom, passei a pistola por cima do Volvo detonado e fiz um disparo na direção do franco-atirador.

Pelo amor de Deus, essas pessoas não sabem que a guerra acabou?

Uma saraivada de balas chacoalhou o Volvo. Eu fiquei feliz, pois quem quer que estivesse mirando em mim não tinha um lançador de granadas.

– Em nome de Deus, o que você está aprontando, Carter? – berrou o meu comandante.

– Anne, senhor – respondi. – Ela se mexeu.

– Merda!

Ele não falou mais nada.

– Não podemos deixá-la aqui, senhor.

– Sim, obrigado pela informação, sargento. Ele está 45 graus à sua esquerda, janela do primeiro andar, lado direito. No três vou sair atirando. Quando eu chegar na sargento Jones, me cubra. Um, dois, três...

Uma rápida sucessão de tiros ressoou quando ele saiu do lado do jipe destruído segurando a pistola erguida com as duas mãos enquanto corria agachado até a sargento caída. Seus tiros crivaram de balas a parede e as janelas do prédio onde o franco-atirador estava.

Eu me ergui com um gemido, apoiei os meus braços no teto do Volvo e mirei. O capitão Smith chegou até a sargento Jones, soltou a pistola e se agachou para erguê-la do chão.

Vi um movimento na janela em que eu estava mirando e atirei. Atiraram de volta. Disparei de novo três ou quatro vezes e vi outro movimento. Será que tinha acertado?

– Está limpo! – gritou o capitão Smith, de trás de mim.

Eu estava prestes a baixar a pistola quando a luz do sol reluziu no cano de uma arma que acabara de aparecer na janela. O cano subiu e eu supus que o atirador

estivesse recarregando.

Sem pensar muito, dei a volta pelos restos do Volvo e corri mancando até o prédio, ignorando os gritos do meu oficial superior atrás de mim.

Contando na cabeça os segundos que o franco-atirador levaria para recarregar, fui tropeçando até a entrada do prédio. Troquei o pente da pistola e a mantive firme, mirando no topo da escada enquanto me erguia sobre um joelho.

Encostei o corpo na parede, mantendo a pistola tão firme quanto podia com o braço ferido. Um filete de suor desceu pela minha testa até o olho.

A casa, como as outras naquela área da cidade, tinha sido atingida por fogo pesado de morteiro. As paredes estavam danificadas pela fumaça, qualquer móvel que não tivesse sido destruído já fora saqueado havia muito tempo e a escadaria à minha frente parecia perigosamente inclinada.

Segui em frente com a arma na altura do ombro. Subi cada degrau devagar, ciente da instabilidade do meu calcanhar esquerdo, embora já não percebesse mais a dor.

Inclinei-me contra a parede à direita para ficar menos exposto. Prendi o fôlego enquanto subia cada centímetro por vez.

Eu estava no quinto degrau, cerca de dois terços do caminho até o topo, quando a superfície logo abaixo do meu calcanhar cedeu. Minha perna passou pela madeira destruída e eu caí de lado. Estendi os braços para tentar manter o equilíbrio e a pistola bateu na parede.

Outro filete de suor escorreu até o meu olho. Foi depois de limpá-lo que eu vi o cano de um rifle apontado bem na minha cara.

capítulo 10

O AR FOI TOMADO PELO SOM de tiros.

Uma bala acertou a minha coxa e me fez cair para trás, arrancando a minha perna direita da escadaria danificada e me fazendo cair pelos degraus no chão de concreto. O capitão Smith estava no vão da porta, com o dedo afundado no gatilho do fuzil.

Segundos depois, o cadáver do insurgente iraquiano caiu pela escadaria e aterrissou ao meu lado, sua cabeça batendo no chão duro. Ele não gritou. Estava morto.

Olhei para a entrada. Vi a silhueta do oficial superior através da fumaça iluminada.

– Obrigado pela ajuda – gritei para ele, os dentes cerrados.

– *De nada* – respondeu ele, antes de cair de joelhos, sua arma batendo no chão.

– Capitão – falei, tentando me erguer e mancando na direção dele.

– Anne não sobreviveu – informou ele, com a voz rouca. – Acho que eu também não irei sobreviver.

Ele caiu para a frente e eu o segurei.

– Parece que é só você, Dan.

– Não diga isso. Vamos procurar ajuda. Vamos ficar bem.

Ele meneou a cabeça, fraco.

– Ouvimos mentiras demais nessa guerra maldita. A verdade é que a gente nem deveria estar aqui e eu não acho que o que aconteceu hoje vai mudar alguma coisa.

– Aguenta firme. Vou buscar ajuda.

Ele balançou a cabeça de novo.

– Me faz um favor? – Sua voz era um sussurro.

– Qualquer coisa – respondi, com a voz suave.

– Cuide da Chloe por mim – disse o capitão Smith. Em seguida, soltou o ar e morreu nos meus braços.

– Pode deixar, chefe – respondi, com lágrimas nos olhos. – Pode deixar.

capítulo 11

O AVISO PARA APERTAR OS CINTOS acendeu novamente e o sobressalto afastou o meu devaneio. Pelas minhas contas, estávamos a cerca de meia hora de Heathrow. Verifiquei o meu cinto de novo, um hábito que você adquire no exército: “Cuide do seu equipamento e, com sorte, o seu equipamento cuidará de você.” A fivela estava bem encaixada.

Hannah não parecia ter se incomodado com o aviso inicial de possível turbulência. Estava ouvindo música no iPod. Algum rap malfeito, provavelmente, ou o quer que a garotada bacana estivesse ouvindo hoje em dia. Pode me chamar de antiquado, mas gosto de músicas que tenham um pouco de melodia.

Talvez eu *esteja* ficando velho.

Quando o 787 passou por uma leve turbulência, eu envelheci uns cinco anos pelo menos. Voar podia ser o jeito mais seguro de viajar, mas também era o meu pior pesadelo. O avião construído com tecnologia de ponta caiu como uma pedra. Senti uma pequena mão segurando a minha e vi a jovem que eu estava escoltando me observando, preocupada.

– Está tudo bem – disse ela. – Estatisticamente você tem muito mais chances de morrer atravessando a rua do que voando.

Pessoas que inventam ditados assim deveriam ser fuziladas.

– Eu sei disso.

– Mas parecia que você estava prestes a ter um ataque cardíaco.

Percebi que Hannah tentava parecer corajosa. Forcei um sorriso.

– Indigestão – expliquei. – Eu devia ter recusado aquele sanduíche de lagosta. Nunca me dou bem com crustáceos em altas altitudes.

– Eu sou judia – disse Hannah.

Fiquei claramente intrigado.

– Judeus não comem crustáceos – explicou ela.

– Eu sabia disso e é muito sábio – assenti. – Pode detonar com os sucos

gástricos. – Fiz uma careta quando o avião sacolejou mais uma vez.

– Se vive no mar, tem que ter barbatanas e escamas para ser kosher. Mas eu não ligo. Adoro lagosta.

– Não é ortodoxa, então?

Ela olhou para mim de novo.

– Não sei direito o que eu sou. Nem fiz Bat Mitzvah.

Seus olhos pareceram se encher de tristeza de novo. Percebi que ela ainda estava segurando a minha mão. De repente, tão rápido quanto começou, a turbulência sumiu. Ela sorriu para mim, mas a tristeza nos seus olhos não foi embora.

– Então você vai cuidar de mim na Inglaterra? – perguntou Hannah, soltando a minha mão.

Não pude ter certeza, mas pensei ter detectado um traço de humor nos seus lábios quando ela fez a pergunta.

– Sim – confirmei. – Vou cuidar de você.

PARTE DOIS

capítulo 12

Hoje: Londres, Inglaterra

Londres é a melhor cidade do mundo. Não acredite em ninguém que diga o contrário. Pelo menos em maio é a melhor cidade do mundo. Quando o sol está brilhando.

Eu estava na janela panorâmica do meu escritório olhando para a Rua New Oxford. A Private tornou-se uma agência internacional de investigações. Temos escritórios em Los Angeles, Nova York, Roma, Dublin... e aqui em Londres, claro. Estamos em expansão o tempo todo. Somos os maiores e os melhores. Nossos clientes vão de lendas do rock a estrelas do cinema e departamentos governamentais. Desde uma esposa com suspeitas do marido mulherengo até a própria Polícia Metropolitana.

Uma das nossas maiores clientes era a mulher que eu observava cruzar a rua, da janela de meu escritório: Alison Chambers, mandachuva da empresa jurídica que ocupava os quatro andares abaixo de nós, a Chambers, Chambers & Mason. Seus quadris balançavam como se ela soubesse que estava sendo observada. É claro que ela estava sendo observada! Apreciada era um termo melhor. Alison Chambers atraía olhares como um doce atrai formigas.

Abriu o carro e ergueu a mão direita sobre a cabeça, estendendo o dedo do meio para mim. Eu sorri. Nós tínhamos um jantar combinado para mais tarde. Aquele gesto era uma brincadeira para ela. Eu gostava disso. Alison era sempre provocadora.

Olhei para o pôster original do filme de Bogart e Bacall, À *beira do abismo*, pendurado na parede ao lado das janelas. Como sempre, "Bogey" parecia estar me julgando. Eu não conseguiria imaginar Bacall mostrando o dedo para ele. Aquele tinha sido um presente de uma ex-mulher, que deve ter se achado muito engraçada. Eu sou um detetive particular, afinal. Mas é aí que termina a semelhança. A diferença entre Dan Carter e o homem de chapéu é que eu só tenho a minha inteligência para me manter vivo. Nós não temos licença para

carregar armas!

Eu tinha acabado de terminar uma videoconferência com Jack Morgan. Ele estava testemunhando num caso importante cujo julgamento acabara de começar em Los Angeles. Uma juíza da Suprema Corte fora acusada do assassinato de sua amante lésbica. Aquilo o deixaria fora de cena por um tempo. O caso estava chamando mais atenção do que o julgamento de O. J. Simpson. Jack odiava esse tipo de publicidade gratuita.

Mas ele não tinha escolha. A juíza era sua amiga íntima e os homens de terno tinham apanhado Jack com uma intimação. Eles o colocaram num hotel com dois agentes do FBI a tiracolo. Ou compareceria à corte na segunda pela manhã ou seria preso por desobediência.

A boa notícia é que a Private Londres não estava lidando com nada que exigisse a sua atenção. Tivemos um bom mês, conquistamos acordos em dois casos corporativos de longa data e ainda havia muito mais negócios na fila. Uma vez na vida, Dan Carter tinha um fim de semana livre de trabalho pela frente. E eu pretendia aproveitar esse tempo.

O meu otimismo é bastante ingênuo. O cara que se inclinou na proa do *Titanic* devia ser assim também. Eu nunca vi o filme, mas tenho a impressão de que não acabou muito bem para ele.

Meu telefone tocou. Atendi.

– Dan. É Wendy Lee. Nós temos um problema.

capítulo 13

Universidade Chancellors, Londres

A QUASE MEIO QUILÔMETRO DA SEDE da Private em Londres, seguindo para o sudeste, um barman com 20 e tantos anos chamado Ryan carregava uma bandeja cheia de doses de tequila na direção de dois estudantes embriagados.

Eles levaram as bebidas para uma mesa próxima e as distribuíram para um grupo de jovens igualmente bêbados. Estavam todos vestidos com as cores do time de rúgbi da universidade, misturando cerveja com destilados.

Desprezo era uma palavra muito leve para descrever o que o barman sentia pelos rapazes. Ele era um estudante de pós-graduação e havia trabalhado em dois empregos para se sustentar durante a graduação. Esse bando de imbecis não seria capaz de reconhecer um dia de trabalho ou uma dívida se alguma dessas coisas mordesse suas bundas privilegiadas. Olhou para uma mulher bonita de cabelos escuros sentada no bar. Às vezes ele odiava esse emprego. Às vezes gostava.

Chloe Wilson nem percebeu que o barman a encarava. Estava de salto alto, animada e pronta para *festejar*. Pelo menos aquele tinha sido o plano. Suas duas amigas, Laura Skelton e Hannah Durrant, estavam tomando vodcas e Red Bulls desde as seis da tarde como se o álcool estivesse prestes a acabar no universo. E por que não? Era primavera, sexta à noite, e elas eram estudantes com 20 e poucos anos, no coração de Londres. Mas Chloe tinha maneirado na bebida. Alguém precisava ficar de cara limpa. Londres podia ser um lugar perigoso, afinal. Mesmo no campus.

A Universidade Chancellors de Londres, também conhecida como CUL ou Chancellors, ficava espalhada pela capital, assim como a maior parte das faculdades londrinas. Mas a CUL datava do século XVI. Foi fundada pelo cardeal Thomas Wolsey, súdito de Henry VIII. Tinha um ou dois blocos centrais e salas de conferência nos prédios residenciais antigos, conectados por um emaranhado de praças e passagens. No século XVI a estrutura abrigou uma escola de teologia que buscava rivalizar com o Magdalen College, da

Universidade de Oxford.

Seu ensino era muito mais secular atualmente. Depois da Reforma, a Paróquia da Santíssima Virgem foi uma das primeiras a ser reestruturada. Todos os ornamentos de devoção católica foram arrancados. Agora o lugar era chamado de Bar da Paróquia. Ficava na parte norte da Chancery Square, embaixo da reitoria principal. Na prática, um porão completamente repleto de jovens entusiasmados e cheios de hormônios.

Como, por exemplo, as três lindas jovens perto do balcão movimentado do bar.

Ryan se aproximou para perguntar se elas precisavam de mais drinques. A mulher de cabelos escuros que ele observara meneou a cabeça, mas suas amigas esvaziaram os copos e os estenderam para um refil. Nem sequer um “por favor” ou “obrigada”.

Colin conhecia os seus fregueses. Alguns estavam terminando a faculdade, outros haviam terminado seu primeiro ano. Todos com um futuro brilhante pela frente, confiantes, conversando em voz alta, com roupas de grife e dentes perfeitos. O privilégio que herdaram seria transmitido para as gerações seguintes, como sempre aconteceu.

Alguns, no entanto, não teriam um futuro.

Só que ainda não sabiam disso.

capítulo 14

ADRIAN TUTTLE, UM SUJEITO ALTO e desengonçado chegando aos seus 30 anos, fechou a porta de passageiro do meu carro com um pouco mais de força do que deveria.

– Calma, Adrian. Quando você entra na Private, você está de plantão 24 horas por dia, sete dias por semana. A vida amorosa sempre vem em segundo lugar. Isso está no contrato.

– Que vida amorosa?

Olhei para o relógio. Adrian precisou cancelar um encontro quando recebemos a ligação da Polícia Metropolitana, mas eu não tinha nenhuma intenção de cancelar o meu.

Adrian era o fotógrafo forense da empresa. Tinha um carro pronto para usar, mas fora reprovado no teste de direção seis vezes. Sua sorte com as mulheres era tão incrível quanto.

Wendy Lee, sua chefe direta, uma mulher de um metro e meio cheia de energia chinesa e ex-patologista do Serviço de Ciência Forense, tinha ligado para ele de Holborn. O carro dela estava quebrado, então concordei em dar uma carona a Adrian até a cena do crime e encontrá-la lá. Não era uma boa ideia pegar um táxi no trânsito de sexta-feira à noite em Londres. Por se tratar de trabalho, eu podia colocar a luz azul no teto da minha BMW 4x4, ligar a sirene e passar direto pelos motoristas.

Também poderia ter pedido para um dos meus agentes levá-lo, mas gosto de sair em campo com a equipe de vez em quando. Isso ajuda os funcionários a entenderem que na Private nós trabalhamos como um time.

Se eu quisesse ficar num escritório lidando com burocracia trabalharia num banco.

Chegamos ao local. Estava tomado por viaturas estacionadas, com as sirenes azuis piscando e a fita amarela impedindo o público de alcançar a cena do crime.

– Talvez ela fosse especial – continuou Adrian, taciturno, enquanto abria o

zíper de uma maleta grande.

– Você vai ter outra chance – disse, dando um tapinha nas suas costas enquanto ele vestia o macacão para entrar na cena do crime. – Existe alguém para todo mundo, sabe. Até para você.

As pessoas supõem que os fotógrafos forenses são membros da polícia. Às vezes até são. Mas a Polícia Metropolitana, assim como outras agências nacionais, também usa empresas terceirizadas.

A divisão forense da Private Londres tem um contrato com a Polícia Metropolitana, exclusivamente na área de fotografia. Os patologistas forenses em si agem sob comando do Serviço de Ciência Forense, o capitular SCF, uma agência que trabalha com a polícia.

A chefe de Adrian, Wendy Lee, já era uma patologista popular e muito respeitada no capitular SCF antes de eu recrutá-la para liderar a unidade forense da Private. Alguns casos exigem análises independentes antes de serem levados à corte, e os recursos de que a Private dispõe exerceram quase tanta atração sobre a Dra. Lee quanto o salário mais alto que usei para seduzi-la. Ela teve acesso ao tipo de tecnologia superior com o qual a Polícia Metropolitana podia apenas sonhar.

O detetive responsável pelo caso, Ken Harman, me cumprimentou. Já tínhamos trabalhado juntos antes.

– Dan.

– Ken.

Em seguida, ele ergueu a fita amarela para permitir a nossa entrada.

POLÍCIA – NÃO *ULTRAPASSE O LIMITE*

Mas alguém *tinha* ultrapassado, pensei com ironia. Como sempre, foi o cheiro que me atingiu primeiro.

Alguém realmente tinha ultrapassado o limite.

capítulo 15

Os agentes presentes na cena do crime estavam de um lado, prontos para começar a analisar o espaço depois que tivesse sido minuciosamente fotografado.

A área estava toda iluminada, como se fosse um set de filmagens. Adrian ligou sua filmadora HD portátil e começou a gravar. Olhei para o cadáver, envolto num plástico translúcido. Dava para dizer apenas que era uma mulher.

– Quem a encontrou? – perguntei.

O detetive resmungou, talvez por desagrado ou talvez por ter algo preso na garganta.

– Um moleque de 14 anos chamado Jason Kendrick. O guri estuprou e esfaqueou uma prostituta adolescente a umas duas ruas daqui. Fugiu pra cá como um rato quando ouviu as sirenes. Aí correu de volta assim que viu isso – explicou Harman, apontando para o corpo mutilado.

– Reação compreensível – respondi.

O detetive resmungou de novo.

– Compreensível, mas imbecil. Estava tão desesperado que foi atropelado por uma viatura. – Harman sorriu de novo.

– Nossa! E a garota estuprada?

– Ela vai sobreviver. Caiu em cima da própria faca enquanto tentava se defender dele, mas não acertou nenhum órgão importante. Teve sorte.

– Imagino que sim, mas é um tipo de sorte do qual eu prefiro não precisar.

– Concordo.

– E o garoto? Como ficou?

– Ele vai viver. Está com alguns cortes e arranhões. Bateu na lateral do carro e perdeu o fôlego, pelo visto. Não conseguia respirar e achou que ia morrer. – Harman torceu a boca numa expressão que ficava entre uma carranca e um sorriso. – Não dá para dizer que o mundo teria ficado pior se ele tivesse morrido.

Não fiz nenhum comentário. Parece que existe todo tipo de azar no mundo. O

tipo que faz você trabalhar nas ruas e vender o seu corpo enquanto ainda é pouco mais do que uma criança. O tipo que faz você ter problemas com a lei quando tem 5 anos de idade porque ninguém o ensinou direito. O tipo que leva você a correr até uma viatura em movimento nove anos depois, tendo cometido um crime, vai fazer você passar o resto da infância, e mais um pouco, num presídio de menores.

O tipo de azar que faz você acabar no chão frio de uma oficina velha, sendo o centro das atrações de uma maneira que ninguém desejaria para si nos piores pesadelos.

Observei Adrian baixando a gravadora portátil, abrindo o zíper da maleta e pegando a câmera fotográfica. Ele prendeu a lente na câmera e começou a fotografar o cadáver.

A máquina era uma MD180, que, segundo Jack Morgan, é a melhor câmera já fabricada para o processamento de cenas de crime. Ele tinha insistido para que a unidade forense da Private Londres usasse o mesmo modelo e eu acho que Adrian o beijaria na boca pela escolha. Manuseava o instrumento com tanta reverência quanto faria com uma amante.

Wendy Lee passou por baixo da fita, vestida com o macacão, mas sem as luvas.

– Vou deixar vocês fazerem o seu trabalho – disse.

– Chefe.

Dei outra olhada no cadáver. Como havia dito, estava envolto por plástico. Mas os ratos devoraram a parte central, expondo o torso, a região pélvica e parte da caixa torácica. Os ossos estavam salientes e boa parte da carne e dos órgãos estavam expostos. Não havia acúmulo de sangue ao redor do corpo.

De repente um policial uniformizado cobriu a boca com a mão e saiu correndo.

Também fui embora.

Não era o começo de final de semana que eu tinha planejado.

capítulo 16

– Quem ficou responsável por processar o corpo? – perguntou a Dra. Lee.

Ela estava olhando para o pálido detetive, que, por sua vez, evitava deliberadamente olhar para o show de horrores aos seus pés.

Ken Harman gesticulou quando uma mulher alta entrou. Wendy a cumprimentou com a cabeça, satisfeita. A Dra. Harriet "Harry" Walsh trabalhava como sua assistente antes de ela deixar o capitular SCF. Wendy nunca se arrependeu da mudança de emprego. Claro, não era mais ela quem processava os corpos nas cenas do crime, mas aquilo era só coleta de dados, afinal. E o importante não era a coleta, mas sim o que seria feito depois. E agora Wendy Lee podia trabalhar com dados cuja coleta era feita muito mais rapidamente do que pelo capitular SCF.

– O que você tem para mim, Ken? – perguntou a patologista, aproximando-se com as luvas de látex obrigatórias. Inclinou a cabeça e prendeu um emaranhado glorioso de cachos ruivo-dourados, que reluziram por um instante sob a forte luz artificial antes de serem escondidos pelo boné protetor. Endireitou a coluna e sua altura de 1,80 metro com sapatos sem salto fez Wendy Lee se sentir diminuída, e não foi a primeira vez naquela noite.

– Parece ser uma vítima não identificada – respondeu o detetive. – Difícil dizer, para um leigo como eu. Quem quer que seja, parece que está alimentando uma família de *Rattus norvegicus* há algum tempo.

– Você não parece muito bem – comentou Harriet Walsh.

– Eu tinha acabado de comer um kebab grande quando recebi a ligação. Não devia ter pedido o molho apimentado.

A Dra. Walsh deu um breve sorriso compreensivo e se voltou para Wendy Lee.

– O que você acha?

– Acabei de chegar, Harry. Mas é uma mulher... parece ter 20 e poucos anos.

A Dra. Walsh olhou para a forma que se revelou como um corpo humano e suspirou.

– E fora da temporada de caça.

Ela chamou os dois assistentes que estavam por perto. Então se ajoelhou para abrir o invólucro que cobria parcialmente o cadáver. Usou um bisturi para cortar o plástico, retirando-o tão delicadamente quanto possível.

Qualquer evidência poderia ser vital. O menor traço de tecido, lama ou sangue. Nada podia ser dado como certo. A cena toda seria processada, fotografada, filmada e analisada. E isso leva tempo.

Cerca de meia hora depois, o plástico usado para envolver o corpo tinha sido removido e o pacote grotesco se abriu como um presente macabro.

Agora estava bem claro que era uma mulher. Seria impossível saber a idade exata sem uma análise forense adequada, mas os cabelos compridos, o osso pélvico exposto e os restos dos seus seios mutilados deixavam claro o sexo da vítima.

Uma mulher jovem. Tomada. Assassinada. E deixada para os ratos na imundice de um armazém numa rua afastada.

capítulo 17

– O QUÊ? – CHLOE WILSON QUASE gritou as palavras, mas se tivesse sussurrado não teria feito a menor diferença.

A música alta ainda tocava continuamente no bar subterrâneo de estudantes e o barulho reverberava nas paredes grossas formando ondas de som. Chloe mal conseguia pensar. Como poderia escutar o que sua amiga estava tentando dizer? Teve que gritar de novo ainda mais alto contra o barulho da música e das conversas ao seu redor.

– Eu não consigo ouvir! O que você disse? – indagou ela, forçando a garganta para falar mais alto.

Sua amiga Hannah se aproximou, chamando a atenção de dois estudantes jovens do primeiro ano. Cheios de acne e álcool, eles tentaram dar uma olhada disfarçada por cima de seu decote. Hannah mostrou o dedo do meio para eles e passou o braço ao redor do ombro de Chloe.

– Perguntei se queria outra vodca – falou a amiga, com seu sotaque puro da Costa Oeste dos Estados Unidos. Da parte rica, vale acrescentar.

Chloe tomou um gole de sua bebida ainda pela metade e balançou a cabeça. Ela estava meio tonta de novo. Sentindo a onda de calor passar pelo rosto, ela apoiou a mão na superfície fria de mármore do balcão para se equilibrar.

– Não. Preciso comer alguma coisa. Estou meio zonza. Vamos comer uma pizza e partir para uns bares em Soho, que tal?

– Boa ideia, amiga – disse Hannah. – Aqui só tem essas crianças excitadas.

Chloe assentiu de novo, mas dessa vez com menos vigor.

– Mas antes preciso fazer xixi.

Chloe observou Hannah se juntar a sua outra amiga, Laura. Laura a arrastou para longe de um jovem desengonçado com cabelos desgrenhados que tentou puxar um papo e ambas seguiram para o banheiro feminino. Chloe tomou mais um pequeno gole do drinque e abanou a mão na frente do rosto. Cristo, como estava quente lá dentro, ela pensou pela centésima vez em meia hora. Talvez ela

não precisasse de comida, só de ar fresco.

– Tudo bem? – perguntou uma voz masculina e amigável.

Chloe estava prestes a mandar o cara dar o fora quando notou que era só o barman falando com ela. Um sujeito de aparência razoável, julgou, com uns 20 e tantos anos. Era um estudante de pós-graduação pesquisando história da arte, se ela lembrava direito. A menos que Chloe estivesse enganada, ele estava encantado por Laura, sempre a observando com olhos quando elas entravam no bar. E quem podia culpá-lo? Laura era linda. Brilhante, esperta, perfeita. Características perigosas numa mulher, como uma vez o padrinho de Chloe comentou, dando uma de comediante.

Ela meneou a cabeça para o barman, tentando lembrar o nome dele.

– Estou bem, sim, obrigada. Só preciso de um pouco de ar.

– Desculpe, não vendemos ar.

Chloe riu e se arrependeu na mesma hora. A sala começou a girar de novo e ela precisou respirar fundo e se equilibrar. Nunca mais ia beber, ela pensou. Não tinha dinheiro para ficando bebendo assim.

– Não, eu estou bem, Ryan – falou ela, finalmente lembrando-se do nome.

– Tome um copo de água – ofereceu o barman, passando um copo que ele tinha acabado de servir.

– Saúde – disse Chloe, tomando um gole, agradecida.

– Chloe, né?

– Isso mesmo.

– Pesquisando Psiquiatria e direito?

– Você andou *me* pesquisando?

O barman corou um pouco.

– Não, a sua amiga Laura me disse.

– Vem, Chloe, para de conversar com os empregados – chamou Hannah, enquanto conduzia Laura pela multidão em direção à porta. Chloe viu Ryan observando ambas partirem. Hannah estava rebolando um pouco mais que o normal, sabendo que Ryan estaria olhando.

Chloe sentiu uma pontada de simpatia pelo barman. Ele não estava nem olhando para Hannah, seu olhar estava fixo em Laura. Aqueles doces olhos pidões mostrando verdadeira devoção a uma causa perdida. Chloe deu um sorriso triste. Laura quebraria muitos corações nos próximos dois anos, antes de

finalmente se acomodar. Droga, Hannah faria o mesmo. Ambas passaram pelos homens do bar gerando o mesmo efeito de potentes ímãs atraindo limalhas de ferro. Alguns receberam um olhar raivoso ou uma cotovelada na costela de suas namoradas insatisfeitas.

– Nos vemos depois – disse Chloe para o barman ainda distraído. Terminando o copo de água, ela se virou para ir embora, mas sua perna direita cedeu e ela caiu.

capítulo 18

– Reserva no nome de Dan Carter – informei para a loira esbelta com postura autoritária atrás do balcão de recepção do restaurante Scott's.

Alguns podem achar estranho sair de uma cena de crime em King's Cross e seguir direto para um restaurante chique em Mayfair. Mas a triste verdade é que você acaba se acostumando. Precisa se acostumar. Caso contrário,vai pirar. Não é que você não se importe. É que não pode se dar ao luxo de tornar a coisa pessoal.

O Scott's sempre foi popular, mas extrapolou no momento em que a atriz mais bem-paga do mundo declarou que aquele era o seu restaurante predileto em Londres. O Scott's agora era *o* ponto para uma pessoa ser vista jantando.

Abri um sorriso charmoso para a recepcionista. Ela não chegou exatamente a fazer uma expressão de escárnio ao baixar os olhos para a lista de reservas, mas a fração de milímetro que a sua sobrancelha esquerda se ergueu passou exatamente essa impressão.

Baixei os olhos e encarei os meus sapatos. Talvez ela reprovasse a minha falta de meias?

– Don Cotter? – perguntou a recepcionista.

– É Carter – corrigi. – Dan Carter.

Ela gesticulou para seguirmos em frente e nos conduziu para o interior do restaurante, até a nossa mesa.

– Viu, Alison? – perguntei. – Cumpri o combinado. A Private é grata pelo trabalho que você nos passa.

– Você e seus sócios estão fazendo um bom trabalho, Dan. É simples assim. Mantenham o rumo e vamos continuar contratando vocês.

Alison Chambers era a sobrinha (e menina dos olhos) de Charles William Chambers, da Chambers, Chambers & Mason. A Private Londres opera em várias áreas diferentes. Segurança particular e investigações para pessoas com dinheiro suficiente para nos contratar, ou que não queiram o envolvimento da

polícia por qualquer razão. E, no outro lado da moeda, trabalhamos com a Polícia Metropolitana, que tem um contrato com a nossa divisão forense. Também fazemos muitas investigações financeiras e corporativas. Sabotagem industrial, roubo de propriedade intelectual, fraude...

Então manter proximidade com a empresa que ocupava os andares abaixo era conveniente para nós, e para mim era conveniente manter proximidade com Alison Chambers. Seu tio podia ter o próprio nome na frente do prédio, mas Alison era o verdadeiro motor da empresa.

Observei enquanto ela analisava o cardápio, os óculos de leitura coloridos apoiados delicadamente na ponta de seu nariz bem-talhado, como uma borboleta exótica prestes a sair voando. Seus olhos grandes e marrons, avaliando as entradas, estavam tão concentrados que ela parecia estar examinando um contrato milionário.

– Ouvi falar que o coquetel de camarão daqui é bom – comentei.

Ela não riu.

– Que tal fazer algo útil e pedir um pouco de vinho? Algo com bolhas dentro – sugeriu ela.

Ergui um dedo discretamente e chamei o garçom. Ele deu um sorriso profissional ao se aproximar e outro, legítimo, ao ver Alison.

Ela tinha esse efeito sobre os homens. Até mesmo os gays. *Especialmente* homens gays, para falar a verdade. E isso num restaurante que tinha Elizabeth Hurley sentada a três mesas de distância e, na mesa ao lado, a garota que interpreta a companheira do Doutor na série *Doctor Who*.

Eu reparo em detalhes desse tipo. É o meu trabalho. Sou um detetive.

– Posso ver a carta de vinhos? – pedi para o garçom sorridente. – E que cervejas vocês têm?

Alison Chambers estalou a língua.

– Eu não preciso da carta de vinhos – replicou ela. – Vocês ainda têm aquele Henriot Enchanteleurs de 1990?

O garçom irradiou alegria.

– Temos sim, madame.

– Então aceito uma taça.

– Receio que seja vendido apenas pela garrafa.

– É melhor pegarmos a garrafa, então – concluiu ela.

– E uma garrafa de Corona para mim – falei. – Se você ainda tiver.

Pouco tempo depois, o garçom voltou com uma garrafa resfriada da champanhe de três dígitos para Alison e uma garrafa de cerveja bem gelada para mim. Enchi o copo.

– Como está indo aquele caso de chantagem? – perguntou ela.

– Não vamos falar de trabalho, Alison. Isso deveria ser prazer, não negócios.

Ela ergueu a mão esquerda, chamando atenção para a aliança.

Eu mencionei que ela é casada? Alison e eu somos melhores amigos desde a faculdade e eu até flerto com ela, mas nunca faria algo que pudesse arriscar nada.

– Ótimo, então. Vamos celebrar. Vou começar pedindo alguma coisa para acompanhar essa champanhe excelente. Meus amigos me disseram que o caviar aqui é muito bom, com blinis e creme de leite.

– Que tal uns pãezinhos com bastante geleia?

O sorriso dela ficou maior.

– Que tal cinquenta gramas?

Mantive o meu sorriso, mas foi por pouco. Seiscentas pratas e ela ainda nem tinha chegado no prato principal. Mas o jantar era por conta da Private, então... que diabos, a gente podia bancar. Abri um sorriso luminoso.

O fim de semana estava melhorando, sem dúvida.

capítulo 19

CHLOE APOIOU UMA DAS MÃOS no bar e se equilibrou, afastando o braço de um dos jogadores de rúgbi que tinham vindo ajudá-la a se levantar um ou dois minutos atrás.

– Agora eu estou bem – disse, irritada. – Fiquei um pouco tonta, só isso.

O jogador de rúgbi ergueu as mãos e saiu da frente dela.

Chloe fez esforço para atravessar a multidão e tentar chegar até as suas amigas. Elas já estavam do outro lado do bar, de braços dados e cantando a plenos pulmões, como se os moleques movidos à álcool no caminho precisassem de mais encorajamento. Um grupo deles também tinha dado os braços e começou a cantar junto, bloqueando o caminho de Chloe até a porta. Ela levou um tempo para conseguir passar. Teve que dar um tapa num jogador que aproveitou a oportunidade para se esfregar contra o seu corpo de um jeito que, para ela, beirava uma agressão criminosa. Em qualquer outro dia ela teria feito mais do que só dar um tapa no imbecil, mas queria sair e tomar um pouco de ar.

Quando finalmente alcançou a entrada e fechou a porta com firmeza atrás de si, Chloe se sentiu grata por abafar o barulho e começou a subir a escadaria que dava para a rua. O ar fresco da noite amenizou um pouco o seu estado. A cantoria barulhenta das suas amigas, agora a certa distância, ecoava pelo quadrante. Sem dúvida, fazendo o fantasma do cardeal se revirar no túmulo.

– Esperem. Me esperem – chamou Chloe, mas a sua voz estava fraca de tanto gritar no bar e as amigas não mostraram nenhum sinal de terem ouvido. Ela balançou um pouco a cabeça para se livrar do efeito da vodca e apertou o passo enquanto subia pelos degraus de pedra. Ficou feliz por não estar usando saltos altos. Com 1,78 metro de altura ela não precisava de saltos. Além disso, os homens não gostavam quando ela os olhava de cima. Sabia disso desde os 15 anos, quando atingiu a altura que tinha agora.

Conseguiu ver as amigas entrando à direita numa das passagens que ligavam o emaranhado de prédios. Chloe tropeçou um pouco quando começou a correr para

alcançá-las e precisou parar por um instante para se equilibrar, mas logo chegou na curva. A iluminação diminuiu conforme as luzes do quadrante foram ficando para trás.

Uma das lâmpadas de rua vitorianas que ficavam elegantemente espalhadas pelas pistas estava queimada, bem na dobra da curva. Chloe ergueu os olhos para o poste, infeliz. A universidade tinha a obrigação de manter a área bem-iluminada. Os prédios altos dos dois lados da rua estreita intensificavam a escuridão. Um grito abafado à sua frente a distraiu dos seus pensamentos, deixando Chloe sóbria num instante. Ela correu até a próxima curva, respirando rápido para bombear oxigênio no sangue.

À sua frente havia um grupo de cinco homens com capuzes e roupas escuras, três dos quais agarraram as suas amigas. Dois pegaram Laura e um agarrou Hannah pelo pescoço. Os outros dois estavam recostados numa perua preta.

– Tirem as mãos delas, seus *putos*! – Chloe tentou gritar, mas apenas um resmungo doloroso e rouco saiu de sua garganta. A adrenalina começou a fazer efeito. Ela correu na direção do grupo. Um dos homens se voltou na direção dela. Tinha uma expressão de desdém, embora os olhos estivessem ocultos pelo capuz. Chutou-o com força na virilha e o desdém sumiu quando ele caiu no chão, gemendo.

Sentiu um braço puxando-a para trás e virou, esquivando-se e enfiando um punho duro no esterno do atacante, seguido de um soco no queixo. Mas ela estava lenta, muito mais lenta do que deveria ter ficado. O soco errou o alvo e o homem se moveu, fazendo com que seu punho acertasse a lateral de sua cabeça, um golpe de raspão. Ele devolveu com uma porrada, mas Chloe tinha antecipado o movimento. A jovem entrou no movimento aberto do golpe, agarrando o braço e usando o impulso do soco para puxá-lo na sua direção. Então abaixou a cabeça, batendo a sua testa contra o nariz dele. Houve um barulho gratificante de cartilagem. O homem guinchou como um porco imobilizado e caiu de joelhos, as mãos cobrindo o nariz destruído e ensanguentado.

Chloe respirou fundo e se voltou para a perua. Dois dos três homens restantes correram na direção dela, embora estivessem um pouco receosos. Um deles segurava Laura com firmeza, pressionando o corpo dela contra o próprio com um braço musculoso. Ela viu o lampejo do aço quando ele puxou uma faca comprida do casaco. Viu Hannah tropeçar, escutou um grito. Laura caiu no chão

e foi puxada para cima com força.

– O que vocês querem? – gritou Chloe para os homens, segurando as mãos para a frente, pronta para golpear.

– Vá embora agora e você não irá se machucar – respondeu a figura encapuzada em voz baixa, pressionando uma Hannah horrorizada contra o lado da perua preta.

Chloe balançou a cabeça.

– Soltem elas – exigiu, dando um passo à frente, as mãos estendidas como facas enquanto ela se aproximava dos dois. Sua cabeça já estava começando a funcionar melhor. O homem segurando Hannah a fez se lembrar de algo. Ela tentou se prender ao raciocínio, mas não conseguiu. Apesar de toda a adrenalina, as sinapses no seu cérebro ainda não funcionavam cem por cento.

Ela fez outro movimento lento, sem tirar o pé do chão enquanto o deslizou pela superfície desigual da rua, agora duplamente grata por não estar de saltos altos. O homem encapuzado que não estava segurando Laura nem Hannah também deu um passo para a frente. Chloe se virou de lado mais rápido do que ele conseguiu acompanhar e chutou com o pé direito, acertando-o no joelho.

– Está tudo bem, Laura – ela falou para a amiga horrorizada. – Vai ficar tudo bem.

Laura balançou a cabeça e arregalou os olhos, em pânico, em choque.

– Confie em mim, gata – disse Chloe, entendendo mal a reação da amiga. – Eles não vão sair dessa!

Ela viu o homem segurando Laura dar um passo para trás e avançou mais alguns centímetros com o pé. Chloe sentiu o movimento de ar atrás de si. Antes de ter chance de reagir, o taco de beisebol a atingiu na nuca. Ela desabou e bateu no chão frio de paralelepípedos.

capítulo 20

A DRA. HARRIET WALSH SE AJOELHOU e examinou as feridas abertas.

– Causa da morte? – perguntou o detetive Ken Harman.

A Dra. Walsh olhou para trás e deu de ombros.

– Por enquanto não posso dizer. Nenhum hematoma no pescoço, nenhuma evidência de tiro. Os tecidos moles e os órgãos foram comidos.

– Mas foi assassinato?

Ela deu de ombros mais uma vez.

– Talvez. Ela morreu, isso está claro, e depois foi enrolada nesse plástico, deixada aqui até ser descartada em outro lugar, suponho. Mas por outro lado o meu trabalho é apresentar fatos, não especular.

O detetive balançou a cabeça em desacordo.

– Especular é bom... por enquanto. – Ele limpou a garganta. – Ainda não estamos num tribunal apresentando fatos e evidências. Estamos mijando no ar, torcendo para que a direção do vento não mude e o mijo volte para nós. Então especule à vontade, produza um fio solto para começarmos a puxar, e talvez isso ajude a desmaranhar a merda toda antes que outra pessoa se machuque.

Wendy Lee olhou para ele.

– Sabemos quem é o proprietário do armazém?

– Ainda não – respondeu o detetive Harman –, mas estamos tentando descobrir. É possível que ela tenha sido sufocada pelo plástico?

A Dra. Walsh passou as mãos pelas bochechas da mulher com delicadeza e meneou a cabeça.

– Nenhum indício de que isso tenha acontecido.

– Se não foi assassinato, então por que enrolar o corpo e escondê-lo desse jeito?

Wendy olhou para o rosto da mulher por um tempo, sem dizer nada.

– Ela parece ser do Oriente Médio. Egípcia, talvez? Judia?

– Talvez Europa Oriental? – perguntou a Dra. Walsh.

Wendy encolheu os ombros.

– Talvez. Pode ter sido uma imigrante ilegal. Pode ser que tenha morrido de causas naturais e quem a trouxe foi incapaz de lidar com isso.

– Tráfico humano?

– É uma possibilidade. Todos nós sabemos que membros do crime organizado da Europa Oriental e da África, e outras partes do mundo, têm trazido um grande número de mulheres. Mantendo-as prisioneiras com ameaças contra seus filhos ou suas famílias.

Harman assentiu, pensativo.

– É um comércio que vale bilhões de libras. E essa é uma área bem conhecida de prostituição ilegal.

Harman olhou para o cadáver.

– Você acha que ela era uma prostituta?

A Dra. Walsh olhou para ele e balançou a cabeça.

– Apenas *especulando*. Ainda nem começamos a fazer uma autópsia na pobre mulher. Uma coisa que eu aprendi bem cedo no jogo, detetive, é que quem muito presume...

– Nada sabe. – Wendy Lee terminou a frase para ela.

Harriet Walsh voltou-se para a mulher morta, observando atentamente sua mão esquerda, meio fechada, como se estivesse segurando alguma coisa. A patologista abriu a mão delicadamente.

– O *rigor mortis* já começou a ficar mais ameno, então posso dizer que ela está morta há vários dias... – Sua voz se perdeu. Ela olhou para Adrian Tuttle e disse: – Tire uma foto disso.

Quando Tuttle se inclinou para a frente, sua câmera disparando miniexplosões de luz, Wendy Lee também se aproximou para observar.

– O que é? – perguntou Harman.

– O *digitus annularis*.

Harman resmungou de novo.

– O que isso significa na nossa língua?

– Nós chamamos de dedo anelar, detetive – explicou Wendy Lee.

A Dra. Walsh pegou o pulso da mulher morta e mostrou a mão esquerda para os outros.

– O quarto dedo na mão esquerda, contando a partir do dedão. Foi decepado na

segunda articulação.

O detetive se agachou, gemendo um pouco quando os seus joelhos estalaram.

– Estou ficando velho demais para esse trabalho. Você tem certeza que foi *decepado,* e não roído? – perguntou. – E os ratos famintos?

– Vou colocar no microscópio, mas as linhas ao redor da articulação são retas, e não houve nenhuma atividade de roedores nessa parte.

– Por que comer cartilagem em vez de carne de primeira? – perguntou Harman.

– Não foi muito delicado, detetive, mas é um argumento válido.

Harman se levantou, gemendo de novo e colocando as mãos nos joelhos doídos.

– Quantos anos você tem, detetive? – perguntou Wendy Lee.

– Quarenta e dois no mês que vem – respondeu.

– Talvez você queira pensar em fazer um pouco de exercício – disse ela, um tanto incisiva.

– Para você não tem problema, Dra. Lee. Você fica bem mais perto do chão.

Harriet Walsh se levantou e chamou a atenção de sua equipe.

– Vamos levá-la para o necrotério. Ver o que for possível.

– O que temos aqui, detetive? – perguntou Tuttle. Foi a primeira vez que ele falou desde que entrou na cena do crime. – Prostituição, tráfico, matança ritualística. Ou uma morte acidental disfarçada e o anel de casamento removido para dificultar a identificação?

– Pode ser qualquer uma dessas coisas. – O detetive deu de ombros. – A verdade é que... por enquanto eu não tenho ideia.

Tuttle assentiu, sensato. A diferença entre Harman e ele era que *ele* tinha ideia. Tinha uma ideia muito boa.

– Bem, deixe-me dizer mais uma coisa, então – falou.

capítulo 21

A DETETIVE KIRSTY WEBB PUXOU O zíper do casaco com firmeza.

Ela estava recostada na parede de um prédio construído em algum momento do século XVI, observando a sua equipe analisar a cena do crime tal como era. Uma rua de paralelepípedos mal iluminada perto de um dos quadrantes da Universidade Chancellors. Ao menos estaria mal iluminada, se a polícia não tivesse instalado as potentes luzes de halogênio para fotografar e trabalhar na cena.

Três estudantes da universidade haviam sido brutalmente agredidas. Uma foi sequestrada. Outra levou uma facada. A terceira, golpeada com um taco de beisebol, estava agora mesmo lutando pela própria vida no hospital.

Até o fim da noite aquilo podia passar a ser um caso de assassinato.

Webb tomou um gole de seu café e fez uma careta. Os analistas de bola de cristal no Escritório de Meteorologia estavam prometendo um dia ensolarado no sábado e era para ela ter o fim de semana de folga. Queria arrumar o jardim em casa.

Agora aqueles planos provavelmente iriam por água abaixo. Esse caso garantiria isso. A Universidade Chancellors envolvia grana antiga. E isso significava pressão vinda de cima. Sempre foi assim.

O jardim passaria mais um tempo sem seus cuidados. Algo que seu ex-marido acharia adequado, Webb pensou, amarga. Seu humor estava piorando. Ela tomou outro gole de café e se perguntou por que estava pensando naquele maldito.

Mas sabia exatamente por quê. Merda! Amanhã era o aniversário de casamento deles. Dez anos atrás, em vez de socá-lo no nariz como ele tanto merecia, ela tinha apenas dado um tapa nele e dito sim.

Amassou o copinho de isopor na mão e observou a ambulância se afastar. As sirenes berravam na noite e o barulho ecoava pelos muros do emaranhado de prédios que compunha aquela parte da universidade.

O agente responsável pela cena do crime passou por baixo da faixa policial e se

aproximou. Foi seguido pelo oficial Andy Crane, o parceiro de Kirsty.

– Tem algo bom para mim?

O responsável sorriu. Um homem atraente, alto, magro, com 20 e tantos anos.

– Detetive Webb – disse, abrindo ainda mais o sorriso. – Achei que você nunca fosse perguntar.

– Você é engraçado, Richard. Tão engraçado quanto gonorreia.

– Dizem que Deus ama os persistentes.

– Dizem que Deus ama todo mundo. Quanto a mim, eu odeio a maior parte das pessoas, então para de tagarelar e me diz o que você tem.

Crane deu de ombros.

– O paramédico sedou a vítima da facada. Não consegui descobrir muita coisa com ela. Só que eram homens encapuzados numa perua preta. Não sabia dizer quantos, mas eram mais de três.

– Eles disseram alguma coisa?

– Não. A garota em quem eles bateram com o taco de beisebol tentou impedir a coisa, pelo visto. Algum tipo de carateca maluca ou coisa assim.

Webb gesticulou na direção da área isolada pela faixa.

– Alguma pista?

– Temos algumas marcas fracas de pneu e umas gotas de sangue que provavelmente vêm do braço ferido da garota.

– Quem fez a ligação?

O detetive apontou para o outro lado da rua, onde uma mulher com cerca de 30 anos tomava uma xícara de chá. Havia uma policial uniformizada conversando com ela.

– Jane Harrington. Dá aula aqui na universidade.

– O que ela viu?

– Nada. Estava indo para casa depois do trabalho. A perua já não estava mais lá quando chegou. Encontrou uma estudante inconsciente e a outra histérica e aos gritos, com sangue jorrando do braço.

– O corte foi feio?

– Uma ferida no punho, só isso, enquanto a outra garota tentava lutar com eles. Não foi fundo, nada arterial.

A detetive Webb fez algumas anotações num caderninho preto que tirou do casaco.

– Nomes?

– Chloe Wilson é a garota que acertaram com o taco de beisebol. A mulher com o corte de faca é Laura Skelton e a mulher que eles levaram é Hannah Durrant.

– Todas estudam aqui?

O detetive sargento assentiu.

– Estão chegando no final do primeiro ano. Chloe Wilson está estudando direito e psiquiatria, e as outras duas psiquiatria.

– Ok, fique em cima, sargento. Volto mais tarde.

– Aonde você vai, chefe?

– Para o hospital. Ver se a bela adormecida ou sua amiga sedada já estão prontas para serem entrevistadas.

Kirsty Webb gesticulou para o policial uniformizado, outro sargento, parado ao lado de uma das viaturas.

– Vamos lá, Buttons. Você vai me levar para o baile.

capítulo 22

Encontraram Laura Skelton sentada na cama, seu rosto tão branco quanto a fronha do travesseiro em que estava apoiada. O braço direito estava enfaixado e lágrimas mancharam o seu rímel, deixando-a com uma aparência meio esfarrapada, meio gótica.

Webb mostrou o distintivo para o médico e a enfermeira ao lado do leito de Laura.

– Sou a detetive Kirsty Webb. Tudo bem se eu falar com Laura?

O médico olhou para a jovem, que assentiu com fraqueza.

– Obrigada – falou Kirsty. – Eu sei que você deve estar bastante abalada pelo que aconteceu.

– Vocês encontraram Hannah? Ela está bem?

– Desculpe, mas estamos fazendo o possível. Por isso preciso que você tente se lembrar de tudo o que aconteceu.

– Eu disse tudo o que sabia para os outros.

– Eu entendo, mas quero que você repasse tudo. Algum detalhe pode ser essencial.

– Foi tudo tão rápido.

– Eu sei. Comece com o momento em que você saiu da propriedade da universidade. Estava bebendo no bar dos estudantes? – perguntou Kirsty.

– Sim. Desde as seis da tarde. Mas Chloe queria algo para comer. Ela estava meio tonta.

Kirsty fez uma marcação em seu caderno.

– Essa seria Chloe Wilson?

Laura se voltou para a médica, seus olhos se enchendo de lágrimas.

– Ela vai ficar bem?

A doutora fez um gesto apaziguador com a mão.

– Ela está sendo bem-cuidada, Laura.

– Ele acertou nela com um taco de beisebol. O barulho que fez... – Laura

enxugou os olhos de novo e mais lágrimas escorriam por seu rosto.

– Leve o tempo que precisar.

Laura puxou um pouco de ar.

– A lâmpada da rua estava queimada e quando viramos a esquina um bando de homens encapuzados veio para cima de nós.

– Quantos?

– Eu não sei – respondeu Laura, claramente perturbada. – Tudo aconteceu tão rápido. Um deles tinha uma faca. – Ela levou a mão para o braço enfaixado, um gesto inconsciente.

– O que aconteceu?

– Chloe apareceu. Ela correu direto para cima deles... chutando, socando. Nunca vi nada parecido. Não sabia que ela conseguia fazer aquilo.

– Fazer o quê?

– Kung fu. O que quer que fosse. Artes marciais. Ela foi incrível. Mas um deles a acertou com o taco de beisebol.

– E eles levaram Hannah na perua?

– Chloe deve ter assustado eles. O que estava me segurando me empurrou para longe, foi quando a faca cortou o meu braço. Aí eles jogaram Hannah na perua e foram embora. – Seu rosto ficou ainda mais pálido quando a realidade da coisa toda a atingiu de novo. – Poderia ter sido eu.

– Como era a perua?

Laura deu de ombros, desculpando-se.

– Só uma perua preta. Sem janelas. Parecia bem nova. Talvez uma Ford, eu acho.

– Você não viu a placa?

Laura balançou a cabeça.

– Não. Acho que não tinha placa. – Ela fechou os olhos com força. – Não consigo lembrar.

Um alarme disparou no quarto ao lado. Agudo. Insistente. Laura olhou naquela direção e gritou.

capítulo 23

KIRSTY SAIU CORRENDO DO QUARTO.

Ela foi colocada de lado e ficou olhando pela janela do quarto de tratamento intensivo quando a equipe entrou.

O leito tinha sido desconectado da maior parte dos equipamentos de monitoria para ser usado como maca e foi empurrado para fora do quarto.

Kirsty olhou para a mulher inconsciente na cama. Metade da sua cabeça teve o cabelo raspado e havia uma bandagem acolchoada grossa cobrindo a sua nuca.

Kirsty puxou o ar com força enquanto a equipe empurrava a mulher às pressas.

– Merda! – praguejou ela, sem se dar conta de que estava falando alto.

– O que foi? – perguntou o sargento.

– Aquela garota...

– Chefe?

– Ela não é Chloe Wilson – disse ela, pegando o celular.

capítulo 24

OLHEI PARA O NÚMERO ME ligando no celular.

O que quer que a minha ex-mulher tivesse para me dizer, eu sabia que não seriam boas notícias. Ignorei os olhares hostis dos outros comensais e apertei o botão.

– Dan Carter – falei, fingindo não saber quem era.

Escutei o que Kirsty me disse, mas suas palavras levaram um instante para serem processadas. Balbuciei alguma coisa no sentido de agradecer-lhe por ter me avisado e desliguei o celular.

– Nós temos que ir – disse. Levantei-me, puxei a carteira e larguei um bando de notas de cinquenta libras na mesa. Nosso prato principal ainda não havia chegado, mas eu tinha perdido todo o apetite. Estava me sentindo enjoado.

– Você veio de carro? – perguntei para Alison

– Não. Por mais estranho que pareça, eu não costumo pedir uma garrafa de champanhe quando estou dirigindo – retrucou ela, seca. – O que está acontecendo?

Balancei a cabeça e vesti o meu casaco.

– Preciso pegar um táxi – respondi.

Alison veio correndo atrás de mim e passou o braço pelo meu.

– O que aconteceu, Dan? – insistiu, a preocupação clara em sua voz.

– Tudo – respondi.

capítulo 25

PRAGUEJEI QUANDO O TÁXI PAROU em mais um sinal vermelho.

Inclinei-me para trás, fechando os olhos. Forçando o meu coração a bater mais devagar. Pensando na jovem que eu tinha trazido pelo Atlântico até Londres.

Tinha acontecido a pior coisa possível. Ela foi sequestrada sob a nossa vigia. Tomada por homens violentos. Será que o seu disfarce tinha sido comprometido? Seria um ataque aleatório?

Lembrei-me de sua mão pequena segurando a minha. Eu prometi que cuidaria dela.

Comecei a me sentir mal quando pensei no que Kirsty disse que aconteceu com a outra garota. Outra garota que eu também tinha prometido proteger. Uma promessa feita muito tempo atrás para o seu pai, que dera a vida para salvar a minha e me implorara pelos cuidados da filha.

Vinte minutos depois, estava em frente ao quarto de tratamento intensivo, olhando pelas persianas para a jovem debilitada no leito do hospital. Cercada por cabos, intravenosas e monitores.

Chloe Smith. Que tinha tanta coragem e raça quanto o seu pai.

Jack Morgan queria alguém disfarçado na universidade para ficar de olho em Hannah. Uma companhia, não um guarda-costas. E eu pensei que Chloe fosse a escolha perfeita.

Ela tinha um ano livre para viajar pelo mundo e pretendia ser policial. Era muito esperta e destemida de um jeito que só jovens conseguem ser.

Eu tinha discutido a questão com a mãe de Chloe. A universidade podia ser uma oportunidade ideal para ela. Ela sairia com um diploma de direito e psiquiatria e, de quebra, se ainda quisesse entrar para a polícia, pegaria a via rápida devido ao seu diploma, alcançando um cargo alto muito mais rápido. A Private pagaria pelas mensalidades e lhe daria um salário. Jack Morgan aprovou a ideia e o pai de Hannah preencheu os cheques mais do que satisfeito. Haveria um emprego para Chloe na empresa se ela mudasse de ideia quanto a ser

policial. Todo mundo saía ganhando.

Pelo menos deveria ter sido assim.

Chloe se matriculou na Chancellors com um nome falso, assim como Hannah. Ela ficou amiga da garota americana, de acordo com o plano. Não foi difícil.

O mesmo curso, o mesmo alojamento. A Private tem contatos. Puxamos os fios e a coisa devia ter funcionado direito. Chloe só deveria ficar de olho em Hannah e entrar em contato se houvesse qualquer problema. Mas Chloe era claramente filha do seu pai. Ela avançou para o resgate, dedo no gatilho e fodam-se as consequências. Eu tinha feito algo parecido naquele dia e o pai dela veio me resgatar. Se não fosse por ele, eu não estaria vivo.

Mas, por minha causa, agora sua filha estava em coma num leito de hospital sob tratamento intensivo.

Jack Morgan tinha me pedido para ficar bem atento ao bebê de um milhão de dólares. Disse que o caso era pessoal para ele. Agora também era pessoal para mim.

capítulo 26

LEVEI UM TEMPO PARA PERCEBER que alguém estava segurando a minha mão.

Um gesto amigável. Virei para trás, confuso, balançando a cabeça como se quisesse livrar o meu cérebro dos pensamentos obscuros que dançavam na minha mente.

– Quem é ela? – perguntou Alison Chambers.

– É a minha afilhada – respondi.

– Eu não sabia que você tinha uma afilhada.

– Não tenho. Não de verdade. "Padrinho" era meio que um apelido que ela tinha para mim. Eu era um cuidador não oficial... um anjo da guarda, ela dizia para me provocar – balancei a cabeça de novo. – Que belo anjo da guarda.

– Então quem é ela?

– Seu nome é Chloe, Alison. Chloe Smith.

– Por que você nunca me disse?

– Você se lembra do meu padrinho de casamento?

– O casamento para o qual eu não fui convidada! – respondeu ela, mordaz.

Eu assenti, recordando. Foi um ano antes da segunda Guerra do Golfo: 21 de maio de 2002. Richard Smith tinha acabado de ser promovido a capitão e eu estava me casando. Uma celebração dupla.

Lembro de olhar para trás, vendo as pessoas que ocuparam todos os lugares. Alguns tiveram que ficar de pé, no fundo. Tudo bem que não era um espaço grande. De um lado, em meio aos civis, havia um bom número de homens e mulheres vestidos com o uniforme de gala do exército. Do outro lado, também espalhados entre os civis, os uniformes azuis de sarja da força policial da capital.

Escutei um burburinho e me virei para dar com o pastor sério me encarando com uma expressão insatisfeita.

– E você, Daniel Edward Carter, aceita Kirsty Fiona Webb como sua legítima esposa?

Olhei para a mulher ao meu lado. Seus cabelos pretos e olhos verdes reluzindo,

os lábios bem-formados, pintados de vermelho-escuro, e aquele vestido dos anos 1920 que era um milagre de renda e cetim branco, colado no seu corpo tonificado como se fosse uma segunda pele. Clichê, eu sei, mas nunca tinha achado ela tão bonita quanto achei naquele momento. Se eu fosse o Eric Clapton poderia ter escrito uma música a respeito. Mas eu não era. Eu era o sargento Dan Carter, da Polícia Militar Real, e estava prestes a me casar com a garota dos meus sonhos: Kirsty Webb, da Polícia Metropolitana.

– Aceito – respondi e sorri para ela.

Não foi, pensando agora, o melhor dos momentos para o meu celular tocar. O som agudo de um celular velho ecoando pelas paredes.

– Desculpe, achei que tinha desligado – balbuciei, enquanto tirava o telefone do bolso, desastrado. Mas Kirsty foi rápida demais para mim, e arrancou o telefone da minha mão como uma garça-real capturando uma truta. Ela olhou para o celular, desligou o aparelho, jogou-o de lado e me deu um tapa forte na cara.

Atrás de mim ouvi o meu padrinho se esforçando para conter o riso. Mas Kirsty o encarou com um mortífero olhar de basilisco, e qualquer rastro de risada desapareceu como uma chama de vela sendo apagada por um vento forte. Ela se voltou para seu tio, o pastor.

– Vá em frente, então.

O pastor, reverendo Crake, limpou a garganta e sorriu para ela.

– E você, Kirsty Fiona Webb, aceita Daniel Edward Carter como seu legítimo esposo?

Ela esperou até o último momento – como que para torturá-lo – e em seguida assentiu.

– Aceito.

Não foi o melhor dos presságios para o nosso casamento.

Ainda me lembro dos olhos entretidos e sorridentes de Richard Smith naquele dia. Olhei para os olhos de sua filha, nove anos depois. Fechados. Com máquinas para mantê-la viva.

Vou encontrar os filhos da puta que fizeram isso com a minha afilhada e farei eles pagarem, juro para mim mesmo.

Ou morrerei tentando.

capítulo 27

APERTEI A MÃO DE ALISON.

– Kirsty não a queria lá, você sabe disso.

– Claro que eu sei disso. Falei várias vezes para ela que não havia motivo para ciúmes.

Fiz uma careta.

– É. Isso provavelmente não ajudou.

– Eu sei.

– Meu padrinho no casamento era o capitão Smith. O pai dela. – Eu gesticulei na direção de Chloe. – O homem que salvou a minha vida.

– A guerra...

– É.

Nunca falei com Alison sobre a guerra. Nunca falei com *ninguém* sobre aquilo. Eles tentaram me pôr na terapia. Mas Dan Carter é um sujeito antiquado.

Como eu disse, voltei para casa ferido. Finalmente saí da cadeira de rodas. Mas troquei meu cassetete por uma garrafa e tentei usá-la para espantar os demônios. Não fui o primeiro, e certamente não fui o último.

Tudo o que eu consegui fazer, no entanto, foi afastar a minha mulher, a minha família e os meus amigos. É uma história comum, da qual não me orgulho. Mas também não deixo isso me torturar.

Olhe com atenção para a maior parte dos mendigos em Londres ou para as pessoas definhando em prisões quando deveriam estar em hospitais. Homens e mulheres do exército que deram mais do que foi pedido durante o serviço e, em troca, foram postos de lado.

Sou um dos sortudos. Não morri congelado numa rua periférica em West End com civis passando por mim e desviando os olhos. Acabei me virando. Percebi que estava carregando a culpa como um homem coxo que foi curado, mas ainda usava a bengala que não era mais necessária. Então deixei-a de lado e comecei a viver de novo. Voltei a trabalhar. Coloquei a minha vida no eixo.

Mas não a tempo de salvar o meu casamento.

Falando no diabo... Bem naquele instante, a minha ex-mulher apareceu no fim do corredor e veio na nossa direção.

Afastei a minha mão da de Alison, num reflexo de culpa. Estúpido, eu sei, mas foi uma reação automática e Kirsty percebeu. Havia alguma emoção nos seus olhos. Era uma carranca ou um sorriso? Não soube dizer. Talvez esse fosse o problema. Eu nunca soube dizer, com Kirsty. Nunca tive certeza se ela ia me dar um tapa ou um beijo. Ou ambos.

Mas naquela noite de sexta-feira eu tive alguma noção do que era a expressão nos seus olhos. Parecia muito com compaixão.

– Alison...

– Kirsty.

Kirsty olhou para mim, hesitando por um instante, e senti um calafrio no coração.

– Tenho más notícias, Dan – disse ela.

capítulo 28

JÁ ESTAVA ESCURO LÁ FORA.

Apoiei o corpo na parede fria de tijolos do hospital e respirei fundo. Alison estava lá dentro, tentando encontrar uma máquina de café, e Kirsty já tinha ido embora para seguir com as suas próprias investigações.

Eu ainda estava tentando assimilar o que ela me disse, mas não conseguia. Depois do que tinha visto naquela noite, eu me *recusei* a fazer a conexão.

Alguém tinha sequestrado Hannah Shapiro, sabíamos disso. Não sabíamos se ela era o alvo primário ou se estava só no lugar errado na hora errada. Eu precisava saber o motivo, e logo. Quanto mais tempo passasse antes dela ser encontrada, pior. As estatísticas não mentiam.

Peguei meu celular e fiz uma ligação. Depois de alguns toques escutei o sotaque suave e inconfundível da Costa Oeste.

– Jack Morgan.

– Jack, temos um problema grave.

– O que é, Dan?

– Hannah, ela foi sequestrada. Na frente do campus da universidade. Um grupo de homens encapuzados. Perua sem placas.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha.

– Quando isso aconteceu?

Nunca tinha ouvido sua voz tão tensa, tão séria.

– Cerca de uma hora atrás.

– Você soube de algo?

– Ainda não houve nenhum pedido de resgate.

– Talvez eles não estejam atrás de dinheiro.

Não respondi. Eu sabia bem demais que mulheres jovens eram sequestradas por muitos motivos. Nem todos eram financeiros. Fechei os olhos, tentando afastar a memória do que eu tinha visto no armazém em King’s Cross. Não consegui.

– Quero que você deixe todo o resto de lado, Dan! Tudo. Aquela garota é a sua

única prioridade, está me ouvindo?

– Eu sei, Jack. As pessoas que a levaram também puseram a minha afilhada na unidade de tratamento intensivo.

– Vou entrar num avião assim que o FBI me liberar. Nesse meio-tempo, a Private global está à sua disposição. Se precisar de qualquer coisa – qualquer coisa mesmo – entre em contato.

– Obrigado.

– Recupere a garota, Dan. Dinheiro não é um problema.

– Você acha que é um sequestro?

Houve outra pausa e pude ouvir a frustração na voz de Jack.

– Há algumas coisas que você precisa saber sobre Hannah Shapiro. A história toda começou no dia 9 de abril, em 2003.

Desliguei alguns minutos depois. Baixei os olhos e abri a mão fechada com força em torno das chaves do carro. O metal tinha cortado a minha pele. Coloquei a ferida na boca e senti o gosto de ferro.

Como eu disse, alguém iria pagar.

PARTE TRÊS

capítulo 29

EU MORO NUM APARTAMENTO PEQUENO no Soho, no terceiro andar de um prédio antigo na Rua Dean. Tem uma sala de estar, um quarto, uma cozinha pequena que eu quase não uso e um banheiro. Instalei vidros duplos na janela da frente pouco depois de me mudar e o lugar agora é bem aconchegante.

A Rua Dean é um dos meus lugares favoritos. Lar de excelentes pubs e clubes: o The Crown & Two Chairmen, o Groucho Club e o The French House, que é espetacular, embora só venda cerveja no copo pequeno e seja inabitável no horário de almoço.

Mas às seis e meia da manhã os pubs ainda estão longe de abrir, portanto, sigo para a pequena cafeteria italiana na esquina. Comprei um expresso para viagem, que fui tomando enquanto caminhava pela cidade até o escritório.

Eu tinha dormido menos do que as oito horas recomendadas. Umas sete horas a menos, calculei, e o efeito agudo e amargo da cafeína descia bem. Normalmente, antes de ir para o trabalho, eu passo na academia que frequento ao lado de Piccadilly Circus, perto do Café Royal. Mas Chloe ainda estava inconsciente e sob tratamento intensivo, Hannah Shapiro continuava desaparecida e não tínhamos ideia de por que ela tinha sido capturada.

Jack Morgan estava mantendo uma linha aberta de comunicação com o pai de Hannah, Harlan Shapiro, que agendara um voo para Londres esta noite.

Os sequestradores não entraram em contato. Não sabíamos se o disfarce de Hannah tinha sido descoberto ou se um pedido de resgate era iminente. Levando em conta o que Kirsty havia me dito na noite passada, eu estava torcendo por um pedido de resgate. Se não fosse por dinheiro... afastei o pensamento, soltei o copo vazio na lixeira da banca e apertei o passo. O tempo estava passando e não havia um minuto para desperdiçar.

Dez minutos depois, subi correndo a escadaria até o meu escritório. Nunca uso o elevador se puder evitar. Não gosto de elevadores.

Lucy, minha assistente pessoal, abriu um belo sorriso para mim quando inseri o

código de segurança e entrei na ampla sala de recepção. Ela era loira, linda e tinha um sotaque de primeira linha para acompanhar o sorriso.

– Bom dia, Lucy. Todo mundo já chegou?

Ela balançou a cabeça.

– A Dra. Lee está a caminho, mas o Esponja não vem hoje. Os outros estão na sala de reuniões.

– Como assim, ele não vem? – Se meu tom saiu meio grosso, não pedi desculpas.

– É a mãe dele.

Vladimir Kopchek, ou "Esponja", como era conhecido devido à sua capacidade de absorver e memorizar todo tipo de informação, era o nosso especialista em computadores e suporte técnico. Ele fugiu para o oeste antes da glasnost. Hoje já passou dos 50 e tem uma mente mais afiada do que a língua da minha ex-mulher. Sua mãe, que ainda morava na Rússia, tinha ficado doente e ele estava esperando pelos resultados do teste.

– O que é? – perguntei.

– Eles não deram muito tempo para ela. Talvez três meses. Ele agendou o próximo voo para lá.

Assenti, resignado. Não podia culpar o sujeito, mas ele seria difícil de substituir.

Wendy Lee entrou pela porta carregando uma sacola.

– Trouxe café para você – disse ela.

Entramos na sala de reuniões. Um espaço com cerca de 6 x 5,5 metros, com uma mesa de nogueira comprida que ia até a parede oposta à porta. Na parede ao final da mesa havia uma tela de LED com 3 x 2,5 metros, feita com a melhor tecnologia do mercado. Tinha menos de um centímetro de grossura.

Quando a tela era usada no modo de videoconferência ela se conectava aos outros escritórios da Private ao redor do mundo, o que passava a impressão de que a mesa continuava para além da tela até um escritório idêntico. Mas naquele escritório os lugares estariam tomados pela equipe de Jack Morgan em sua sala de guerra octogonal. Ou então por nossas equipes em Roma, Paris ou Nova York.

Hoje, no entanto, a reunião contaria apenas com os membros da minha equipe.

capítulo 30

Ao redor da mesa estavam Adrian Tuttle, Wendy Lee, Suzy Malone, Brad Dexter e Sam Riddel.

Sam é o meu braço direito na agência. Ele estava vestindo um terno cinza escuro de três peças com uma gravata azul escura. Um ex-boxeador e ex-policial negro com 1,93 metro de altura. Sam nunca matou um homem dentro do ringue, mas fora... não tenho tanta certeza. Cresceu em uma das piores áreas do sul de Londres. Dois dos seus irmãos foram mortos antes de ele completar 10 anos. Mortos nas guerras territoriais do tráfico que ainda eram cotidianas naquela parte de Londres. Para mim, o fato de Sam ter sobrevivido sem nunca entrar para o mundo do crime significava que ele era capaz de encarar qualquer coisa.

Suzy tinha 30 e poucos anos. Ex-agente da Polícia Metropolitana. 1,67 metro de altura, cabelos ruivos e uma faixa preta quinto dan no estilo Wing Chun de kung fu, terceiro dan em kickboxing. Atiradora de elite, amiga leal, inimiga letal, abertamente bissexual e uma das pessoas mais queridas por mim no mundo todo. A perda da Polícia Metropolitana foi, sem sombra de dúvida, nosso ganho. O mesmo vale para Brad Dexter. Com 50 e poucos anos e uma constituição física que lembrava uma geladeira, ele se aposentou precocemente na unidade de proteção pessoal da Polícia Metropolitana. Agora Brad liderava a nossa divisão de segurança pessoal.

– Ok, pessoal – falei, pegando o pequeno controle remoto de cima da mesa. – Tirem tudo da agenda. O que eu vou dizer agora precisa do foco completo de vocês. Jack Morgan estaria vindo para cá pessoalmente para liderar isso, mas ele não pôde. Foi intimado para aparecer na corte federal e não pode sair do país.

– O que está acontecendo, Dan? – perguntou Wendy Lee.

Apontei o controle remoto para a tela e a liguei. Eu poderia dizer que era uma tecnologia televisiva de ponta da Apple e da Sony, mas não era. A Apple ainda demoraria um ano para levar a sua versão ao mercado.

Mas no momento eu não estava usando a tecnologia sofisticada de

videoconferências. Era apenas uma apresentação de slides.

A primeira imagem era uma foto recente de Hannah Shapiro. Eu não pude acreditar que aquela era a mesma garota ansiosa que eu tinha trazido da América havia menos de dezoito meses. Chloe me avisou que Hannah evoluíra bastante, ficando mais confiante e extrovertida. Mas mesmo assim, a transformação era incrível.

Hannah parecia ousada, confortável e linda. Seus cabelos castanhos estavam compridos e ondulados na foto. Ela tinha um brilho nos olhos e um sorriso incrível. Estava mais em forma, encorpada. Era uma mulher. Uma mulher bem atraente.

O pensamento me fez sentir culpa. Lembrei daquela pequena mão ansiosa segurando a minha no voo turbulento. Ela parecia uma pessoa completamente diferente.

– Hannah Shapiro, matriculada na Universidade Chancellors como “Hannah Durrant”.

– Por que o nome diferente? – perguntou Lucy.

– Seu pai é Harlan Shapiro. Um industrialista da Costa Oeste, muito rico. Sistemas eletrônicos. Comunicações.

– E...? – perguntou Wendy Lee.

Tomei um gole do meu café, lembrando do que Jack tinha me dito na véspera. A mãe de Hannah não morreu de câncer, como ela me afirmara no voo. Ela tinha morrido em circunstâncias que eram quase horríveis demais para compreender.

– Há uns bons anos, no aniversário de 13 anos de Hannah, ela e sua mãe foram sequestradas. Um resgate foi exigido. Um resgate que seu pai não pagou.

– O que aconteceu? – Outra pergunta de Lucy. Sam não estava dizendo nada, eu o tinha informado sobre o caso na noite passada. Ele também sabia quem era Chloe e o que ela significava para mim.

– As pessoas que capturaram elas, Vincent Cabrello e John Santini, eram dois criminosos de segunda categoria que se encrencaram com algumas pessoas bem-relacionadas de Nova York. Eles fugiram até a Costa Oeste para se esconder, curtir um pouco o clima ensolarado e fazer o que achavam que seriam trabalhos fáceis.

– E escolheram Hannah Shapiro e a mãe? – perguntou Suzy.

Eu assenti.

– O sequestro não foi planejado. Hannah e sua mãe não tinham sido previamente selecionadas.

– Oportunista?

– É o que parece. Só estavam no lugar errado na hora errada. Cabrello e Santini, movidos a anfetamina e uísque, ficaram esperando num estacionamento subterrâneo. O plano era pegar a primeira vítima adequada que vissem. Pensaram que qualquer pessoa que estivesse fazendo compras naquele shopping teria bastante dinheiro. E estavam certos.

Eu apontei para a fotografia de Hannah.

– Eles acertaram em cheio com Hannah e Jessica Shapiro. O único problema foi que a dupla atraiu uma tempestade. E dessa vez eles não conseguiriam fugir.

– Jack Morgan – resmungou Sam.

capítulo 31

EU ASSENTI.

– Jessica Shapiro disse aos seus sequestradores exatamente quem Hannah e ela eram, o quanto valiam e falou que tinha cem por cento de certeza de que o marido pagaria o resgate.

– Mas ele não pagou – disse Wendy Lee.

– Não. John Santini contatou Harlan Shapiro e deu dois dias para ele aparecer com o dinheiro. Avisou que se ele envolvesse a polícia o acordo seria cancelado e Harlan poderia coletar sua mulher e sua filha em sacolas plásticas. Dado o histórico da dupla como executores do crime organizado da Costa Leste, não era uma ameaça qualquer. Não que Harlan Shapiro soubesse disso, claro. Ele é um homem acostumado a conseguir o que quer.

Tomei um gole do café.

– Harlan Shapiro decidiu não ceder. Assim como o seu governo, ele se manteria firme perante o terrorismo, ou pelo menos era assim que Harlan via a coisa. Ele precisava de uma agência particular de detetives conhecida por resolver problemas. Uma agência que não hesitaria em usar a força letal caso ela fosse necessária. E que não fosse paralisada por burocracia jurídica, direitos dos criminosos ou coisa parecida. Uma agência que recuperasse sua mulher e sua filha com segurança. Ele nunca acreditou que pagar aos sequestradores garantiria que eles cumprissem com a promessa. Provavelmente tinha razão.

– Não seria a primeira vez – concordou Sam.

– É, então ele foi atrás de uma empresa de investigações particulares que já tinha usado algumas vezes antes. Administrada por um cara chamado Prentiss, que colocou Jack Morgan como encarregado do caso.

– Logo de cara Jack aconselhou Harlan Shapiro a pagar o resgate. Pelo que ele tinha ouvido da operação, Jack deduziu que estavam lidando com dois aventureiros cujas ambições iam muito além da sua experiência. Se o resgate fosse pago, ele podia praticamente garantir que rastrearia os sequestradores,

recuperaria o dinheiro e os entregaria para a justiça.

– Mas Shapiro não deu ouvidos? – perguntou Suzy.

Balancei a cabeça.

– Não.

– Mas obviamente Jack conseguiu salvá-las, não? – perguntou Lucy, confusa.

– Não inteiramente. Ele salvou Hannah. Mas só depois dela ser forçada a ver sua mãe ser estuprada por Vincent Cabrello e assassinada por John Santini.

– Que merda.

– Você precisa se lembrar de que Jack não tinha os recursos da Private naquela época, Lucy. Quando ele chegou já era tarde demais para Jessica, mas pelo menos ele salvou Hannah.

– O que aconteceu com os sequestradores?

Eu dei um sorriso fraco.

– Basta dizer que eles não sobreviveram até o julgamento.

– Você acha que os dois casos têm alguma ligação? – perguntou Brad Dexter.

capítulo 32

BALANCEI A CABEÇA.

– Não imagino como. Cabrello e Santini estavam fazendo uma operação independente. Seus laços com a Costa Leste foram cortados. O sequestro foi invenção deles, pura e simplesmente. Então quem quer que esteja com ela agora não tem nada a ver com o primeiro sequestro. Disso podemos ter certeza.

– Ainda não houve nenhum pedido de resgate? – perguntou Sam.

– Até agora, não.

Adrian ergueu a mão.

– Você não precisa levantar a mão, Adrian.

– Talvez esse não seja um sequestro, exatamente.

– Continue.

Eu sabia para onde ele estava indo e não gostava nem um pouco.

– Talvez não seja um sequestro por resgate, como da última vez. A cena de crime que vi ontem à noite. Uma mulher jovem... *talvez* ela tenha tido os órgãos removidos.

– Talvez?

– Estamos esperando pela autópsia – acrescentou Wendy Lee.

– A ponta do dedo anular estava cortada – acrescentou Adrian Tuttle.

– E como isso está relacionado à Hannah Shapiro? – perguntou Sam.

– Porque não é a primeira vez, Sam – falei. Estava encarando o fato de que talvez já fosse tarde demais para Hannah.

Wendy Lee assentiu e pôs as cartas na mesa.

– Parece que há um assassino em série na cidade. E ele está atrás de mulheres jovens e saudáveis.

– Mulheres como Hannah – falou Adrian Tuttle, olhando para a foto da linda jovem americana que preenchia a tela.

capítulo 33

A PROFESSORA ANNABELLE WESTON ERA MAIS velha do que Hannah, mas não menos atraente.

Se tivesse que adivinhar, diria que ela devia ter uns 35 anos. Entre 1,70 e 1,72 metro sem os saltos baixos. Cabelos compridos loiro escuros e olhos muito joviais, de um tom quase turquesa. Há uma leve camada de sardas em seus ombros, mas não no rosto. Os dentes não fariam feio num concurso de beleza em San Diego. E ela certamente não estava vestida como as professoras da minha época!

Annabelle usava um jeans bem justo, botas de caubói e um suéter de casimira que não escondia suas curvas.

Os cabelos estavam presos para trás com uma espécie de echarpe e ela tinha os óculos apoiados bem na ponta do nariz, do mesmo jeito que Alison usava. Eram óculos tartaruga que davam uma aparência acadêmica, o que era apropriado no caso dela. Os olhos por trás dos óculos estavam muito sérios.

– Então você não está trabalhando com a polícia? – Ela quis saber.

Sua voz era tão britânica quanto sua compleição pálida. Condados do sudeste ou do leste da Inglaterra. Dinheiro. Aposto que em algum momento da infância ela teve pôneis para jogar polo.

Balancei a cabeça.

– Não – respondi, inclinando-me para a frente e oferecendo o meu cartão. – Nós trabalhamos com a polícia frequentemente, mas neste caso estamos conduzindo uma investigação separada.

– Eu não entendo. As devidas autoridades já falaram com todos aqui. Qual é o seu interesse, especificamente?

Ela olhou de relance para o meu cartão de visitas, e voltou os olhos para mim, desafiadora. Havia aço por trás da beleza. Eu não gostaria de ser um dos seus alunos tentando convencê-la a estender o prazo de uma tarefa atrasada.

– Nós estamos representando a família de Hannah – falou Sam Riddel, que

estava sentado ao meu lado.

– E também temos um interesse pessoal.

– E qual seria o interesse?

– Você foi tutora de Hannah, certo? – perguntei.

– Sim, fui. Bem, eu *sou* a tutora dela.

– E também de Chloe Wilson?

– Sim. De ambas.

– Chloe Wilson é a minha afilhada, professora Weston.

– Ah...

Ela reagiu, absorvendo a informação, e a dureza nos seus olhos suavizou e deu lugar a uma preocupação genuína.

– Como ela está? Já recuperou a consciência?

– Ela está estável, mas a sua condição ainda é crítica. Estão mantendo-a sob observação 24 horas por dia.

– Se houver algo que eu possa fazer...

– É por isso que estamos aqui, professora. Quem quer que tenha feito isso não vai sair impune. Posso prometer isso, assim como posso prometer que vamos encontrar Hannah e trazê-la para casa ilesa.

Não sei por que eu falei essa última parte. Na verdade sei. Acho que eu queria impressionar a mulher.

– Pobre Hannah. Não consigo imaginar pelo que ela está passando.

– Por enquanto ela está segura, professora. Disso nós sabemos. – Quase acreditei nas minhas palavras.

– Me chame de Annabelle, por favor.

Eu resisti ao impulso de dizer que era um nome bonito. E era mesmo.

– Eles a estão mantendo a salvo, Annabelle. Ela é valiosa. Até ouvirmos as demandas, estou certo de que não vão tocar num fio de cabelo dela.

– Então ainda não houve contato com a família? Nenhum pedido de dinheiro para resgate?

Balancei a cabeça.

Não falei sobre a outra possibilidade, levantada por Adrian Tuttle na reunião daquela manhã. Que ela tinha sido levada para removerem os seus órgãos e que já podia estar morta.

– Tenho certeza de que vamos ouvir algo em breve – disse. – E todos os

recursos da Private estão à minha disposição para trazê-la com segurança para casa.

– Isso não deveria ser deixado para a polícia?

– A polícia vai fazer tudo o que puder. Mas às vezes nós podemos fazer mais.

– Como assim?

– Todo ano em Londres ocorrem cerca de cento e setenta homicídios – expliquei. – Isso é mais do que um a cada três dias. E isso são só os homicídios. Se você for considerar todos os outros crimes que ocorrem nessa cidade, de roubo a agressão e estupro, sem falar na ameaça constante de ataques terroristas que precisam ser investigados... Se pensar nisso, vai ver que podemos oferecer algo que seria impossível para a Polícia Metropolitana.

– Que é? – perguntou a professora.

– Foco *absoluto* – respondi.

E era verdade.

A professora Weston baixou os olhos para o meu cartão de visitas por um instante e então assentiu, ergueu a cabeça e me olhou bem nos olhos.

– Diga o que você precisa que eu faça.

capítulo 34

Suzy prendeu o telefone entre a orelha e o ombro, enquanto digitava no teclado à sua frente.

– Entendido, Dan – disse assim que o brasão da Universidade Chancellors apareceu no centro da tela, em cima da palavra SEGURANÇA, em letras maiúsculas.

Ela clicou no brasão e a imagem se desfez, deixando para trás um campo para inserir a senha.

– Ok, consegui. Já retorno. – Suzy desligou o telefone no instante em que Lucy entrou.

– O que temos?

– Dan foi ver a tutora de Hannah e Chloe. Ela é a intermediária entre o corpo docente e a segurança da universidade.

– O que isso significa?

– Ela tem acesso aos arquivos de segurança on-line, incluindo as filmagens de câmeras de circuito fechado.

Suzy digitou a senha, passou por várias telas e chegou a uma lista de dados armazenados digitalmente. Clicou na data da véspera e, em seguida, nas câmeras apontadas para o bar estudantil e para o quadrante em frente. Clicou com o botão direito nos ícones e os salvou como arquivos AVI.

Em seguida ela se levantou e abriu um sorriso.

– Venha.

– Para onde?

– Você ainda não viu isso. É divertido.

Lucy a seguiu, confusa, enquanto Suzy se afastava da mesa e a conduzia de volta para a sala de reuniões.

Lá dentro Suzy abriu a primeira gaveta de um armário e pegou dois itens que pareciam ser óculos escuros com as lentes levemente coloridas. Ela jogou um dos óculos para Lucy, colocou o outro no rosto e pegou o pequeno controle

remoto da grossura de uma varinha que operava a televisão na extremidade da sala. Em seguida, deu um passo para o lado e apertou um botão. Persianas se fecharam sobre as partes externa e interna das janelas e as luzes se reduziram até o ambiente ficar quase escuro.

– Luz, câmera, ação – disse Suzy, usando o controle remoto e o bar estudantil da Universidade Chancellors preencheu a tela. Suzy congelou a imagem e pegou o notebook.

Apontou o controle para o monitor de novo, pressionou o botão e a sala foi tomada por luzes enquanto a imagem em duas dimensões foi transformada num holograma completo em 3D.

– A gravação de ontem à noite – explicou Suzy. – O computador pega o vídeo de cada câmera e triangula a imagem, compondo uma visão tridimensional.

Lucy estendeu a mão e estremeceu quando um jovem grande e extremamente bêbado pareceu caminhar bem na direção dela.

– A polícia também terá acesso a essa gravação, mas eles não possuem nada parecido com essa tecnologia de melhoria de imagens e projeção tridimensional.

Lucy assentiu, impressionada. Realmente parecia que ela podia esticar o braço e pegar um copo de uma das mesas.

– O som também. Recentemente a Chancellors fez um upgrade em toda a rede digital de segurança.

Lucy apertou outro botão e o barulho ensurdecedor do bar encheu a sala. Ela ajustou o volume para um nível razoável e usou o controle para navegar pelo ambiente, chegando até a porta de entrada e avançando a gravação até Chloe e as amigas entrarem no bar.

Duas morenas e uma loira. Jovens, vibrantes, lindas. Vestidas para uma noite de celebração, pelo visto. Havia homens jovens de sobra as paquerando e elas chamaram muita atenção de um grupo grande com camisetas de rúgbi da CUL. As garotas pareciam perfeitamente capazes de afastar a atenção indesejada. Suzy supôs que já estivessem acostumadas.

Lucy e Suzy deixaram a gravação correr e os acontecimentos se desenrolarem ao seu redor. As garotas bebiam vodca com Red Bull. Hannah e Laura estavam exagerando um pouco nas bebidas. Chloe, a afilhada de Dan, parecia se conter.

Depois de mais ou menos uma hora Suzy apertou pause e voltou a gravação. Ela tinha assistido até o momento em que as garotas saíam do bar. Deu um zoom

em Hannah e Chloe, que estavam conversando. Tendo que gritar para conseguirem se escutar. Suzy tirou o volume das outras câmeras, aumentou o volume da câmera focada nas garotas e deixou a gravação continuar.

capítulo 35

– Boa ideia, amiga. Aqui só *tem essas crianças excitadas.*

Hannah passou o braço pelo de Laura, que estava sendo paquerada por um jovem esguio e elas foram ao banheiro. Chloe apoiou uma das mãos no bar e se equilibrou.

– Você acha que ela parece bem, Lucy? – perguntou Suzy, pausando a gravação de novo.

– Não. Não pelo tanto que ela bebeu. E ela não estava bebendo tanto quanto as outras garotas.

– Não. Ela estava se mantendo sóbria. Ou pelo menos tentando.

– Sempre de olho.

Suzy assentiu.

– Ela é uma profissional. Você acha que a bebida dela foi batizada?

– Parece ser o caso.

Suzy assentiu e rodou a gravação de novo, vendo o barman conversar com Chloe. Ela tentou se afastar e quase desabou. Levantou-se meio cambaleante e afastou a mão de um dos jogadores de rúgbi que tentou ajudá-la.

Chloe tinha aproximadamente 1,80 metro de altura quando descalça e o homem pareceu surpreso com sua força. Ele recuou, mantendo as mãos erguidas, e Chloe passou cambaleando por uma multidão de amigos deles que estavam cantando alto. Ela forçou passagem, saiu pela porta e subiu os degraus antigos de pedra noite afora.

– Alguém batizou a bebida dela – afirmou Suzy. – Posso garantir.

– Talvez tenha sido filmado.

– Vamos descobrir – falou Suzy, rebobinando a gravação e avançando de novo. Ela diminuiu a velocidade quando os drinques foram servidos e entregues.

Cerca de meia hora depois, as garotas entraram no bar e ela pausou de novo. Em seguida, recuou e avançou a gravação mais algumas vezes. O grupo de jogadores de rúgbi e outro bando de homens estudantes estavam no balcão do

bar e o barman ficou fora de vista por um tempo. Quando a multidão se dissipou, Chloe tinha um novo drinque à sua frente.

– Um daqueles homens no balcão? – perguntou Lucy.

– Poderia ser. – Suzy tentou ajustar o ângulo da visão, mas não havia nenhuma câmera atrás do balcão apontando para baixo, só uma que apontava para fora. Não era possível ver o que aconteceu com o drinque de Chloe. Ela pegou o celular e fez uma ligação. Escutou a mensagem gravada de Dan quando a chamada foi direto para a caixa-postal.

– Dan, é a Suzy – disse após o bipe. – Mande alguém verificar o sangue de Chloe no hospital. Parece que puseram um "boa-noite, Cinderela" ou algo do tipo na bebida dela.

Ela desligou o celular e se voltou para a tela.

– Por que alguém teria focado só em Hannah? – perguntou Lucy.

– Eu não sei. A menos que soubessem quem ela é.

Suzy usou o controle remoto de novo e elas se sentaram para ver a gravação das câmeras de segurança externas. Outros arquivos armazenados foram acessados quando Chloe subiu os degraus que davam no quadrante, atravessou o espaço e saiu na rua lateral.

Ela apertou um botão no controle de novo e congelou a imagem anterior, de Chloe saindo do bar, passando pelo grupo de jogadores de rúgbi bêbados. Um deles a observava com atenção.

Suzy deixou a gravação correr por mais um tempo e deu um assobio baixo.

– Veja só que interessante – disse ela.

Apertou outro botão e a impressora no canto da sala apitou e começou a funcionar.

capítulo 36

O UNION JACK CAFÉ, PRÓXIMO À Avenida Shaftesbury, era um dos últimos da sua espécie na capital. Servia gordura pura.

Eu tinha pedido uma refeição completa – ovos, bacon, salsichas, batatas douradas, cogumelos – mas quando a comida chegou, empurrei o prato para o lado. A lembrança de Chloe deitada no leito com um tubo na boca acabou estragando o meu apetite.

Com precisão cirúrgica, Sam Riddel recheava o seu pão integral com ovos mexidos sem gema. Pôs o garfo de lado com cuidado e tomou um gole do suco de tomate orgânico gelado. Seu café da manhã ia contra todos os princípios da lanchonete, mas nós já frequentávamos o lugar havia tempo suficiente para o proprietário abrir uma exceção para Sam. Além disso, as pessoas não costumam discutir com o meu colega. A não ser por mim e pelo namorado dele, claro.

Suzy entrou, carregando um envelope marrom A4.

– O que você tem aí? – perguntei.

– Ainda não tenho certeza, mas você vai querer ver isso. – Ela abriu o envelope e colocou uma foto na minha frente. – Esse é o cara que serviu as bebidas de Chloe e das outras ontem à noite no bar de estudantes. O hospital entrou em contato comigo...

– E?

– E o sangue de Chloe mostrou traços de um 3-hidroxi-benzodiazepínico de ação intermediária.

– E o que isso significa?

– Temazepam – respondeu Sam, tomando outro gole delicado do suco de tomate.

– Alguém a dopou. Lucy e eu assistimos à gravação toda e vimos duas possibilidades – disse Suzy, indicando a foto. – Esse cara teve muitas oportunidades e ficou fora do alcance da câmera de circuito fechado por tempo suficiente para batizar a vodca dela. Ele sai do bar pouco tempo depois de Chloe

e não aparece no quadrante, mas existem outras saídas que não são cobertas por câmeras.

– Qual a outra possibilidade?

– Um grupo de homens no bar. Equipe de rúgbi. Um deles mostrou bastante interesse nela.

Suzy mostrou outra foto. O jovem da gravação de segurança. Com 20 e poucos anos, grande e vestindo as cores de rúgbi da universidade, ele passava a impressão de ser um tipo violento. E mais uma foto. Um close de um dos homens. Mais sério que os outros, os olhos atentos enquanto via Chloe partir. Um olhar intenso, predatório.

– Bom trabalho. Já temos os nomes deles?

– O barman se chama Ryan Williams. Ele está sendo interrogado em Paddington Green agora mesmo.

– Ele foi preso?

– Não. Está ajudando com as investigações.

– Por que levá-lo para lá, então?

– Não sei, chefe. Mas acho que você conhece alguém que sabe. – Suzy deu um sorriso sugestivo. Ela tinha razão. Eu conhecia.

Indiquei as fotos dos jogadores de rúgbi.

– E os cavalheiros alegres aqui?

– Estamos cuidando disso, Dan.

– Ótimo.

– Tem mais – acrescentou ela.

– Continue – instou Sam.

Suzy pegou o envelope de novo.

– Eu revi a gravação do quadrante, voltei umas duas horas. A universidade teve um visitante que vocês dois devem reconhecer e não acho que ele tenha ido até lá para assistir a uma aula.

Ela pegou a última foto e a colocou na mesa.

O homem com o terno preto e óculos escuros da mesma cor tinha mais ou menos a mesma altura que Sam Riddel, mas era um pouco mais pesado, e com certeza não era vegetariano. Seu nome era Brendan “Snake” Ferres, um dos homens mais desagradáveis na face da Terra.

– Nada bom – falei.

– Nada bom mesmo – concordou Suzy.

Brendan Ferres era o braço direito e esquerdo de Ronnie Allen. E Ronnie Allen era um jogador muito sério. Ele era referência no tráfico de drogas ao norte do rio. E não só drogas. Prostituição, armas, assassinato, tudo. Se fosse ilegal, ele estava envolvido. Mas nunca havia participado de um sequestro, até onde eu sabia.

Recolhi as fotos, guardando todas no envelope.

– Você imagina Allen envolvido nisso? – perguntei para Sam.

Ele deu de ombros e terminou a bebida.

– Não é o negócio habitual dele. Mas por outro lado, não sabemos realmente qual é o negócio habitual dele. Não sabemos quem está com Hannah Shapiro e ainda não sabemos por quê.

Ele tinha razão.

Meu celular tocou, chacoalhando na mesa com acabamento de fórmica. Olhei para o identificador de chamadas.

Jack Morgan.

capítulo 37

A DETETIVE KIRSTY WEBB ESTAVA LOUCA por um cigarro.

Ela não fumava havia mais de dez anos, mas morreria por uma tragadinha enquanto observava o patologista forense se preparando para examinar o cadáver.

Era para ser o fim de semana de folga de Kirsty. Pouca chance disso acontecer agora que uma garota tinha desaparecido, sequestrada bem no meio da rua, e outra mulher foi encontrada eviscerada e largada. Provavelmente assassinada.

Três semanas atrás, Kirsty tinha sido chamada para se encarregar da situação no clube de remo Putney, perto de Surrey.

Às seis e meia da manhã, no dia 1º de maio, o Dr. Jonathan Brown, um acadêmico de 27 anos se especializando em hagiografia medieval, se preparava para entrar na água. Ele era um remador excepcional e praticamente cada minuto do seu tempo livre era gasto treinando.

Mas naquela manhã, enquanto colocava seu barco na água, o Dr. Brown viu algo que o levou a recuar, fazer o sinal da cruz e sussurrar uma prece para o Apóstolo Santo André, o patrono dos pescadores. Ele estava olhando para o braço de uma mulher morta.

A mulher jazia no fim da rampa que dava para o rio e parecia que estava tentando sair da água. O Dr. Brown olhou para o braço por um momento, horrorizado, sem saber o que fazer. Em seguida, com um movimento suave da maré, o cadáver foi erguido e virado.

O erudito da época medieval viu que o corpo tinha sido aberto por uma lâmina. Uma ferida aberta atravessando o torso. Ele cambaleou para trás, engasgando e, pela primeira vez em cinco anos, passou a manhã sem treinar.

Kirsty Webb estava tentando identificar a mulher desde então.

capítulo 38

Estimou-se que a mulher tinha entre 25 e 30 anos. Ela estava nua e não apresentava nenhuma tatuagem ou marca característica no corpo. Suas impressões digitais não apareceram em nenhum banco de dados. Seu DNA também não, embora a detetive Webb tenha levado três semanas para conseguir aquela informação: o relatório só tinha chegado à sua mesa naquela manhã. Os dentes da mulher morta estavam intactos, mas eram inúteis para a identificação, a menos que surgisse alguma candidata cuja dentição pudesse ser usada para fins comparativos.

A única pista significativa, além do fato de que o coração da vítima fora removido cirurgicamente, era que o terceiro dedo da mão esquerda tinha sido decepado na segunda articulação. Não dava para saber se ela era casada ou não.

A imprensa ficou doida com a história. Disseminaram todo tipo de teoria. A mais sinistra alegava que a mulher tinha sido morta numa espécie de sacrifício de sangue ou ritual vodu.

E agora, três semanas depois do corpo mutilado da mulher ter sido encontrado nas margens do Tâmisa, outro cadáver apareceu a poucos quilômetros de distância, em King’s Cross.

Órgãos removidos, dedo anelar amputado. Kirsty Webb não tinha dúvida de que eles estavam lidando com um assassino em série. Ou assassinos, caso tenha sido o grupo que sequestrou a jovem Hannah Shapiro na véspera.

Lembrar-se de Hannah fez Kirsty pensar em Dan Carter e sua afilhada, que ainda estava inconsciente na unidade de tratamento intensivo. E pensar em Dan a fez lembrar de que hoje era o aniversário de casamento deles.

Ela realmente queria um cigarro.

Maldito fosse o homem! Para todo lado que ela se virasse, ele aparecia. Mas com um pouco de sorte aquilo mudaria em breve. Kirsty estava no topo da lista para uma nova iniciativa sendo implementada para coordenar informações internacionais de assassinatos em série. Era um emprego de prestígio, que trazia

junto uma promoção, um aumento grande de salário e, o mais importante, era sediado em Manchester! Cerca de 300 quilômetros ao norte de Dan Carter!

Se ela pudesse desvendar o mistério, teria uma chance muito maior de conseguir a posição. O único problema era, claro, que por se tratar de um assassino em série, ela acabou perdendo a posição de encarregada no caso. Agora ela era apenas uma engrenagem na máquina.

Kirsty precisava fazer as coisas acontecerem, razão pela qual ela estava passando o dia de folga vendo a autópsia de uma mulher desconhecida encontrada num armazém infestado em King's Cross.

Rastreando o proprietário da garagem, um tal de Edward Morrison, mecânico aposentado residente de Paddington, eles chegaram a um endereço com sirenes azuis numerosas o bastante para decorar a Rua Oxford. No entanto, um espantado Sr. Shah e sua jovem noiva, os novos ocupantes do flat térreo, informaram que Edward Morrison não morava mais naquele endereço.

Falecera devido a um ataque cardíaco, seis meses atrás. Não havia parentes vivos e ninguém ficou oficialmente ciente do armazém até a Polícia Metropolitana determinar quem era o dono. Era mais uma morte numa série de becos sem saída.

A Dra. Harriet Walsh olhou para a detetive.

– Ainda não tem ideia de quem ela é?

– Nenhuma. Estamos passando pelo registro de pessoas desaparecidas, claro, mas ela pode ser de qualquer parte do país. Vai levar algum tempo.

A médica assentiu, pensativa.

– Ou de outro país.

– Exatamente. Tem algo que você possa me dizer antes da autópsia?

– Você está encarregada desse caso?

– Não. Só atenta.

A médica sorriu.

– É justo.

– Sabemos sobre o dedo cortado. Existe mais alguma semelhança?

A médica foi até um armário e pegou algumas fotos.

– Como você sabe, os tecidos moles sofreram danos extensos.

– Os ratos.

– Sim. Eu peguei algumas fotos e mandei serem ampliadas. Se você olhar aqui

na terceira costela, pode ver o que é definitivamente um arranhão.

Kirsty pegou a foto e olhou.

– E o que isso nos diz?

– Nos diz que não veio dos dentes de um rato, e sim de um objeto feito pelo homem.

– Que tipo de objeto?

A Dra. Walsh caminhou até sua bandeja de instrumentos.

– Um desses – falou. E pegou um bisturi.

capítulo 39

KIRSTY ESTREMECEU ENQUANTO A MÉDICA guardava o instrumento.

– Terei mais detalhes depois da autópsia.

– E o arranhão?

– O mais provável é que tenha sido feito durante uma cirurgia.

Kirsty Webb assentiu. Aquilo confirmava os seus piores medos.

– E há quanto tempo a operação teria ocorrido?

– Provavelmente alguns dias. Talvez até uma semana. Não mais do que isso.

A médica colocou o bisturi de volta na bandeja e colocou uma máscara sobre a boca. Em seguida, virou-se para a detetive.

– Vamos torcer para que ele a tenha matado antes – disse, antes de pegar uma serra circular elétrica portátil.

capítulo 40

JACK MORGAN RECEBEU UMA MENSAGEM de texto do responsável pelo sequestro de Hannah Shapiro. A mensagem foi enviada de um celular que não podia ser rastreado e constava como sendo uma ligação do exterior. Dizia apenas que um e-mail seria enviado para os escritórios de Londres em breve e que uma ligação viria a seguir, à tarde.

Dez minutos depois, estávamos sentados na sala de reuniões.

Uma hora depois e a tela na ponta da mesa apitou novamente. Naquele meio-tempo, houve cinco alarmes falsos. A tela estava configurada para ser usada com um computador e a parte de baixo servia como um grande monitor. Movi o mouse até o e-mail novo e cliquei na mensagem.

O endereço do remetente era uma série de letras maiúsculas e números: KJP9O56KL@hotmail.com. No campo do assunto constava: MERCADORIA DANIFICADA.

Com uma sensação de medo, movi o cursor e abri o e-mail com um clique. O corpo da mensagem revelou um link para o YouTube.

Soltei um suspiro e cliquei no link. Alguns segundos de escuridão. O som débil de alguém choramingando.

Nada bom.

Uma luz forte foi acesa, jogando um holofote sobre Hannah Shapiro sentada contra uma parede lisa, uma janela ao seu lado com as persianas fechadas. A escuridão em volta da luz apontada para Hannah indicava que era tarde da noite.

Hannah estava vestindo apenas suas roupas íntimas: sutiã e calcinha pretas de seda. Havia uma corda prendendo o seu punho esquerdo. Uma mordaça de bola no chão.

Ela tinha o cabelo emaranhado e o rosto perturbado, terrivelmente pálido. A maquiagem borrada circulava os olhos vermelhos manchados de lágrimas. Hannah tinha um pedaço de papel na mão. Ela ergueu os olhos para a câmera, seu olhar estava tomado por um desespero de partir o coração.

– Por favor, faça o que eles dizem – pediu Hannah. – Eles vão me machucar. Eles deixaram isso bem claro. Vão me machucar do pior jeito possível. Não envolvam a polícia. Não tentem me encontrar. Eles vão entrar em contato com instruções no tempo devido. Não envolvam a polícia.

A luz se apagou. Ficou escuro por alguns segundos e então veio o som de Hannah chorando e o barulho foi abafado de repente.

Rodei o filme de novo: havia uma opção para assistir em HD, que eu selecionei, mas a qualidade não ficou muito melhor. Voltei-me para Adrian Tuttle, nosso único especialista em computação restante agora que o Esponja tinha voltado para a Rússia.

– Adrian, veja se consegue rastrear a linha de tráfego desse vídeo. E apague a gravação do YouTube. Quero colocá-la no nosso sistema. Veja o que podemos fazer com o material.

– Ok, chefe.

Ele foi às pressas para fora da sala de reuniões, voltando para sua estação de trabalho. Eu teria sorrido com o seu jeito desengonçado se não tivesse acabado de ver Hannah Shapiro humilhada, amarrada e temendo pela própria vida.

Usei o controle remoto para abrir a caixa de e-mail novamente. Nada.

Eu prometi que cuidaria de Hannah. *Belo trabalho até agora*, pensei com amargura. Bati a mão na mesa, frustrado, e olhei em volta para os meus colegas

– Alguma ideia?

– Eu diria que agora a bola está em jogo. Isso é alguma coisa – falou Sam.

Concordei. Hannah não tinha sido machucada... por enquanto. Isso era importante. O nosso trabalho era fazer com que ela continuasse assim. E Sam tinha razão: a bola estava em jogo. Havia algo em que podíamos focar. Eles tinham feito contato: isso era muito melhor do que a outra opção.

Assistimos ao vídeo mais duas vezes, aumentando o tamanho para preencher a tela inteira. Não encontramos nada de novo.

– Então, sentamos e esperamos? – perguntou Suzy.

– Não – respondi. – Precisamos ir para a universidade, verificar aqueles jogadores de rúgbi e o barman. Temos que seguir em frente, pessoal.

– Vou cuidar disso – respondeu ela.

– Leve Lucy com você, Suzy. Vão para o bar. Talvez vocês descubram algo que a polícia não viu.

– Pode deixar.

– Mas tenham cuidado, ok?

– Sim, chefe.

Ela se levantou e saiu e eu me voltei para Sam.

– Que tal um papinho com Brendan Ferres?

– Acha sensato fazer isso antes de sabermos qual é o acordo?

– Provavelmente não. Mas vamos fazer do mesmo jeito. Chutar um pouco a macieira e ver o que cai – respondi.

Foi aí que o mundo todo desabou.

capítulo 41

A PORTA SE ABRIU COM TUDO e uma Lucy afobada entrou às pressas.

– Desculpe, senhor, eu não pude fazer nada.

Seguindo Lucy, entraram na sala a minha ex-mulher, a detetive Kirsty Webb da Polícia Metropolitana, acompanhada de vários dos seus colegas de uniformes azuis bem-passados.

– Dan Carter – começou ela ameaçadoramente. – Estou prendendo você por suspeita de interferir com o exercício da justiça.

– Você está brincando, né?

Ela me deu um olhar mordaz que eu já conhecia.

– Você não precisa dizer nada, mas pode prejudicar a sua defesa se não mencionar, quando questionado, algo que possa usar posteriormente no tribunal. Qualquer coisa que você disser pode ser usada como evidência.

Kirsty esperou por alguma resposta espertinha. Não dei aquela satisfação. Ela acenou com a cabeça para um dos policiais uniformizados corpulentos.

– Algeme-o, George.

Estendi as mãos e abri um sorriso doce enquanto o policial prendia as algemas nos meus punhos.

– O que eu fiz? Esqueci que era o nosso aniversário?

Eu não consegui segurar.

– Pode levá-lo – disse ela laconicamente para George. – Garanta que no caminho ele não tropece... muito.

capítulo 42

MEIA HORA DEPOIS, EU ESTAVA numa cela.

As paredes eram de um verde pálido doentio. Uma cama embutida de concreto com um lençol fino. Nenhuma janela. Eu verifiquei a porta. Estava trancada.

Kirsty não disse uma única palavra para mim no caminho. Mas seria difícil fazê-lo, já que ela estava em outro carro. Eu fui enfiado sem cerimônias no banco traseiro de uma Range Rover modificada com divisórias metálicas. A sensação foi de ter sido pego pela carrocinha. Talvez fosse o caso.

Tirei o casaco e a camisa. Mantive a camiseta branca de algodão, para poupar constrangimento a qualquer visita, e comecei a fazer flexões. Tinha feito cerca de duzentas quando ouvi a janelinha deslizante se abrindo e uma voz anunciar:

– Você tem uma visita, Carter.

Senti um leve toque de perfume, algo floral e almiscarado, e pensei em alternar para flexões de dois dedos, mas mudei de ideia.

Será que eu estava em melhor forma do que antes da bomba iraquiana e das duas balas insurgentes precisas me mandarem para o hospital por dois meses, todos aqueles anos atrás? Provavelmente estava.

Eu não pensava mais na minha imortalidade como algo garantido, de jeito nenhum. Mantinha o meu corpo na melhor forma que podia. Exercitar-me na cela me deu algo para fazer além de pensar em Hannah e Chloe. Não funcionou, mas ao receber cartas de merda deve-se jogar do melhor jeito possível.

A porta se abriu e eu me levantei.

Era Alison Chambers. Terno preto, blusa branca de seda. A maquiagem aplicada com perfeição e o perfume tão inebriante quanto um campo de papoulas.

– Que porra você fez agora, Dan? – perguntou ela, estragando um pouco o momento.

Eu dei de ombros enquanto o brutamontes uniformizado fechava a porta e nos deixava a sós.

– Desculpe, não posso te oferecer um chá – falei, sentando na cama e indicando o espaço ao meu lado para ela se acomodar.

Ela cruzou os braços e me deu o mesmo olhar que a minha ex-amada me dera. Você sabe como é... O tipo de olhar que um juiz é capaz de dar antes de bater o martelo e te mandar para as colônias, para cumprir quinze anos de trabalhos forçados.

– Só me diga o que está acontecendo.

– Alison, eu honestamente não sei.

E era verdade.

capítulo 43

EU TOMEI UM GOLE DE chá. Estava horrível. Açúcar e leite demais. Fiz um som de insatisfação e recebi um olhar desaprovador de Alison Chambers.

Agora ela estava sentada ao meu lado na cama. Tinha um caderninho de anotações de aparência profissional aberto no colo, no qual estava escrevendo anotações. A ponta de sua caneta Montblanc parecia fazer marcas profundas demais para o meu gosto no papel.

– O chá não está satisfatório? – perguntou ela com frieza.

– Não é um Gyokuro Nozomi, isso eu posso dizer.

– E isto não é o Ritz, caso você não tenha notado. É a prisão de Paddington Green.

– É. Eu reparei. Da última vez, Kirsty tirou o meu cinto no nosso aniversário de casamento. Agora ela tira os cadarços também!

Baixei os olhos para os meus sapatos de caminhada. Sem os cadarços para prendê-las, as linguetas estavam para fora, como línguas de cachorros com sede.

– Você não parece estar levando isso a sério, Dan. Então não sei se posso te ajudar.

– Ah, eu estou levando isso realmente a sério. Posso garantir.

– Você traz uma mulher para este país com um passaporte falso. Você matricula a sua chamada afilhada na mesma faculdade que ela, também com um nome falso, mas pelo menos isso não é um crime até onde eu saiba.

– Também não acho que seja – concordei.

– Mas Chloe estava trabalhando para você, não estava? – insistiu Alison, brava.

Eu não respondi.

– E agora a garota que você contrabandeou para dentro *ilegalmente* foi sequestrada e você se recusa a dizer qualquer coisa para a polícia.

– Estou apelando para a quinta emenda.

Ela suspirou, exasperada.

– Isso é Paddington Green, Carter! Não uma prisão qualquer em Idaho. Você

não tem a opção de apelar para a quinta emenda. Não há quinta emenda!

– Sabe, seus olhos ficam verdes mesmo quando você está brava.

– Pelo amor de Deus! Você está me ouvindo, pelo menos?

– Como eles disseram quando fui preso, Alison, eu não preciso dizer nada.

– Bom, para *mim* você precisa! E pare com essa maldita encenação rebelde, Dan. Eu sei que você está se martirizando pelo que aconteceu com aquelas garotas. Sei que você está bravo e quer sair e fazer algo a respeito.

Alison me conhecia bem.

– Eu quero.

– E eu estou tentando ajudá-lo. Então por que você não me dá uma força aqui?

Suspirei e balancei a cabeça.

– Se você não souber, não corre nenhum perigo.

– Então o que eu devo fazer?

– Nada. Eu vou cuidar disso.

– Como?

– Não sei.

A porta se abriu e Kirsty entrou. Ela nos encarou por um momento sem dizer nada.

– Que aconchegante – falou ela, afinal. – Nick Charles e sua advogada. Tudo o que precisamos agora é de um cachorrinho. Aí seria a imagem perfeita.

Kirsty era uma grande fã de filmes antigos em preto e branco.

– Você vai acusar o meu cliente? – inquiriu Alison, com uma camada de gelo na voz.

Kirsty sorriu, mas não foi um sorriso muito caloroso.

– Cliente? – perguntou ela, pronunciando a palavra deliberadamente, como se estivesse avaliando o termo e considerando-o inadequado.

– Se você tem algo a dizer, que tal agilizar as coisas e dizer logo, Kirsty? – falou Alison.

Kirsty olhou para mim, ignorando Alison.

– Só para você saber. Sua prisão não foi ideia minha.

– É justo.

– O segundo assassinato e agora este sequestro. As minhas mãos estavam atadas. Trouxeram os figurões e o meu chefe, o detetive Andrew Harrington, ordenou que você fosse trazido para cá. Esse caso está com um cheiro forte de

promoção.

– Entendi.

– Não há como fugir. Você a trouxe para cá com um passaporte falso, Dan. Há coisas acontecendo que você sabe e nós não. E isso não está certo.

Eu assenti. É difícil discutir com ela.

– Desculpe – falei.

– Então... existe algo que você queira nos dizer?

Balancei a cabeça. A mensagem tinha sido muito clara. Se a polícia fosse envolvida, Hannah seria ferida. Ferida de uma forma que eu não suportava imaginar. Não havia opção.

– Então você não me deixa escolha... – disse a detetive Webb.

– Além de fazer o quê? – perguntou Alison Chambers.

– Além de soltar você – falou Kirsty, surpreendendo a nós dois.

capítulo 44

ERA QUASE UMA HORA DA tarde.

O Bar da Paróquia estava começando a encher. Era sábado. Lucy e Suzy tinham se posicionado no canto esquerdo do bar, empoleiradas em banquinhos que davam uma vista privilegiada às duas.

Elas estavam conversando com Carol, uma estudante do terceiro ano de história, que trabalhava com Sian, a gerente do bar em tempo integral.

A gerente explicou para Lucy que o turno de Ryan começaria a uma hora da tarde. Não era a primeira vez que perguntavam isso para ela nos dois meses desde que Ryan começou a trabalhar no bar e ela duvidava muito de que seria a última. Parecia que Ryan era muito popular com as estudantes.

Carol passou uma soda limonada para Suzy.

– Obrigada. Foi terrível o que aconteceu com aquelas garotas ontem à noite.

– É nojento – concordou a barman. – Há um punhado de panfletos por aí dizendo *Não Significa Não* e essa é toda a proteção que eles acham que a gente precisa.

– Verdade – concordou Lucy.

– Eu certamente não vou mais trabalhar nos turnos da noite.

– Então você estava trabalhando ontem à noite? – perguntou Suzy, fingindo ignorância.

– Não. Por sorte, não. Poderia ter sido qualquer uma de nós.

– É – concordou Lucy. Embora tivesse suas dúvidas.

Ela tomou um gole da soda limonada e se perguntou quanto daquilo ainda aguentaria beber. Olhou para a porta e tocou em Suzy com o pé quando Ryan entrou.

Ele acenou para um grupo de três mulheres sentadas numa mesa com papéis e livros abertos. Elas retribuíram o aceno com entusiasmo.

– Rapaz popular – comentou Lucy em voz baixa.

– Eu não perderia meu tempo – disse Carol, em tom de brincadeira. – Aquele

rapaz está apaixonado.

– Ah é? – disse Suzy. – Por quem? Ele mesmo?

Carol riu.

– Não, Ryan é legal. Mas parece que é amor não correspondido, então quem sabe?

– Quem é a garota de sorte, então?

Carol acenou com a cabeça para uma jovem que tinha entrado enquanto elas conversavam. A garota estava sentada sozinha numa mesa parcialmente oculta do campo de visão por um dos pilares de pedra que sustentavam o teto.

Ela era muito atraente, com cabelos loiros compridos, olhos azuis e uma tez macia. Tinha os lábios arqueados pintados de vermelho-vivo. Vestia jeans e uma camiseta de rúgbi de manga curta. A única coisa que destoava sua imagem perfeita era a bandagem na parte inferior do braço direito, embora até mesmo nela o curativo parecesse uma declaração de moda. Mas também havia tristeza em seus grandes olhos.

Laura Skelton.

capítulo 45

NÃO ERA DE ADMIRAR QUE o barman tivesse uma queda por Laura, pensou Suzy.

Ela mesma gostou do visual. E olha que preferia as morenas quando saía com mulheres. Era algo que Suzy tinha em comum com Dan Carter.

Ryan estava de costas para elas. Conversou com Laura Skelton por um tempo e depois seguiu para o lado do balcão, erguendo uma divisória para trocar de lugar com Carol, que acenou para Lucy enquanto saía.

– Boa sorte – disse ela ao passar.

Lucy respondeu com um aceno de cabeça, fingindo estar um pouco envergonhada e deixando o barman perceber. *Tudo pelo disfarce*, pensou. Além do mais, se o barman fosse inocente e solteiro...

Suzy abriu um meio sorriso para ela, acabando com o seu devaneio.

– Seria interessante escutar o que ele disse para Laura.

Lucy gesticulou na direção da câmera de segurança.

– Vai aparecer na gravação, mas não imagino que ele tenha falado algo incriminador, caso esteja envolvido.

Ryan Willians se aproximou naquele instante e sorriu para as duas. Foi quase um sorriso de desculpas.

– Não acho que já tenha visto vocês por aqui.

– Não – falou Suzy, inclinando o queixo. – Somos virgens.

– Ela quer dizer em relação ao bar – acrescentou Lucy.

– Então posso ver o cartão de estudantes, por favor? – pediu.

– Que tipo de garotas você acha que somos? – perguntou Suzy, fingindo ultraje. – Nunca fiz nada de errado na minha vida.

O barman não sorriu. Ele já tinha ouvido aquela desculpinha várias vezes. – Desculpe, mas sem identidade receio que tenha que pedir para vocês se retirarem. Especialmente depois do que aconteceu ontem à noite.

– Você quer dizer que não é seguro? – perguntou Lucy, passando uma imagem convincente de mulher ansiosa.

– Não, você está perfeitamente segura. É que tivemos muitos jornalistas tentando se intrometer no campus hoje.

Suzy riu.

– E nós temos cara de jornalistas? – Ela ergueu a mão antes de Ryan conseguir responder. – Não tem problema, xerife, você pode deixar a arma no coldre por enquanto.

Ela puxou uma carteira de identificação estudantil e a mostrou enquanto Lucy procurava pela sua na bolsa. Elas levaram menos de cinco minutos para fazer as carteiras falsas no escritório, mais cedo.

– Viu? Somos duas catadoras de maçãs da árvore da sabedoria.

Ryan olhou para os cartões rapidamente e assentiu.

– Desculpe. Eu tinha que verificar.

Suzy também assentiu, agora toda séria.

– Com certeza. E estou feliz que você tenha pedido. Deus sabe que nós temos que cuidar uns dos outros. Especialmente agora – acrescentou ela enquanto Laura Skelton se aproximava do bar.

– Posso só pegar um café, Ryan, por favor? Cappuccino – pediu ela.

– É por conta da casa. – O barman sorriu para ela e se apressou até a outra extremidade do bar, onde uma máquina de espresso repousava sobre o balcão.

– Sinto muito – disse Suzy para Laura.

– Pelo quê?

– Você provavelmente escutou a nossa conversa. Dizendo que nós temos que cuidar uns dos outros. Eu não quis ser insensível.

– Tudo bem – disse Laura. – Eu só queria ter cuidado melhor delas. – Ela passou uma mão pelo braço com a bandagem, pensativa.

– A polícia descobriu alguma coisa? – perguntou Lucy.

Laura balançou a cabeça.

– Eu ainda não acredito no que aconteceu. Por que levar Hannah, por que deixar nós duas para trás? Deus, eles podiam ter matado Chloe... O que eles vão fazer com Hannah?

Suzy acariciou o braço dela.

– Ei, vai ficar tudo bem. Tenho certeza de que ela vai ficar bem.

– Você a conhecia?

Suzy balançou a cabeça.

– Então como é que você sabe que ela vai ficar bem? – retrucou Laura, zangada.

– Se ela foi sequestrada, não faria sentido machucá-la.

– Mas ela não é rica. O pai dela tem *um pouco* de dinheiro, mas é só um vendedor de carros em San Diego. Não é um multimilionário nem nada.

Ryan voltou com o café e Laura meneou a cabeça para ele, sem registrar de fato sua presença.

– Nós estávamos prestes a sair para almoçar – falou Lucy. – Por que você não vem com a gente? Meu nome é Lucy, aliás.

– Obrigada.

– E eu sou Suzy Malone – disse Suzy, sorrindo enquanto estendia a mão. Laura a segurou e manteve o aperto por um tempo e ela viu uma faísca quando Suzy olhou nos seus olhos.

Suzy soltou a mão de Laura. Ela estava trabalhando. Nunca misture negócios com prazer. Essa não é a regra?

capítulo 46

DETERMINADA, ALISON CHAMBERS ATRAVESSOU O estacionamento na direção do seu carro. Seus quadris se moveram com menos suavidade dessa vez, embora os cabelos sacudissem um tanto nervosamente de um lado para outro. Não pude deixar de observá-la e abri um sorriso um pouco culpado quando Kirsty passou pela porta de entrada e veio até mim.

– Apreciando a vista? – perguntou ela, seca.

Eu estava no estacionamento da delegacia de Paddington Green. Tinha acabado de receber de volta o meu cinto e os meus cadarços e de ser liberado.

– Não está na hora de você deixar isso para trás? – perguntei.

– Mais importante, não está na hora de *você* deixar? – retrucou ela, irritada.

Suspirei. Não tinha nenhum desejo ardente por mais uma volta naquele carrossel.

– Obrigado – preferi dizer, em vez de insistir.

– Obrigado pelo quê?

– Por não querer me prender.

– Eu tomaria cuidado se fosse você. Harrington está cuspindo fogo lá dentro.

– Desculpe por estragar este dia.

– Estou falando sério, Dan. Ele está louco para pôr as mãos em você.

– A única coisa que importa para mim é encontrar aquela garotinha.

Mesmo tendo visto as fotos recentes de Hannah e a gravação, eu ainda pensava nela como a jovem que tinha falado sobre F. Scott Fitzgerald comigo naquele voo, não muito tempo atrás.

– Eu sei.

Olhei para a minha ex-mulher. Por um instante pensei ter detectado um traço de ternura em sua voz.

Claro que eu tinha. Kirsty não odiava o mundo. Ela só odiava a mim. Ela queria tanto quanto eu que Hannah Shapiro fosse encontrada. Policiamento não era só um emprego para ela. Era sua vocação. Sua vida. Eu senti a pontada

familiar de culpa que sempre vinha quando ela mostrava seu lado mais suave.

– Desculpe – disse. – Se eu pudesse voltar no tempo...

– Não é sua culpa, Dan. Você não sequestrou a garota, sequestrou?

– Eu não estava falando disso...

Ela ergueu a mão para me impedir de continuar.

– É, é. Eu sei do que você estava falando, mas não quero mais ouvir. Chega. São águas passadas.

Olhei para Kirsty e vi o quanto a tinha machucado e o quanto ainda podia machucar. Eu me senti tão vil quanto ela costumava me fazer sentir.

Escutamos uma buzina e uma BMW 4x4 preta se aproximou. Sam Riddel, minha carona de volta. Eu percebi que estava um pouco desapontado por ele ter chegado tão rápido. E aquele pensamento me assustou mais do que tudo que já tinha acontecido naquele fim de semana.

– O que eu quero saber é... – falou Kirsty, interrompendo o meu devaneio.

– Sim?

– Como, em nome do Salvador crucificado e ressuscitado, você conseguiu ajuda do Departamento de Segurança Interna?

capítulo 47

PENELOPE HARRIS NUNCA SERIA DESCRITA como uma mulher alegre.

E aquele sábado não era uma exceção. Ela trabalhava como assistente de dentista numa pequena clínica em Old Amersham e aquele seria seu sábado de folga. Mas devido à falta de pessoal e a um vírus estomacal que estava circulando – que felizmente a poupou –, ela tinha mudado sua escala de serviço e concordado em ir para o trabalho.

Penelope passava a maior parte dos intervalos para almoço comendo na sala de funcionários. Um sanduíche de queijo com picles e um pacote de batata chips com um iogurte de cereja. Ela nunca mudava a rotina. Considerava-a algo importante. Sem rotina havia caos, era o que pensava. E uma das coisas que Penelope fazia todo sábado à tarde era sua compra semanal.

Então no horário de almoço lá estava ela, de mau humor, empurrando o carrinho. O lugar estava mais cheio do que nunca e Penelope teve que manobrar em torno das hordas de compradores muito acima do peso para chegar a um espaguete à bolonhesa, refeição perfeita para uma pessoa. Era o seu mimo de sábado à noite, quando se acomodava para assistir à sua novela favorita. Ela tinha algumas reservas no congelador, mas não era a mesma coisa comparado ao produto fresco. Não mesmo.

Ainda assim, ela voltou para a clínica levemente agitada, com um pouco de calor e seu humor não era dos melhores. Quando chegou, notou que havia três mensagens de texto não lidas em seu celular, além de uma mensagem de voz.

Enquanto Penelope escutava a mensagem, qualquer esperança restante de um dia melhor se esvaíra rapidamente. O celular caiu de sua mão e bateu no chão da sala de funcionários do cirurgião-dentista. Sua colega Debra Brooking se voltou, surpresa, enquanto despejava água quente da chaleira numa embalagem de macarrão instantâneo.

– Tudo bem, Penelope? – perguntou. – Más notícias?

Penelope assentiu, seu rosto branco feito giz.

– É o meu irmão. Ele acabou de ser atropelado por um trem.

capítulo 48

MEIA HORA DEPOIS, PENELOPE HARRIS estava na frente da recepção do hospital Stoke Mandeville, o rosto vermelho de raiva.

– Como assim, eu não posso vê-lo? É o meu irmão!

– Eu sei disso – respondeu a recepcionista, cada vez mais constrangida. – Você está ciente das circunstâncias do acidente?

– O carro dele estava na linha ferroviária. Um trem bateu nele.

– Sim, eu sinto muito.

– Eu sei que ele foi gravemente mutilado. Mas eu ainda deveria poder ver o corpo do meu irmão.

– Receio que não seja tão simples.

Envergonhada, a recepcionista deu de ombros, desculpando-se, enquanto um homem de 50 e tantos anos com um jaleco branco e o estetoscópio de praxe ao redor do pescoço apareceu.

– Tudo bem, Maureen. Eu cuido disso.

Penelope se voltou para ele.

– Você é o encarregado daqui?

– Eu sou o Sr. Ferguson, um dos auxiliares cirúrgicos.

– Ótimo. Eu quero ver o meu irmão.

Ferguson assentiu.

– Por favor, venha comigo. – Ele fez um gesto com a mão e conduziu Penelope para uma sala pequena com dois sofás e um bebedouro.

– Eu não entendo. Por que não posso vê-lo?

– Ele está em cirurgia, Sra. Harris.

Penelope deu um passo para trás.

– Do que está falando? Vocês disseram que ele estava morto.

– Desculpe. Não queria confundi-la. Ele tinha um cartão de doador. Seu coração estava em bom estado. Ele vai salvar a vida de uma jovem.

Penelope balançou a cabeça, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Eu soube que o seu irmão era professor. A jovem recebendo o coração dele é uma pianista talentosa. Ela recebeu uma bolsa musical recentemente do Corpus Christi College, na Universidade Cambridge.

– Não – falou Penelope.

– Como?

– Meu irmão nunca teria um cartão de doador. Nós conversamos sobre isso.

O assistente cirúrgico fez um gesto conciliatório.

– Eu posso garantir que ele tinha um cartão na carteira... – Ele hesitou. – E ele deixou um bilhete.

– Que bilhete?

– Sinto muito, Sra. Harris, mas o seu irmão cometeu suicídio.

– Não... houve algum engano. Não é o meu irmão. Você está com a pessoa errada.

– O homem tinha a carteira do seu irmão e estava dirigindo o carro dele.

Penelope balançou a cabeça de novo.

– Talvez tivessem sido roubados.

O assistente não respondeu e Penelope ergueu o queixo, desafiadora.

– Bem, se é ele, então não quero que o transplante aconteça. Não é o que ele queria. Eu tenho certeza disso.

– É tarde demais, Sra. Harris.

– Eu recuso. Vamos ser muito claros aqui: não estou dando a minha permissão.

– O coração da garota já foi removido. Eles estão no processo de substituição com o de seu irmão agora mesmo.

– Bem, eu quero que isso seja interrompido!

capítulo 49

SAM VIROU O VOLANTE E olhou para mim de relance.

– Amigos de cima, Dan?

– É o que parece. Jack Morgan tem alguns, pelo menos.

– No Ministério das Relações Exteriores?

– O Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos entrou em contato com a sua contraparte local. Eles que providenciaram o passaporte para Hannah Shapiro em primeiro lugar. Tudo por cima do balcão.

– Imagino que a sua ex não tenha ficado muito feliz...

– Na verdade, a Kirsty não viu problemas. Mas o chefe dela viu.

– Que pena.

– Foi uma pena mesmo.

Meu celular tocou e olhei para o identificador de chamadas. Era um número confidencial.

– É melhor que não seja um maldito operador de telemarketing – disse e cliquei no símbolo verde. – Dan Carter.

Uma voz mecânica falava.

– Esteja no seu escritório em duas horas. Vamos passar instruções. Se estava falando com a polícia, você acaba de assinar a sentença de morte dela.

A linha caiu. Sam olhou para mim.

– Eram eles?

Fiz que sim.

– Qual é o plano?

– Vão ligar de volta em duas horas com detalhes.

– Como era a voz dele?

Eu dei de ombros.

– Eles usaram um modificador de voz.

– Como eles conseguiram o seu número?

– Imagino que Hannah tenha dado para eles. Ela sabe quem nós somos.

– Disseram mais alguma coisa?

– Disseram que o jogo acabou, caso eu tenha abrido o bico para a polícia.

– Eles sabem que você foi preso?

– Sim.

– Operação sofisticada, então?

– Talvez.

– O que é algo bom, suponho.

– Também acho – concordei, pensando que Hannah Shapiro já sabia bem demais como as coisas podiam ficar feias com amadores.

Pouco tempo depois, Sam estacionou numa das áreas esportivas da CUL. Ficava no centro da cidade e tinha uma construção térrea de tijolos e dois campos de rúgbi. Um dos campos estava sendo usado pela equipe da CUL.

Fomos pelas linhas laterais e observamos por um tempo. Suzy tinha descoberto que eles jogariam mais tarde naquele dia, numa partida anual de ajuste de contas contra a UCL. Era parecido com a corrida de barcos anual entre a Oxford e a Cambridge. Se as vitórias fossem somadas, a Chancellors saía um pouco à frente, mas a UCL tinha vencido nos dois últimos encontros e eles queriam recuperar o equilíbrio, expliquei para Sam.

– Estão a fim de recuperar o equilíbrio – retrucou Sam –, mas saíram para festejar na véspera.

Olhei para eles e sorri.

– Moleques de faculdade. Eles têm um período de recuperação mais rápido. Você está ficando velho, é só isso.

– Velho nada. Eu poderia dar uma vantagem de dois minutos para esses ratos de biblioteca que comem com colheres de prata e ainda vencer por mais de um quilômetro.

E provavelmente podia mesmo.

– Você já jogou rúgbi?

– Rúgbi? Você está maluco? – perguntou Sam, sem rodeios. – Eu frequentei a faculdade a duras penas, meu amigo. E nós não temos rúgbi nessa instituição de ensino.

Sorri. Sabia que na verdade ele tinha ido para uma escola secundária católica, e poderia ter frequentado uma universidade de sua escolha. Em vez disso, Sam escolheu a Academia de Polícia de Hendon. Algo a ver com ter crescido num

lugar com baixa expectativa de vida, imaginei. Onde ele viu dois dos seus irmãos serem mortos. Como eu disse antes, ele poderia ter ido para qualquer lugar. Tivemos sorte com a escolha que ele fez.

A sessão de treino terminou e os jovens começaram a caminhar em direção à construção de tijolos. Eu corri para encontrá-los.

– Esperem um minuto.

Eles pararam e me olharam com curiosidade. Um deles, um cara alto, mais alto do que eu, pelo menos, mas não mais do que Sam, deu um passo à frente. Ele devia ter uns 23 anos, cabelos crespos curtos e uma cicatriz irregular na testa que o fazia se parecer com o primo bárbaro do Harry Potter. Era o cara que tinha prestado muita atenção nas garotas quando elas saíram do bar na noite passada. Ashleigh Roughton, de acordo com os detalhes que Lucy tinha enviado para o meu celular.

– Não me diga – disse ele, olhando para mim sem parecer impressionado. – Você está olhando para os Saracens e quer nos contratar.

– Não. Eu quero falar com vocês sobre as três garotas da universidade que foram atacadas ontem à noite.

– Você é policial?

Abri um sorriso. Difícil de segurar. Ele estava tentando parecer durão e legítimo. Mas seu sotaque era mais formal do que um suéter de gola da Abercrombie & Fitch... de tons pastéis.

– De certa forma, Ashleigh. No setor privado.

– Você sabe quem eu sou?

– Nós sabemos quem todos vocês são. Não estamos aqui sem permissão.

– Vocês não são a polícia, então não temos nada a dizer para vocês! Já dissemos às devidas autoridades tudo o que sabemos. Que é nada.

Ele virou o ombro e acenou para os colegas. Eu me aproximei rapidamente, coloquei a mão no ombro dele e o virei na minha direção.

– Espera, eu não acabei aqui.

– Tire suas mãos de mim – ordenou ele, empurrando minha mão.

– Como eu disse, tenho algumas perguntas – retruquei, dando um passo à frente, encarando o rapaz.

– É difícil fazer perguntas com a boca cheia de dentes quebrados.

Eu ri.

– Isso era pra ser uma ameaça?

Ele deu um passo para trás. Tinha um sorriso arrogante nos lábios.

– O quê?–Você não acha que eu te derrubo?

– Você pode conseguir derrubar algumas patricinhas por trás nessa sua equipe de rúgbi, mas eu bato em pessoas para ganhar a vida, filho.

O que não era verdade, mas... a verdade é sempre a primeira baixa num conflito, não é? Foi o que me disseram. Chamá-lo de “filho” teve o efeito desejado. O ombro dele avançou e daria na mesma se o garoto tivesse escrito o que estava prestes a fazer num cartão-postal e me enviado pelo correio na véspera.

capítulo 50

INCLINEI A CABEÇA PARA TRÁS e o soco aberto de Ashleigh passou longe do meu queixo. Quando ele se desequilibrou, dei um passo rápido à frente e bati forte no seu plexo solar com dois dedos estendidos.

Ele se curvou fazendo um barulho que parecia uma máquina de lavar e caiu de lado no chão, o rosto ficando roxo.

Seus colegas avançaram e eu ergui a mão.

– Ele só perdeu o fôlego. Vai ficar bem.

– Melhor do que você vai ficar, cara. – Um deles tinha encontrado a própria voz. Outro almofadinha tentando parecer durão.

Sam tirou o casaco.

– Algum de vocês pode segurar isso para mim?

O cara que tinha falado era Tim Graham, de acordo com as minhas anotações: 1,80 metro, parecia ter metade do peso de Sam. Graham olhou para o meu parceiro e sua expressão perdeu um pouco de confiança.

Ergui as mãos, apaziguador.

– Vamos com calma. Vocês poderiam vir todos para cima de nós e, quem sabe, talvez pudessem nos derrubar. Mas não antes de alguns de vocês se machucarem. E quero dizer se machucarem *feio*.

Baixei os olhos para Ashleigh Roughton, que estava se levantando, respirando fundo, os olhos úmidos.

– Você só perdeu o fôlego – disse. – Eu te acertei de surpresa.

Ele assentiu. Não era verdade, claro, mas achei que talvez ajudasse a acalmar a situação se eu devolvesse um pouco de orgulho para ele. Não seria fácil encontrar os agressores de Chloe se eu também fosse parar num leito de tratamento intensivo.

Outro cara deu um passo à frente. Tinha 1,75 metro de altura, mas com um corpo enorme. Acho que era um talonador. Ele tinha o tipo de rosto que até mesmo uma mãe acharia difícil de amar.

– Você é o Riddler? – perguntou ele direto para Sam, ignorando a minha presença.

– Eu nunca gostei muito desse apelido – gracejou Sam.

O rosto feio do homem se abriu num sorriso.

– Uma vez o meu pai me levou para ver uma luta sua. Anos atrás. Você era incrível. Polícia Metropolitana contra a Força Aérea Real. Você ganhou.

– Eu me lembro. Quem era o seu pai?

– Chefe superintendente Patrick Connolley. Agora ele está aposentado.

– Ele é um bom homem.

O sujeito concordou, ainda sorrindo.

– Incrível – repetiu ele.

Senti uma mudança no humor coletivo. Ergui as mãos.

– Que tal a gente só fazer algumas perguntas para vocês? Aí vocês podem canalizar a sua agressividade dando uma puta surra na UCL esta tarde.

Meia hora depois, nós tínhamos falado com cada membro do time e estávamos saindo da arena esportiva, voltando para o carro de Sam.

– Bom, não descobrimos muita coisa – comentou ele.

Entrei no carro e coloquei o cinto de segurança. Mas Sam estava enganado. Achei que nós *tínhamos* descoberto algo. Algo importante.

Se o rapaz que eu derrubei, Ashleigh Roughton, não tinha algo a esconder, meu nome não é Dan Carter. Eu estava longe de sorrir, mas as coisas começavam a andar. A próxima jogada era do adversário, mas eu pude sentir a mudança de maré.

Até agora eles estavam no comando.

Eu pretendia mudar essa situação.

capítulo 51

O SR. ALISTAIR LLOYD GESTICULOU PARA a sua assistente, uma mulher canadense de 30 anos.

– Pode fechar a porta, Michaela?

Ao sair da sala, ele ficou surpreso ao ver dois policiais, seu colega John Ferguson e uma jovem agitada com uma expressão infeliz no rosto, esperando para vê-lo.

– Há um pequeno problema, Alistair – falou Ferguson.

– Sim?

– O meu irmão nunca teria assinado um cartão de doação de órgãos. Houve um engano – afirmou Penelope Harris.

– Não entendi.

– Eu quero que a operação seja interrompida.

O cirurgião encolheu os ombros. Não era um gesto pedindo desculpas.

– Receio que seja tarde demais. O transplante foi feito. Claramente era o que seu irmão queria.

– Eu não acredito. Quero vê-lo.

– É claro, mas você precisa entender que ele se envolveu num acidente sério. Sofreu ferimentos graves.

– Eu sei disso. Preciso confirmar se é ele.

Um dos policiais deu um passo à frente.

– Nós precisamos de uma identificação formal.

– Lógico. Venham comigo, então.

Pouco tempo depois, Alistair Lloyd balançou a cabeça para a assistente do necrotério, que abriu a gaveta e revelou o cadáver. O homem morto tinha sofrido um trauma considerável, mas o seu rosto, embora lacerado, estava reconhecível. Penelope engasgou, colocando a mão sobre a boca. Então assentiu, incapaz de falar.

O cirurgião gesticulou para a assistente fechar a gaveta novamente. Quando ela

o fez, a mão esquerda do irmão de Penelope saiu debaixo do lençol.

– O que aconteceu com a mão dele? – perguntou Penelope, intrigada.

John Ferguson olhou para baixo, chocado. O dedo anelar do homem tinha sido decepado na segunda articulação.

– Não estava assim quando ele entrou – afirmou.

capítulo 52

ENQUANTO SAM ESTAVA ESTACIONANDO O carro, subi correndo as escadas até o nosso escritório.

Havia alguma atividade nos escritórios da Chambers, Chambers & Mason. Mas não muita. Parece que advogados não estão sempre acompanhando o caso. Pelo menos nas tardes de sábado.

Lucy estava na mesa de recepção, digitando no computador.

– Onde está Suzy? – perguntei.

– Ela ainda está na universidade.

– Você conseguiu mais alguma coisa?

– Nós fizemos contato com Laura Skelton. Ela está bem chocada com tudo o que aconteceu.

– E deveria estar mesmo. Ela disse algo de novo?

Lucy balançou a cabeça.

– Suzy ainda está com ela. Parece que as duas estão se dando bem. Ela achou que talvez fosse útil começar uma amizade.

– Quero ficar informado. E peça para ela investigar um rapaz chamado Ashleigh Roughton enquanto estiver lá embaixo. Capitão do time de rúgbi. Ele é uma prioridade.

– Pode deixar! – Ela pegou o telefone.

Talvez ainda conseguíssemos transformá-la numa agente de campo. Eu atravessei o escritório até o bebedouro, peguei um copo plástico e me servi de um pouco d'água.

Bebendo uns goles, caminhei até a estação de trabalho de Adrian Tuttle. Ele tinha três computadores conectados, um monitor da Apple com um display grande e dois notebooks. A gravação de Hannah amarrada lendo a mensagem dos seus captores estava parada numa imagem. Adrian ergueu os olhos do notebook em que estava trabalhando quando eu me aproximei.

– Tem alguma boa notícia para mim, Adrian? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, sentindo-se meio culpado.

– O endereço de e-mail é uma conta de Hotmail, como você sabe. Negócio descartável.

– E a conta do YouTube?

– Vinculada à conta de e-mail. Estou tentando conseguir a assinatura do computador, mas não estou tendo sorte.

– O YouTube não divulga?

– Não sem um mandato. E a gravação original foi removida.

– Você pode rastrear o ISP remotamente?

Adrian balançou a cabeça.

– O Esponja talvez conseguisse, mas... eu não sou tão bom.

Concordei. Nada que já não estivesse esperando.

– Continue.

O telefone tocou. Lucy atendeu e me chamou com um aceno.

– São eles – avisou.

– Passe para o meu escritório, Lucy. Vou atender lá.

Fiz um sinal para Sam me seguir e entrei no escritório. Quando ele fechou a porta, apertei o botão de viva voz.

– Dan Carter. Diga.

– *Há uma oferta de troca se vocês tiverem interesse.*

– É claro que temos interesse.

– *Ótimo. Amanhã, às dez da manhã. Parliament Square. Há uma estátua de Sir Robert Peel no canto sudoeste da praça.*

– Eu sei onde é.

– *Muito bom. Esteja lá. Esteja sozinho. E tenha um milhão de libras em diamantes lapidados com você.*

Olhei para o relógio.

– Isso pode ser difícil de conseguir a tempo.

– *O problema é seu, não meu. E garanta que sejam perfeitos. Nenhuma falha. Afinal... nenhum de nós quer acabar com mercadorias danificadas quando esta troca terminar, não é verdade?*

– Sim – respondi, imaginando Hannah Shapiro vestida em roupas íntimas, aterrorizada. Apertei o telefone com mais força.

– *Então temos um acordo?*

– Eu estarei lá – concordei.

– *Se qualquer...* – houve uma breve hesitação – *cadete, como vocês os chamam, aparecer... ela morre e a culpa será sua, Sr. Carter. Não a decepcione. Ela está contando com você.*

– Eu quero ouvir a voz dela.

A linha caiu.

Cliquei na tela do meu computador e abri o registro de chamadas recebidas. Nada. Bati o telefone no gancho.

– Filho da puta!

– Pelo menos isso revelou algo.

– O quê?

– Ela não foi sequestrada por um grupo americano.

– Como assim?

– Ele disse *cadetes*. Com bastante ênfase. Não é provável que um americano use essa expressão.

– Não é impossível. Eles têm policiais ingleses lá também e ele disse "como vocês os chamam". Querendo dizer os britânicos, como se ele fosse estrangeiro.

– É um termo mais usado dentro da polícia do que fora. E não é um termo muito recente, é?

– Verdade.

– Pode ter sido deliberado.

– Tenho bastante certeza de que tudo o que ele disse foi deliberado.

– O que nós vamos fazer?

– Arrumar os diamantes. Fazer a troca.

– Sem policiais.

– Sem policiais. Nós podemos lidar com isso – disse, com um grau de confiança que certamente não estava sentindo.

capítulo 53

A PROFESSORA ANNABELLE WESTON VIU AS horas e empurrou a dissertação de um aluno do segundo ano que ela estava corrigindo.

"Arquétipos junguianos em *graphic novels* contemporâneas." Ela deu um suspiro de desdém e pegou o telefone, discando alguns números. Depois de um tempo, a linha para a qual ela estava ligando caiu numa mensagem gravada. Ela esperou a gravação terminar.

– Laura, aqui é a professora Weston, só para lembrar que você tinha uma aula agendada. Eu compreendo se você não vier, mas só queria confirmar se está tudo bem. Por favor, me ligue.

Desligou e girou um dedo com a unha impecavelmente feita por uma mecha de cabelos loiro escuros. Olhou de novo para o primeiro parágrafo do texto e o colocou de lado mais uma vez, incapaz de se concentrar.

Pegou o telefone novamente, consultou um cartão de visita que tinha na mesa e discou para outro número. Depois de um ou dois segundos a chamada foi atendida.

– Dan Carter.

Ela abriu um sorriso meio hesitante.

– Dan, é a professora Weston. Annabelle.

– Oi – disse ele e ela pôde escutar a simpatia na sua voz, imaginar o sorriso do outro lado da linha. Ele tinha um sorriso bonito. Era inteligente, também, dava para perceber.

– Eu só estava me perguntando se aconteceu algo de novo por aí. Falei com a polícia e eles só podem me dizer que estão *investigando todas as possibilidades*. O que, na minha interpretação, significa que eles não têm a menor ideia.

– Eles estão fazendo tudo o que podem.

– Suponho que estejam. Mas estou me sentindo tão impotente. Sinto que deveria estar fazendo alguma coisa.

– Eu sei que é difícil, mas lembre-se do que o poeta disse: "Eles também

servem aqueles que só ficam esperando.”

– Shakespeare?

– John Milton. Ele estava se referindo à sua cegueira. E apesar de parecer que estamos andando no escuro, professora, não estamos. Há uma luz à frente e é por ela que vamos levar Hannah para casa.

– Você fala como se algo tivesse acontecido.

– É só experiência. As coisas acontecem por uma razão. E quando compreendemos por quê, podemos tomar medidas para lidar com elas.

– E você está perto de compreender?

– Sim, acredito que o nosso trabalho esteja seguindo nessa direção.

– E vocês vão me contar quando puder?

– Vamos.

– Obrigada, então.

Annabelle Weston desligou, passando o polegar e o indicador da mão direita pelo dedo anelar da esquerda. Ainda havia uma leve marca clara no lugar em que o seu anel de casamento tinha sido removido alguns anos atrás.

Um pequeno sorriso brincou nos cantos dos seus lábios. Como será que Dan Carter é na cama? Ela se perguntou.

O sorriso sumiu quando ela pegou o telefone pela terceira vez e ligou para outro número.

– Kht Mn Qlby – disse ela, quando a ligação foi atendida. – Sou eu.

capítulo 54

GARY WEBSTER TINHA UMA LOJA de médio porte de consertos e carrocerias em Marylebone, não muito longe da agitada High Street. Certamente, até onde o coletor de impostos sabia, era assim que Gary ganhava seu dinheiro. Consertos de batidas, trabalhos em carrocerias, pinturas, reposição de freios e rodas.

Mas a verdade era que ele tinha muitos outros negócios lucrativos, responsáveis pela maior parte de sua renda. Nenhum deles era legal.

Gary estava em seu bar local, The Prince Regent, o que ele carinhosamente chamava de "um verdadeiro bebedouro vitoriano na Marylebone High Street", tomando uma Abbot Ale quando eu entrei. Sentei no banquinho ao seu lado.

– Dan – disse ele, gesticulando para a garçonete e estendendo a mão para que eu o cumprimentasse.

Abri mão do cumprimento com um gesto. As mãos de Gary Webster têm a força de um lutador de braço de ferro russo sobrecarregado de anabolizantes. Ele tem uns bons 8 centímetros a menos do que eu e seu peitoral também é um pouco menor. Eu uso tamanho 44 e imagino que ele use 38. Mas seus antebraços parecem pernas de porco e eu não o cumprimento com um aperto de mãos desde que ele saiu da escola e foi trabalhar para o pai. Não porque tenha passado esse tempo sem vê-lo, mas porque não quero ter a minha mão deformada.

Em vez disso, dei um tapinha em seu ombro e peguei a garrafa de Corona que a garçonete tinha trazido para mim. Não era a primeira vez que eu visitava aquele bar.

– Como estão os negócios? – perguntou ele.

– Já tive dias melhores – respondi.

– Por isso que você procurou seu velho amigo, então?

Confirmei.

– Foi por isso que eu entrei em contato. – Tomei um gole grande da garrafa de Corona.

– Devo presumir que o caso está exigindo algo fora do âmbito legal das suas

operações regulares? – Ele tomou um gole da cerveja.

– Novamente, seu palpite está certo.

– Do que você precisa?

– O mesmo da última vez.

Ele abriu um sorriso sarcástico.

– Nada para o Tonto?

Gary estava se referindo a Sam. Eles não se davam bem.

– Sam não toca nesse tipo de coisa. Você sabe disso.

– É, eu sei. Covarde.

– Diz isso na cara dele.

Gary sorriu.

– Eu diria, se alcançasse.

Eu esvaziei a garrafa e ele fez o mesmo com seu copo, dando dois goles grandes.

– Não sei como você consegue tomar isso. Parece água de lagoa.

Ele se levantou e deu uma batida no meu ombro.

– É a cerveja canônica, Dan. Põe chumbo no seu lápis e poder no chapéu.

Nós pegamos o carro de Gary. Nada de sirene para colocar em cima do capô. Uma velha Mercedes berlina, com um motor S320 de três litros e uns quatorze anos de uso. Deve dar para arranjar uma por menos de mil pratas.

Mas não uma igual a essa. Gary fez alguns ajustes. Ele colocou potência o bastante embaixo do capô para que fosse de zero a cem no tempo que uma viatura leva para ligar as sirenes. O carro não estava registrado no nome dele e Gary nunca cometeu o erro de correr que nem um moleque pela cidade. Viria o tempo quando seus poderes secretos seriam necessários e, quando ele chegasse, o veículo seria uma bela carta na manga.

Gary sempre separou bem negócios e prazer. É isso que faz a diferença entre os profissionais e os amadores nesse jogo.

Dava para sentir o poder puro do motor, mesmo andando à marcha lenta pela Marylebone High Street. Mas eu fui até Gary Webster em busca de um tipo muito diferente de força.

O tipo que mata.

capítulo 55

Dez minutos depois, estávamos num armazém a cerca de um quilômetro e meio da garagem de Gary.

O lugar não estava registrado no nome dele, e sim no de uma pessoa falsa de uma empresa falsa, caso alguém investigasse a fundo.

Gary fechou a porta atrás de si e acendeu as lâmpadas fluorescentes no teto. O centro do espaço era ocupado por um Jaguar XK V8 conversível novo, com motor de cinco cilindros. Custava 73 mil da última vez que eu vi um, à mostra na sala de exposição na Rua Berkeley, em Mayfair.

Tenho certeza de que o carro não estava lá para fazer alinhamento das rodas e trabalho no acabamento.

Gary me levou até o fundo do armazém, passando pelo carro. Havia um cofre antiquado de um lado, em meio a pilhas de componentes de motor usados. Ele girou a combinação e abriu o cofre, pegando uma espingarda e uma pistola semiautomática e passando ambas para mim. Guardei as armas numa mala de lona que tinha trazido justamente para isso.

Em seguida, tirou duas caixas de munição. Usei uma das toalhas que eu tinha posto na mala mais cedo para cobrir tudo e fechei o zíper.

– É uma boa ideia manter esse tipo de coisa aqui, Gary? – perguntei.

– A esposa não gosta de ver isso em casa.

– Você não é casado.

– Mesmo assim. Mas agora elas não estão mais aqui.

– Só uns dois dias.

– Se usar, você se livra delas.

– Nem precisa dizer.

– É, bom, muitas coisas ficariam melhor sem ser ditas.

– Você está dando uma de filósofo para cima de mim?

Gary me deu um olhar intrigado, preparando o terreno. Qualquer outra pessoa não faria perguntas, mas Gary Webster e eu tínhamos sido melhores amigos na

escola. Esse era um elo difícil de quebrar, apesar de não termos nos visto muito nos últimos anos Nós protegemos um ao outro vezes demais para isso.

– Então... – disse ele, por fim. – Você vai me dizer qual é o trabalho?

Olhei bem nos olhos dele.

– O que estão dizendo nas ruas sobre Brendan Ferres?

Gary reagiu.

– Snake Ferres?

– É.

Ele balançou a cabeça.

– Você tem que estar brincando comigo, porra.

Dessa vez, fui eu que balancei a cabeça.

– Bom, o que estão dizendo é que ele tem um pinto de jumento com uma tatuagem de uma cobra dando bote.

– Eu não estava falando do tamanho do negócio dele, Gary.

– É, bom, te dá uma ideia da inteligência do sujeito. E do nível de dor que ele aguenta, também, pensando bem na coisa... – Ele fez uma careta e depois sorriu. – Ele tatuou a cabeça da cobra na glande, pelo amor de Deus!

Eu não devolvi o sorriso.

– Talvez Ferres esteja envolvido com algo.

– E?

– É algo que preciso resolver.

Gary me olhou para ver se eu estava falando sério. Eu estava.

– Você perdeu completamente a noção das coisas. Ele é o braço direito de Ronnie Allen!

– Eu sei exatamente quem ele é.

– Você não pode ir contra Allen, Dan. Nem você. – Ele meneou a cabeça de novo. – *Especialmente* você.

– Brendan Ferres entrou nessa dança. Eu não posso fugir, Gary.

– Pode, sim. Correndo, por sinal.

– Uma estudante foi sequestrada ontem à noite na Universidade Chancellors.

Gary balançou a cabeça, surpreso.

– Esse não é o estilo de Ronnie Allen. Sequestros? Nunca ouvi isso.

– Talvez ele esteja expandindo os negócios.

– Não imagino que seja o caso.

– Brendan Ferres foi visto entrando no prédio mais cedo. O prédio do qual as estudantes tinham acabado de sair antes de serem atacadas, e uma delas sequestrada.

– Talvez seja coincidência.

– Eu não acredito nesse tipo de coincidência.

– Mas elas acontecem, Dan. E pelo bem da sua saúde, eu sugiro que você comece a acreditar nelas.

– Uma das garotas foi sequestrada. Outra foi cortada com uma faca. E a terceira foi atingida com um taco de beisebol na nuca.

– Meu Deus! Mesmo assim, Dan. Deixa quieto.

Eu balancei a cabeça.

– A garota em quem bateram com o taco de beisebol era a Chloe. Chloe Smith, Gary.

Ele absorveu a notícia por uma fração de segundo e então seu maxilar endureceu.

– Você precisa de reforços?

– Não. É minha responsabilidade.

– Você me avisa se precisar?

Eu assenti, agradecido, mas não tinha nenhuma intenção de envolver Gary ainda mais naquilo.

– O que você vai fazer?

– Vou perguntar para ele. Avisá-lo que se a garota for ferida de qualquer maneira... haverá consequências.

– Isso se ele estiver com ela. Não consigo imaginar uma coisa dessas. Como eu disse, não é o estilo dele.

– É – concordei. – *Se* ele estiver com ela.

– Brendan Ferres é um gorila de terno. Ele não faz nada a menos que Ronnie Allen o mande fazer.

– Eu sei.

– E ele está noivo da filha de Ronnie.

– Eu não sabia disso.

– Bem, ele está. E a pequena Becky Allen é a menina dos olhos do papai.

Ele estava sendo um pouco sarcástico. Rebecca Allen tinha 32 anos, 1,77 metro de altura e o corpo de Kirstie Alley quando ela estava em sua melhor forma. Não

havia nada de pequeno nela, incluindo seu apetite sexual, se os rumores quanto ao seu noivo não forem exagerados. E Gary tinha razão... seu pai a tratava como uma princesa.

– Disso eu sabia – concordei.

– Então tome cuidado. A situação pode ficar feia. Aparências são tudo para um homem como Ferres.

– Ainda preciso conversar com ele.

– É.

Eu ergui a mala.

– E agradeço pela ajuda.

– Sem problemas. Vai levar Sam junto?

– Vou.

– Veja se consegue persuadi-lo a carregar, então.

Eu dei um sorriso triste.

– Isso nunca vai acontecer.

capítulo 56

A DETETIVE KIRSTY WEBB LAMENTOU MAIS uma vez por não ter simplesmente desligado o celular e tirado o fim de semana de folga.

A viagem de carro saindo de Londres até as regiões campestres tinha sido um pesadelo, com o trânsito entupindo a Avenida Western e o ar-condicionado do carro pifando de vez. Como ele pôde quebrar justamente no primeiro dia realmente quente do ano? Ela manteve as janelas abertas um pouco, mas qualquer um que já tenha ficado preso no trânsito em Londres sabe que essa não é a solução ideal. Pelo menos, não por muito tempo.

Quando Kirsty se livrou da M25, as pistas ficaram livres e ela fez mais progresso. Mas não conseguiu deixar de sentir que aquilo seria uma caçada em vão.

A velha cidade comercial de Aylesbury ficava a apenas 67 quilômetros ao noroeste de Londres, mas era uma viagem de uma hora e meia para chegar lá, mesmo num dia bom. Kirsty teria usado a rota A41, mas as obras nas estradas circulares ao norte teriam tornado a viagem ainda mais intolerável.

Era bom sair de Londres, ela pensou enquanto entrava no estacionamento do hospital Stoke Mandeville e desligava o rádio do carro.

Uma detetive da polícia local estava esperando para recebê-la na entrada. Uma mulher de aparência formidável com 30 e tantos anos e cabelos levemente grisalhos.

– Natalie James – apresentou-se.

– Kirsty Webb.

– Venha comigo.

Kirsty a seguiu para dentro do hospital, passando pela recepção e atravessando uma série de corredores. O corpo fora movido para uma pequena sala lateral, guardada por um jovem policial. A detetive Natalie deu um aceno apressado para ele e abriu a porta, conduzindo Kirsty para dentro.

O cadáver estava numa maca e tinha sido coberto de novo por um lençol.

– O carro dele foi atingido por um trem em alta velocidade. A morte cerebral foi quase instantânea.

– Posso imaginar.

– E o corpo recebeu ferimentos consideráveis.

– O ferimento na mão não pode ter acontecido com a colisão?

– Foi o que pensamos de início – disse a detetive –, mas um patologista deu uma olhada melhor. A metade de cima do dedo foi certamente decepada após a morte. Nenhuma perda de sangue e tudo o mais. Não há nenhuma dúvida.

A detetive ergueu o cobertor que cobria o lado esquerdo do corpo de Colin Harris e mostrou a mão mutilada para Kirsty. Ela balançou a cabeça, achando aquilo difícil de acreditar.

– Nós sabemos o que foi usado?

– Achamos que foi um bisturi.

– Certo.

– Eu soube que você teve alguns casos similares.

– Mais ou menos. Os nossos foram duas mulheres. Vinte e poucos anos. Ambas ainda não identificadas.

– E as duas tiveram o mesmo dedo cortado?

– O dedo anelar. Metade do dedo, na verdade. E ambas tiveram órgãos removidos.

– Que merda. – Era óbvio que a detetive estava abalada. Não deviam existir muitos assassinos em série em Buckinghamshire.

– Mas o padrão foi quebrado aqui. Isso pode ser algo significativo.

– Mas como alguém poderia saber? E depois ainda entrar escondido no nosso necrotério e cortar o dedo de um cadáver em plena luz do dia!

– Quem foi que autorizou o transplante? Qual é o procedimento?

A detetive pegou um livrinho preto e consultou suas anotações.

– Em primeiro lugar, a morte cerebral tem que ser determinada por dois médicos independentes.

– Independentes do hospital?

– Não, dos doutores envolvidos com a doação ou da equipe de transplante.

– Então a morte cerebral foi determinada por dois médicos independentes. E depois o que aconteceu?

– O corpo foi mantido vivo por máquinas, o coração foi removido e

transplantado para a receptora.

– E a mulher mantém a ideia de que o irmão era obstinadamente contra ser um doador.

– É o que ela diz. Embora também diga que tenha se afastado do irmão. Eles não se falavam há alguns anos.

– Por quê?

– Ela não disse. Mas eu tenho a impressão de que Penelope Harris não é uma pessoa muito sociável.

– Posso falar com ela?

– Claro que pode. Vamos fazer tudo o que pudermos para ajudar.

– Eu preciso avisar, detetive...

– Sim?

– Se esse for o nosso assassino em série maluco, ou até mesmo se for um imitador, o esquadrão de crimes graves de Londres virá em massa. Você vai ficar bem ocupada.

– Por que eles não vieram direto?

– Porque não acham que haja uma conexão e o meu tempo é muito menos valioso para desperdiçar.

– Mas você acha que existe uma conexão com as suas duas mulheres não identificadas?

– Sim, detetive Natalie, eu acho.

capítulo 57

KIRSTY WEBB ESTAVA COMEÇANDO A criar antipatia por Penelope Harris.

A mulher não parecia chateada pela morte do irmão, mas sim pela inconveniência que aquela situação estava lhe causando.

– Eu só quero ir para casa – disse ela.

– E você vai. Eu só preciso repassar algumas coisas antes – retrucou Kirsty, tentando manter a própria raiva sob controle.

– Ah, pelo amor de Deus, já falei mil vezes: eu não sou a pessoa que você deveria estar interrogando.

– É uma entrevista, não um interrogatório...

– São aqueles cirurgiões. Foram eles que mataram o meu irmão, que pegaram o coração dele como se fosse uma peça sobressalente.

– O seu irmão teve morte cerebral declarada, Sra. Harris. E ele carregava um cartão de doador de órgãos.

– Não era dele.

– Eles não se baseiam só no cartão, Penelope – disse Kirsty suavemente, usando o primeiro nome da mulher para tentar ganhar sua simpatia. Não funcionou.

– "Sra. Harris" está ótimo, muito obrigada.

Kirsty suspirou por dentro, mas manteve a expressão neutra.

– Como eu disse – insistiu ela –, eles não se baseiam apenas no cartão. Eles verificaram com o registro de doadores de órgãos e o nome de seu irmão estava lá.

– Então o cartão dá a eles o direito de fazer isso, é?

– Sim, receio que dê.

– Bem, não deveria.

– Você tem alguma razão específica para se opor tão fortemente à doação de órgãos?

– Nós somos Testemunhas de Jeová.

Kirsty franziu o cenho, confusa.

– Eu pensava que Testemunhas de Jeová fossem contra transfusões de sangue. Doação de órgãos também está no pacote?

– É uma questão de consciência pessoal e muitos de nós somos contra. E quem é a favor ainda exige que todo o sangue seja drenado antes do transplante.

– Compreendo.

– E foi?

Kirsty estremeceu muito levemente.

– Eu não sei.

– Bem, não é isso que você deveria estar tentando descobrir?

– Não é realmente importante, é?

– Claro que é importante!

– Peço desculpas. Eu não quis ser insensível. Mas o eu quis dizer é que a mulher que recebeu o coração de seu irmão não é Testemunha de Jeová.

Penelope Harris considerou isso por um momento.

– É o princípio da coisa – disse ela, fazendo a detetive pensar numa criança amuada.

Kirsty pegou um pedaço de papel guardado num envelope plástico transparente.

– Esse foi o bilhete que ele deixou? – perguntou Penelope Harris.

– Sim – respondeu Kirsty.

– Posso ver, por favor?

Kirsty o colocou na mesa à sua frente. Consistia em duas linhas simples que diziam: *Peço desculpas pelo que eu fiz. Mas pelo menos agora o sofrimento vai terminar. Colin.*

Penelope Harris olhou para as palavras rapidamente e ergueu os olhos para Kirsty, sua expressão tomada novamente pela rebeldia raivosa.

– Ok, ele pode ter decidido carregar um cartão de doador de órgãos. Eu duvido muito... – Ela deu de ombros. – Mas ele definitivamente não escreveu isso!

– Por que não?

– Por que ele nunca se referia a si mesmo como Colin. Detestava esse nome. É seu nome verdadeiro, mas ele sempre usava o segundo nome, Paul. Só usava Colin em documentos oficiais, porque era necessário.

Kirsty assentiu.

– Você não parece surpresa – disse a irmã do homem morto.

– Não estou, Sra. Harris – respondeu a detetive. – Eu acho que o seu irmão foi assassinado.

capítulo 58

ENTRAR NA TURK'S HEAD TAVERN com uma arma é realmente uma péssima ideia.

Mas isso não me impediu de fazê-lo.

A conversa não chegou exatamente a parar quando Sam e eu passamos pela porta do bar. Mas diminuiu consideravelmente.

A Turk's Head fica num dos vários prédios de Ronnie Allen. E todo sábado à noite o próprio dono, em pessoa, aparece para jogar pôquer ou lidar com negócios. Negócios cujos lucros não costumavam ter dedução de impostos.

E, como sempre, naquela noite Allen estava em sua mesa habitual no fundo do bar. Eu sabia que era a sua mesa habitual porque já tinha feito negócios com ele antes. Bem, a Private tinha. Allen comprou uma pista de corrida de cachorros dois anos atrás e a renovou completamente. Ele nos contratou para vistoriar e melhorar a segurança. Acreditem, tem muito dinheiro envolvido em corridas de cachorros, milhões de libras a cada ano. Brad Dexter ficou encarregado pelo projeto e nós nunca ouvimos qualquer reclamação de Ronnie Allen. Ele até pagou a conta.

Existem poucas pessoas estúpidas o bastante para contrariá-lo. Infelizmente, Sam e eu estávamos entre elas, prestes a enfrentar o leão em sua toca.

Caminhamos em direção à mesa dele e dois homens muito grandes se levantaram e nos encararam.

– Uma cerveja para mim e... – Olhei para Sam.

– Água mineral para mim. Com gelo, sem limão.

– Você vai precisar de um canudinho para beber depois de passar por mim, seu filho da puta! – disse o primeiro capanga.

– Está tudo bem, Ralph. Esse homem me conhece – disse Ronnie Allen.

Ralph? Sério? Parece que até bandidos de cabeça oca têm nomes de grife hoje em dia.

Ronnie Allen estava sentado com Brendan Ferres. Um homem de terno escuro

e uma loira extremamente glamorosa estavam sentados do outro lado da mesa. Eu não conhecia o homem. Ele tinha um pouco mais de 40 anos, cabelos prateados lustrosos e estava de óculos escuros. Também não conhecia sua companheira, mas ela parecia ter sido embalada a vácuo no vestido branco.

Ronnie Allen era um homem pequeno, tinha no máximo 1,70 metro de altura, cabelos grisalhos curtos e uma expressão divertida no rosto. A impressão que dava era de que ele manteria aquela expressão mesmo se um dos seus associados estivesse acertando o joelho de alguém com um taco de beisebol ou queimando os seus pés com um maçarico.

Eu abri um sorriso para a loira.

– Desculpe por interromper a sua noite – falei.

– Diga logo, Carter. Estou numa reunião de negócios – apressou Allen.

– Hannah Shapiro.

– Nunca ouvi falar dela.

– Foi sequestrada ontem à noite.

Ele balançou a cabeça, parecendo realmente intrigado.

– Que porra isso tem a ver comigo?

Eu apontei um dedo para Brendan Ferres.

– O garotão ali foi visto na região pouco antes dela ser capturada.

Allen olhou para Ferres, que deu de ombros. Parecia um bisão mexendo os ombros. Seus olhos pequenos e frios não demonstravam animação. Estavam cheios de ódio. Eu consegui impedir os meus joelhos de tremerem enquanto ele me encarava.

– Não tenho ideia do que ele está falando, Ronnie – retrucou ele.

– Universidade Chancellors. Ontem à tarde. Suponho que você não estivesse lá para entregar seu trabalho final.

Ele me ignorou e se voltou para o seu patrão.

– Que tal eu tirar esses palhaços daqui e ensinar uns modos para eles?

– Que tal responder a pergunta? – interpelou Allen.

– O quê? Agora eu tenho que responder para um viadinho intrometido, é?

– Não, Brendan. Você tem que responder para mim.

Ele falou baixo, mas Ferres entendeu. Ele encolheu os ombros.

– Ok. Eram só negócios. Um dos caras lá na faculdade... nós temos negócios com ele. Não sei porra nenhuma sobre uma garota sendo sequestrada.

Allen se voltou para mim e abriu um sorriso rápido.

– Isso responde às suas perguntas, cavalheiros? – interrogou ele, sem nenhum traço de ironia.

Eu assenti. Não tive a impressão de que ele estava mentindo.

– Isso é bom, Sr. Allen – respondi, mostrando o respeito que ele esperava. – Mas se eu descobrir que ele teve algo a ver com isso, vou voltar e botar ele no chão – continuei, mostrando um pouco menos de respeito.

Brendan Ferres teria se erguido num salto, mas Allen colocou uma mão discreta em seu joelho e ele preferiu não reagir. Se olhares pudessem matar, eu certamente seria um cadáver àquela altura. Encarei ele de volta, demonstrando que tinha falado sério.

– Você deixa esse cara entrar em seu estabelecimento e falar desse jeito?

Foi o homem de cabelos prateados quem falou isso. Ele tinha um sotaque americano da Costa Oeste, se não me engano. Ítalo-americano. Seu terno era feito sob medida e ele tinha um relógio no pulso que devia valer mais do que o Jaguar escondido na garagem do meu amigo Gary Webster. A música tema de *O poderoso chefão* tocou na minha cabeça, e eu deduzi que ele provavelmente não era um crítico gastronômico do *Washington Post*.

– Alguém acertou um taco de beisebol na cabeça da minha afilhada quando a garota foi capturada – falei, a título de explicação.

– A família é algo muito importante – disse Ronnie Allen.

O americano assentiu.

– Estou falando, Ronnie. Isso não tem nada a ver conosco – disse Ferres.

Allen gesticulou para mim, dando de ombros e erguendo as mãos.

– Sinto muito por não poder ajudar com o caso.

– Você vai me dar o nome do seu contato na Chancellors? – inquiri Ferres. Ele bufou em resposta.

– Não seria uma prática de negócios muito prudente. Tenho certeza que você vai entender – disse Ronnie Allen, numa voz suave. O tipo de suavidade que uma navalha tem.

Eu poderia tê-lo ameaçado dizendo que levaria o que eu tinha para a polícia, mas não vi nenhum propósito naquilo. Eu não tinha coisa alguma, afinal. A raiz quadrada de nada.

Em vez disso, dei um último olhar penetrante para Ferres, indicando que aquilo

ainda não tinha acabado. Ele me olhou de volta e, para ser perfeitamente honesto, pelo que vi, os joelhos dele também não estavam tremendo. Acenei com a cabeça para Sam e fomos embora. Mantive os ombros eretos apesar da sensação de que alguém tinha acabado de pintar um alvo nas minhas costas.

Ao passar pelas portas do bar e sair na rua, pensei em fazer o mesmo gesto que Alison Chambers tinha feito para mim na véspera.

Resisti à tentação.

capítulo 59

ESTAVA SILENCIOSO NO HOSPITAL.

Mas de alguma forma, ainda tinha bastante barulho. Máquinas ligadas. Equipamentos de monitoramento apitando num ritmo constante. A vida continuando. Passos em corredores distantes. Roncos.

Abri a porta para a sala de tratamento intensivo e entrei. A mulher sentada na cadeira à cabeceira da cama olhou para mim e sorriu. Pelo menos ela ficou feliz ao me ver. O sorriso fez com que eu me sentisse bem por um instante, mas só por um instante. Ver a minha afilhada inconsciente tirou um pouco a graça da coisa.

– Sr. Carter – falou a mulher.

– É Dan, por favor, professora Weston – respondi.

– Nesse caso é melhor você me chamar de Annabelle.

Ela sorriu de novo, mas não consegui sorrir de volta. A jovem deitada na cama merecia a minha atenção completa. E Annabelle poderia acabar se revelando uma distração. Talvez, quando as coisas voltassem ao normal, eu tentaria algo com ela. Mas, por enquanto, eu tinha que ser estritamente profissional. Sem tempo para romance.

Acabei descobrindo que eu estava enganado, mas não do jeito que esperava.

Olhei para Chloe. Seus olhos ainda estavam fechados. A respiração estava regular.

– Houve alguma mudança? – perguntei para Annabelle.

A professora balançou a cabeça.

– O enfermeiro estava aqui agora há pouco com a mãe de Chloe. Ela está estável, mas continua em coma.

– Onde está Barbara agora?

– Foi pegar um pouco de chá.

Barbara Smith, cujo nome agora era Lehman, tinha dirigido a noite inteira desde o norte da Escócia, para onde ela tinha se mudado um ano atrás. Ela saiu

de casa no instante em que soube o que tinha acontecido com a sua filha. Seu novo marido, Martin Lehman, trabalhava na indústria petroquímica e, por isso, a família se mudava constantemente. Ele não gostava de mim e, para falar a verdade, eu não fiquei muito desapontado pelo fato dele não ter acompanhado sua mulher.

– Eu só queria dar uma olhada em Chloe. – Triste, Annabelle indicou uma tigela com frutas ao lado da cama. – É meio clichê, eu sei.

– Tenho certeza de que ela vai apreciar quando acordar.

A professora assentiu e se levantou. Ela ainda estava vestida casualmente, com jeans e um suéter. Mesmo assim, estava muito bonita.

– Melhor eu deixar você sozinho. Não acho que a enfermeira da ala gostaria de ver uma multidão aqui.

– Foi legal da sua parte ter vindo.

Annabelle balançou a cabeça.

– Chloe é uma das nossas alunas. Sou a tutora dela.

– Mesmo assim.

– Ela é uma garota muito inteligente. Muito corajosa também, pelo que eu soube. Ela quase os venceu na briga.

– Não foi uma luta justa.

– Não.

Ela se abaixou para alisar o cabelo de Chloe.

– Alguma notícia do caso? – perguntou Annabelle.

– Não – respondi, mentindo tão bem quanto um político. – Mas o pai de Hannah Shapiro vai chegar amanhã de manhã. Talvez os sequestradores entrem em contato.

Annabelle olhou para mim, meio surpresa.

– Você ainda acha que foi isso, então? Um sequestro simples? Por que eles não entraram em contato e fizeram um pedido de resgate?

– Eu não sei.

Esse é o problema com mentiras: quando você começa, precisa continuar mentindo. E eu não gostei de mentir para Annabelle. Vi como ela estava preocupada.

– O que foi? – perguntou ela.

Eu estava olhando fixamente para Annabelle.

– O pai dela tem dinheiro – respondi. – Normalmente é disso que se trata. Dinheiro.

Dinheiro ou sexo, pensei, mas não falei nada.

– Eu não sabia que ela vinha de uma família com dinheiro.

Dizer que Harlan Shapiro tinha dinheiro era um pouco como dizer que uma floresta tem uma ou duas árvores.

– É. O pai dela tem uma vida confortável – falei, sem dizer que ele já tinha concordado em pagar o resgate e que os diamantes já estavam no cofre do nosso escritório.

– Isso é bom, então, não é? Como já dissemos, melhor que o motivo seja dinheiro.

Não consegui tirar da cabeça a imagem de Hannah Shapiro vestida só com as roupas de baixo e concordei.

– É melhor do que a outra opção – falei.

– Você vai me avisar se tiver alguma notícia?

– Claro.

Annabelle pareceu hesitar, me encarando com aqueles enigmáticos olhos turquesa. Havia algo no ar. Ela pareceu se recompor, corando um pouco, mas a pele de alabastro lhe deu uma aparência vulnerável.

– Fale para a Barbara que eu volto amanhã – disse ela e saiu às pressas do quarto, deixando para trás um leve aroma de perfume floral. Voltei os olhos para a minha afilhada e disse a mim mesmo para me comportar. Não tinha tempo para distrações.

Alguns minutos depois, a porta se abriu de novo e a mãe de Chloe entrou. Barbara Lehman tinha mais de 40 anos, mas com o corpo de uma jovem de 20. Ela era magra, bronzeada, linda. Tinha os mesmos cabelos escuros, cacheados e lustrosos que a filha. Seus olhos grandes e expressivos se umedeceram quando ela me viu.

Ela colocou a xícara de chá que estava segurando numa mesa e correu para os meus braços.

– Ah, Dan – disse Barbara, incapaz de conter as lágrimas.

Só consegui puxá-la para perto, abraçá-la e deixar que chorasse no meu ombro.

capítulo 60

AS NOITES EM SOHO SÃO sempre movimentadas. Muitos dos bares ficam abertos e os principais restaurantes transpiram vida, repletos de conversas e risadas.

Caminhei pela Avenida Shaftesbury, virando à esquerda na Rua Dean. Tinha deixado Barbara, depois de tranquilizá-la tanto quanto pude. Mas eu não era um médico. Alguém pagaria por isso, foi o que disse para ela e no que não parava de pensar seguidamente, como um mantra. Cumprir a promessa podia ser difícil, mas eu não falava só por falar.

Jack Morgan também me cobraria. Era tão pessoal para ele quanto para mim, e Jack estava sofrendo por não trabalhar no caso comigo. Mas não ajudaria a mim, a Hannah nem ao próprio Jack se ele fosse preso. Uma juíza da Suprema Corte condenada por um crime que ela não cometeu porque Jack decidiu escapar de uma intimação... as consequências disso para a Private norte-americana não seriam boas.

Jack estava preso entre a bigorna e o martelo, assim como nós.

E o tempo estava se esgotando.

Antes eu tinha suposto que o sequestro de Hannah não tinha ligação com os Estados Unidos. Que era uma operação local. O raio cai duas vezes e os sequestradores conseguem um bilhete premiado.

Mas agora não tinha mais tanta certeza.

Brendan Ferres entrando na Chancellors. Era provável que ele tivesse negócios lá. Afinal, estudantes usam drogas. Isso não era novidade. Mas o homem com o terno preto sentado na mesa com Ferres e Allen era um mafioso, eu tinha certeza. A primeira vez que Hannah Shapiro foi sequestrada os responsáveis foram dois encapuzados recém-demitidos do grupo da Costa Leste. Como eu disse, não gosto de coincidências. Se tudo isso estava apontando para os Estados Unidos, a situação mudava muito. E era uma mudança que não me agradava.

Passei pelo The Crown & Two Chairmen. Um grupo de jovens saía cambaleando do lugar. Bêbados, felizes, sem nada para se preocupar. Eu

brinquei com a ideia de entrar e tomar uma garrafa de cerveja, mas abandonei o pensamento. Tinha que acordar cedo no dia seguinte, havia uma troca para ser feita e eu precisaria estar focado. Muita coisa estava em risco.

Subi os três lances de escada e coloquei a chave na fechadura do meu apartamento.

Assim que entrei no pequeno corredor eu soube que havia algo de errado.

capítulo 61

EU TINHA CERTEZA DE QUE não havia deixado a luz da sala ligada.

Mas havia um filete de luz passando por baixo da porta. Peguei o taco de golfe que eu deixava num apoiador de bengalas no corredor e abri a porta com um chute.

Não estava esperando ouvir risadas.

– Você tem alguma ideia de como parece ridículo, Dan?

Minha ex-mulher. Sentada no sofá, tomando uma dose generosa do meu conhaque Remy Martin Louis XIII Grande Champagne. Custava umas 1.200 libras, dependendo da loja. Eu não liguei muito. Não tinha comprado a garrafa e não costumava tomar conhaque. Foi um presente de uma cliente agradecida.

Guardei o taco de golfe e fui para a cozinha. Abri a geladeira, peguei uma garrafa de cerveja e tirei a tampa com um abridor de garrafas. A tampinha caiu na lixeira com um barulho metálico. A lixeira já tinha várias tampinhas. Quando ela enchia, eu levava todas para o centro de reciclagem. Sou quase um cidadão modelo. Tomei um gole demorado da cerveja gelada, suspirei, e voltei para a sala.

– Como você entrou aqui, Kirsty? – perguntei.

– Sou da polícia – respondeu ela. – Nós temos alguns recursos.

– É, você também tem um celular. Poderia ter me ligado.

– Eu liguei.

Peguei o meu celular do bolso. Ela tinha razão. Eu tinha desligado o aparelho no hospital, a pedido da enfermeira. Era uma africana-caribenha com uns 100 quilos, o que me tirou qualquer impulso de protestar. Liguei o celular. Como esperado, havia uma mensagem piscando da minha ex-mulher.

Coloquei o aparelho de volta no bolso. Kirsty tomou outro gole do conhaque.

– Muito bom.

– Pode levar quando sair.

– Você está me pedindo para sair?

– Não, vou só ficar aqui parecendo todo machão até você me dizer o que quer.

Ela sorriu de novo. Porra, ela tinha um sorriso sexy.

Merda, ela era toda sexy. Tinha tirado o *tailleur* e estava usando uma saia branca com babados, curta demais, com uma blusa bem decotada e uma jaqueta de brim. Também estava usando calçados Doc Marten pretos com meias azuis, e seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo. A combinação deveria ter ficado ridícula. Mas não ficou.

– Eu quero a sua ajuda, Dan.

Aquilo me deixou mais surpreso do que encontrá-la no meu apartamento em primeiro lugar.

– É mesmo? – perguntei. Percebendo que a cerveja estava no fim, virei a garrafa e bebi até o último gole. – Acho que vou precisar de mais cerveja.

Voltei para a cozinha, peguei outra garrafa na geladeira e encostei a garrafa fria na minha testa por um instante, antes de abrir a tampa. Voltei para a sala.

– Ok, querida – disse, recuperando um pouco do meu lendário *savoir faire*. – Desembucha.

capítulo 62

Kirsty apoiou a taça de conhaque na mesinha. O sofá estava embaixo da janela que dava vista para a Rua Dean e a Rua Meard, que costumava ser um covil popular para viciados e prostitutas.

A sala era pequena e tinha um sofá-cama, uma televisão de 32 polegadas que eu assistia raramente e uma lareira vitoriana original, que, apesar de não ser usada, estava cheia de toras de madeira. Além disso, havia o armarinho de bebidas art déco que Kirsty tinha saqueado. Tinha um carpete marroquino no chão e uma estante ao lado da televisão com a maior parte dos livros que eu deveria ter lido quando estudei literatura inglesa: Dickens, Hardy, Shakespeare etc.

Essa é minha sala de estar, pequena mas confortável, com tudo do jeito que eu gosto. A não ser pela mulher de cabelos escuros com perigosos olhos "vem para a cama" sentada no sofá.

– Eu me candidatei para um emprego em Manchester – disse ela.

Assenti, embora não tivesse a menor ideia de onde ela queria chegar com aquela conversa.

– Se eu sair da cidade, nós dois paramos de nos ver. Pego uma pá e enterro o passado de uma vez por todas.

– Você sempre foi a romântica do casal.

– É. Não fui eu que recebi mensagens de texto da minha namorada durante o casamento.

Tomei outro gole de cerveja. Era melhor não rebater. Essa era uma discussão que eu nunca ganharia.

– Então você vai se mudar para Manchester. O que você quer que eu faça? Ajude com as malas? – Eu estava sendo um belo comediante naquela noite.

– É um cargo novo. Estão montando uma unidade. Coordenação global, levantamento de perfis... o pacote completo. Um pouco parecido com o que o FBI tem em Quantico.

Gesticulei com a garrafa de cerveja para que ela continuasse.
– Eu tenho uma chance, mas a competição é bem acirrada.
– Então por que você precisa da minha ajuda, Kirsty?
– Não preciso. Preciso da ajuda da Private.

capítulo 63

ACHO QUE AQUILO ME COLOCOU de volta no lugar.

– Explica direitinho – pedi.

– Nós estamos trabalhando em dois casos que podem ou não estar relacionados. A Private já forneceu ajuda forense num deles. A mulher sem identidade que encontramos ontem à noite em King's Cross.

– É. Adrian Tuttle e Wendy Lee cuidaram disso.

– Duas mulheres assassinadas. Ambas tiveram órgãos e metade dos dedos anelares removidos.

Ela passou os dedos da mão direita pelo próprio dedo anelar, que não tinha mais a aliança. Kirsty a jogara na minha cara alguns anos atrás. Quase me cegou. Eu não soube dizer se ela percebeu o que estava fazendo com os dedos. Mas em todo caso ela parou.

– Nós pensamos que havia um padrão. Um monstro atacando mulheres.

– Parece uma dedução razoável.

– A não ser pelo fato de que estávamos enganados.

– Continue.

– Hoje de manhã eu recebi um chamado. Era do hospital Stoke Mandeville, em Aylesbury. A divisão achou que fosse perda de tempo. Acabou não sendo.

– Outra mulher?

– Não. Isso quebra o padrão. Era um homem com 20 e tantos anos. Colin Harris. Professor de escola primária. O carro dele foi estacionado na linha ferroviária e atingido por um expresso da InterCity indo a todo vapor.

– Ai.

– Exatamente. O trem estava a mais de 160 quilômetros por hora. Pesava quatrocentas toneladas. Mesmo se o motorista tivesse pisado nos freios, o trem teria levado mais de 2 quilômetros para parar. O Honda Accord não teve chance, nem Colin Harris.

Tomei outro gole da cerveja.

– Ele foi levado de helicóptero para o hospital Stoke Mandeville, onde uma paciente estava esperando por um transplante. Colin teve morte cerebral e estava no registro de doadores de órgãos. Quando isso foi confirmado, o seu coração foi removido, transplantado e as máquinas para mantê-lo vivo foram desligadas.

– Suicídio por linha ferroviária?

Kirsty balançou a cabeça.

– Alguém tentou fingir isso. Colin tinha tomado remédios para dormir e deixou um bilhete. Mas no fim ele não se matou. Foi colocado lá e deixado para morrer.

– Então qual é a relação com as nossas mulheres desconhecidas?

– O terceiro dedo da mão esquerda dele foi cortado na segunda articulação. Depois da morte.

– O que significa que foi feito no hospital.

– Sim.

– O mesmo cara?

– Ou grupo. Lembre-se que Hannah Shapiro foi pega por um grupo, Dan. E se os dois casos realmente tiverem uma ligação?

Balancei a cabeça. Dada a troca que estava agendada para a manhã seguinte, achei extremamente improvável.

– Não me parecem. Acho que tem duas coisas diferentes rolando aqui.

– E se alguém estiver coletando órgãos? Pessoas ricas o bastante para não quererem entrar numa lista de espera?

– A velha lenda urbana...

Kirsty encolheu os ombros.

– Se as pessoas pensam em coisas, Dan, normalmente essas coisas podem acontecer. Você sabe disso.

Eu sabia, mas não queria pensar a respeito.

Kirsty terminou o conhaque e se serviu de outra dose. Pelas minhas contas, uma garrafa de destilado com 700mL rende quatorze doses duplas de bar. A dose que ela tinha acabado de servir devia ter o dobro de uma dose dupla de bar. Então supus que, até agora, ela tivesse tomado umas quinhentas pratas em conhaque.

– Hannah desapareceu há mais de 24 horas. Se fosse um sequestro por resgate, nós teríamos alguma notícia, mas nada aconteceu.

Eu balancei a cabeça. Ela me encarou com atenção.

– A menos que *vocês* saibam de algo...

Balancei a cabeça de novo. Eu estava me transformando num daqueles cachorros de cabeça balançante que ficam na traseira dos carros.

– Não. Eu só sei que o pai dela chega aqui amanhã de manhã. Se eles entraram em contato com ele, não fiquei sabendo.

– Certo – disse ela, sem parecer totalmente convencida.

– Ele perdeu a mulher para sequestradores, Kirsty. Ela foi estuprada e assassinada na frente da filha. Se os sequestradores tiverem dito para ele não falar com as autoridades, eu não o culparia se ele pagasse o que estão pedindo e a levasse para casa. Você culparia?

Ela tomou outro gole de conhaque.

– Acho que não.

– Então onde entra a Private? – perguntei, mudando de assunto.

– Estamos fazendo uma análise de DNA da segunda mulher não identificada pelo sistema. A primeira não deu em nada e levou mais de três semanas para voltar. Eu não tenho três semanas. Quem quer que esteja fazendo isso precisa ser impedido. E eu tenho a impressão de que ele está ficando mais ousado.

– Você quer usar os nossos laboratórios?

– Sim. Em troca, eu passo tudo o que nós temos no caso de Hannah Shapiro. Por baixo dos panos.

– Eu agradeceria.

– Chloe também significa muito para mim, Dan.

E significava mesmo. O pai de Chloe tinha sido meu padrinho e Kirsty o amava tanto quanto eu. A morte dele me tirou dos eixos e, na época, não percebi que ela também estava sofrendo. Fui egoísta demais para compartilhar a minha própria dor. Eu estava muito envolvido na minha autopiedade para ver o que Kirsty sentia. Destruí o nosso casamento, mas não me importei. Importar-se significa sentir.

Nós conversamos mais um pouco. Não sei por quanto tempo. Dez minutos? Vinte minutos? Kirsty tomou mais conhaque e eu tomei mais uma ou duas cervejas. Perdi a conta.

Lembro de abrir a porta da geladeira e pegar a última garrafa. Quando me virei, lá estava ela, junto comigo na cozinha apertada.

E eu não tinha para onde correr.

De alguma forma, ela veio para os meus braços. Nossos lábios se tocaram. Nossa respiração ficou quente. A língua dela passava pela minha boca. Ela abriu o meu cinto e desabotoou minhas calças. Mordeu o meu pescoço enquanto eu apertei as suas nádegas perfeitamente tonificadas e a puxei contra o meu corpo. Eu já estava completamente duro.

Não tinha imaginado que faria amor com a minha ex-mulher em nosso aniversário de casamento.

Esse acabou sendo o menor dos meus problemas.

PARTE QUATRO

capítulo 64

Abri os olhos com um susto.

O relógio na minha mesa de cabeceira dizia 05h59. Fiquei olhando até o mostrador mudar para seis da manhã. O alarme do rádio ligou. Apertei o botão para desligar o despertador e fechei os olhos de novo.

Eu fazia isso quase toda manhã. Não sei por que me incomodava com o alarme. Desde o tempo do exército, consigo me programar para acordar num determinado horário. E sempre acordo.

Minha cabeça não estava tão dolorida quanto deveria. Eu tinha tomado cerveja demais. Sorri um pouco. Meio culpado, meio satisfeito comigo mesmo. Um pouco confuso quanto ao que eu estava sentindo, para ser honesto.

Kirsty tinha ido embora lá pelas quatro horas. Ela acordou gemendo. Não me deu um beijo de despedida quando saiu. Na verdade, não disse uma palavra. Eu me lembrei dela pegando as botas e praticamente saindo na ponta dos pés do meu quarto, que nem uma adolescente safada. Sorri de novo, mas não pude me dar ao luxo de continuar no devaneio. Abri os olhos mais uma vez.

Hora de ir para o trabalho.

Joguei as pernas para fora da cama e bocejei, transformando o bocejo num grito e balançando a cabeça ao mesmo tempo. Não estava me sentindo tão mal quanto deveria, mas ainda estava um pouco enferrujado.

Uma hora e quinze minutos depois, eu me encontrava na esteira da academia. Já tinha feito um treino completo e estava dando tempo para o meu corpo esfriar.

Sam Riddel estava na esteira ao meu lado. Ele não fez um treino tão demorado, provavelmente porque não tinha tomado uma porrada de cervejas na noite anterior. Até onde eu sei, não dá para ter ressaca com água mineral. Não chegamos a conversar. Ele só me cumprimentou com um aceno e começou o treino com pesos.

Sam olhou para mim. Havia uma leve ruga de curiosidade em sua testa.

– Você parece estar de muito bom humor hoje.

– Recebi uma ligação do hospital. Chloe saiu do coma. Ela ainda está em condições críticas. Continua no tratamento intensivo, mas falou com a mãe e agora está dormindo naturalmente.

– Essa é uma ótima notícia, Dan.

– Pode crer – concordei.

Ele olhou de novo para mim, ainda mais desconfiado.

– Você comeu alguém ontem à noite? – perguntou ele.

– Um cavalheiro nunca conta.

– O que significa que você comeu. Quem foi a dama de sorte?

– Ah... – respondi.

– Ah?

– É uma longa história. E a gente não tem tempo – disse, todo profissional. A esteira diminuiu para um ritmo de caminhada e eu peguei a toalha e segui para o chuveiro.

Às oito e meia eu já estava no escritório, vendo Alison Chambers parar o carro na linha dupla amarela lá embaixo e jogar as chaves para um de seus lacaios estacioná-lo enquanto ela seguia para o prédio.

Se ela viu que eu a estava observando, não deu nenhum sinal. Eu me perguntei o que ela acharia se soubesse o que tinha rolado com Kirsty na noite passada. Mas provavelmente não contaria para ela. Também me perguntei o que ela estaria fazendo no trabalho num domingo, mas acho que alguns advogados são iguais a detetives particulares. Você só para quando o trabalho chega ao fim.

Fui até o cofre embutido na parede, girei a combinação e o abri. Tirei a pequena sacola contendo os diamantes e a coloquei no meu bolso. Um milhão de libras e não ocupava muito espaço. Deixei a espingarda no cofre, mas peguei a pistola e o coldre de ombro, avaliei o peso da arma na mão por um instante e a guardei de volta.

– Boa – falou Sam, da porta.

– Mas será que é? – respondi. – Esses caras vão estar armados. Se as coisas ficarem feias, talvez nós devêssemos ter reforços. Lembre-se de que eles quase mataram Chloe.

– Você tem alguma ideia de quanta segurança tem lá?

– Isso me faz pensar em por que eles escolheram aquele lugar para fazer a troca.

Sam deu de ombros.

– Parliament Square é um grande espaço aberto no centro de Londres. Muitas saídas, muitas entradas. Eles podem ter gente nos observando de cem lugares diferentes. Se tentarmos algo, eles vão saber. Todos os prédios do parlamento estão cercados de seguranças. Nós vamos estar bem expostos. É perfeito para um...

Ergui a minha mão para interrompê-lo. Temi que ele fosse dizer *massacre*.

capítulo 65

Eu não sentia os pelos da minha nuca formigarem tanto desde a época que passei no Iraque.

Naquela época, demarcar um campo minado no meio de uma terra de ninguém era como brincar de roleta-russa todo dia. Sam tinha razão. Parliament Square era um grande espaço aberto localizado na ponta noroeste do palácio de Westminster.

Eu estava de costas para a estátua de Robert Peel. Supus que eles tivessem escolhido a representação do fundador da primeira força de Polícia Metropolitana do mundo como algum tipo de piada irônica.

Se fosse mesmo o caso, eu não estava rindo. Estava analisando a área. Dava para entender porque aquele local era tão popular entre turistas. Ao redor da estátua se erguiam, entre outros prédios, a Igreja do Colegiado de São Pedro em Westminster, a Igreja de Santa Margarida, que era um pouco menor, a Igreja Paroquial das Casas do Parlamento e a sede do departamento de Receita e Alfândega de Sua Majestade.

E, do ponto onde eu estava, dava para pegar uma pedra e jogá-la na Capela de Middlesex, onde fica instalada a Suprema Corte do Reino Unido.

Especialmente num domingo.

Havia quatro grandes ruas que davam na praça e uma estação de metrô bem ao lado.

Olhei para o relógio. Mais dois minutos.

Sam Riddel estava por perto, mas eu não conseguia enxergá-lo dali. Não que ele fosse capaz de fazer muita coisa se algo ruim acontecesse. Além disso, nós tínhamos pessoas posicionadas em todas as ruas que davam na praça e nas entradas da estação de metrô.

O dia estava muito quente, quebrando os recordes para essa época do ano. Olhei de novo para o relógio. Hora do show.

Meu celular tocou. Olhei para o identificador: Brad Dexter.

– Sim, Brad?

– Tem uma multidão passando por mim, Dan. Seguindo para a praça. Eles apareceram do nada.

O celular tocou de novo, outra chamada: dessa vez era Suzy. Outra rua, a mesma mensagem. E de novo. E de novo. As quatro posições de observação enviaram o mesmo recado.

O mundo desabou.

Primeiro veio o barulho. Megafones e cânticos. Em seguida, a multidão. Grupos aleatórios pareciam se unir enquanto centenas de pessoas vieram pela Rua St. Margaret, pela Broad Sanctuary, pela Rua Great George e pela Rua Bridge. Faixas foram desenroladas conforme a marcha seguia para o gramado.

Um grupo de dançarinos com os rostos pintados de preto estava saltando com trajes esquisitos, vindo na minha direção enquanto cada vez mais faixas eram desenroladas. O canto ficou mais alto.

Até o verão do ano passado havia um acampamento de protesto quase permanente erguido no gramado. Um conjunto improvisado de tendas, bandeiras, faixas com slogans e banheiros. O acampamento tinha se autodenominado como Vilarejo da Democracia.

Originalmente o protesto consistia em apenas um homem, Brian Haw. Ele se instalou no lugar em 2001 para protestar contra o sofrimento causado pelas sanções impostas aos iraquianos nos anos 1990. Mas conforme a situação no Iraque foi progredindo, Brian permaneceu para protestar contra a invasão e a ocupação. O chamado Vilarejo da Democracia era mais recente e não estava relacionado a ele. Quando as pessoas foram expulsas, um ano atrás, elas prometeram voltar.

Algumas demonstrações menores já tinham acontecido, mas essa parecia fruto de uma organização em grande escala. Uma vez que esse tipo de evento é ilegal na praça, eles obviamente não tinham feito um anúncio público sobre a ação.

Olhei para o relógio de novo e meu celular vibrou. Tirei o telefone do bolso, abri a trava e cliquei no ícone de nova mensagem. Dizia:

– Não se esqueça de pagar o pedinte.

Passei os olhos pela praça.

Os dançarinos com o rosto preto vestiam trapos pretos, amarelos e verdes e estavam a uns 50 metros. As pessoas estavam se reunindo ao redor deles. Um

dos dançarinos tinha um boné colorido nas mãos, como se estivesse coletando dinheiro. Mas não era uma boa hora nem lugar para fazer aquilo... a menos que eles estivessem querendo coletar uma quantia imensa, é claro.

Eu entendi por que ele tinha escolhido aquele lugar e horário. Era um caos absoluto. Os dançarinos não pareciam estar com pressa nenhuma. Estavam dançando e rodopiando, gritando e batendo paus.

Eu sempre detestei dançarinos. Agora eu queria ter vindo armado. Faria um favor para o mundo inteiro, bem ali!

Olhei para eles. Nenhum era grande o bastante para ser Brendan Ferres, isso era certo. O cara com o boné de coleta era alto, mas muito mais magro do que Ferres e usava óculos com aros pretos. Um dos dançarinos no meio não parecia muito entusiasmado. Era menor do que os outros. à distância era difícil dizer, mas achava que era Hannah. Ela estava o tempo todo cercada. Quando um dançarino se afastava rodopiando, outro saltitava para substituí-lo. Eles estavam cercando-a.

Foi bom eu não ter trazido a espingarda. Como disse, teria sido uma tentação séria atirar no grupo todo. Mas eu não podia tomar decisão e as instruções de Harlan Shapiro transmitidas por Jack Morgan haviam sido explícitas. Nada de heroísmo. Nada de improviso. Só pague a quantia acertada e leve Hannah para casa em segurança.

Coloquei a mão no bolso, segurando o saco de diamantes com força.

E foi aí que tudo desabou mesmo.

capítulo 66

UM GRUPO GRANDE DE POLICIAIS passou correndo pelos dançarinos, vindo bem na minha direção.

A detetive Kirsty Webb estava logo atrás.

A multidão passou pelos dançarinos que tinham parado de dançar e estavam me observando. O dançarino principal apontou para mim com a mão imitando a forma de uma arma e puxou o dedo, como se fosse um gatilho. Então eles se perderam na multidão imensa que se formou ao seu redor. Tentei persegui-los, mas naquele momento as tropas de choque chegaram e uma parede de escudos e cassetetes erguidos bloqueou o meu caminho.

– Que porra você está fazendo aqui, Kirsty?

– Nós recebemos uma ligação!

– Do que você está falando? Uma ligação de quem?

Kirsty ergueu o distintivo e me ajudou a passar pela tropa de choque, que estava tentando cercar os manifestantes atrás de nós.

– A divisão recebeu uma ligação anônima. Dizendo que o pacote perdido seria entregue na estátua de Robert Peel aqui às dez horas. Chegamos o mais rápido que pudemos.

– É, bom, você pode ter acabado de assinar a sentença de morte dela.

Ela me encarou de volta.

– Suponho que recebeu a mesma mensagem, já que está aqui.

– Algo parecido.

Ela balançou a cabeça.

– Quando, Dan? Quando você recebeu a mensagem?

Eu não respondi.

– Você já sabia, não é? Ontem à noite, o tempo todo que você estava me fodendo, você sabia! E não me disse!

Kirsty me deu um tapa na cara. Forte.

Foi como nos velhos tempos.

– Eles disseram que a matariam se a polícia fosse envolvida – gritei para ser ouvido através do barulho. – O que eu deveria ter feito? – perguntei.

– Talvez você pudesse ter confiado em mim.

– A pessoa que ligou... homem ou mulher?

– Homem.

– Sotaque?

– Eu não sei, Dan. O cadete que recebeu a ligação só fez uma anotação e deixou na minha mesa. Não achou que fosse importante.

– "Cadete" foi uma expressão que os sequestradores usaram.

– O que, você acha que fui eu? – perguntou ela, sarcástica.

– Claro que não, só estou pensando em voz alta.

– Parece que você pensou tarde demais. Nós tínhamos uma chance aqui. Você devia ter me falado.

– Eu teria, se pudesse.

– Fazer a coisa certa não é exatamente o seu ponto forte, é, Dan?

– Você não reclamou ontem à noite.

Kirsty bufou, furiosa.

– Eu me perguntei quanto tempo levaria para você mencionar isso. Você me embebedou com conhaque barato, foi só isso. Não muda nada.

– Você não precisa dizer isso pra mim!

– E você tem coisas mais sérias para se preocupar.

– É, eu sei disso.

– Sabe mesmo?

– Você quer dizer algo, Kirsty. Que tal falar logo de uma vez?

– Alguém nos disse que a troca seria feita. – Ela olhou para Sam e Suzy enquanto eles forçavam passagem até nós pela multidão. Brad Dexter estava logo atrás, com mais membros de sua equipe de segurança acompanhando.

– É, e qual é o seu ponto? – Eu tive que gritar de novo. Centenas de protestantes tinham arrumado cornetas e estavam soprando de trás da parede que a polícia tinha formado.

– A pessoa que nos ligou não foi a mesma que pegou a garota, foi?

– Não.

– Então quem mais sabia?

– Ninguém.

– Só você, Dan. Você e a sua equipe de super-heróis! – Kirsty praticamente cuspiu as últimas palavras. Eu absorvi o que ela disse, mas Kirsty insistiu em deixar bem claro mesmo assim.

– Tem alguém podre no seu time, Dan. Alguém armou para você.

capítulo 67

HARLAN SHAPIRO NÃO ERA UMA pessoa muito marcante.

Por outro lado, como é que os multibilionários deveriam ser? Ele era um homem pequeno e quieto. Parecia um primo tímido de Dustin Hoffman.

No entanto, Harlan ficou bravo quando eu expliquei o que aconteceu em Parliament Square. Mas não ficou furioso, o que me surpreendeu um pouco. Uma coisa que todos os bilionários têm em comum é que eles estão acostumados a conseguir o que querem.

Mas Del Rio era exatamente como eu me lembrava: duro como um prego e um homem de poucas palavras. Quando ele falava, era melhor que as pessoas ouvissem se elas sabiam o que era bom.

Não falei para Harlan o que Kirsty tinha me dito, mas contei tudo para Del Rio, que estava comigo em meu escritório tomando um café preto. O voo deles tinha atrasado e só aterrissou um pouco depois das 10h, mais ou menos na mesma hora em que os dançarinos pintados de preto de Morris desapareceram em meio à multidão. Seria de se imaginar que as fantasias distintas do grupo tenham facilitado a sua localização. Mas quando a situação caótica ficou sob controle, eles já tinham sumido há muito tempo.

Passei a mão pela bochecha, lembrando do tapa que Kirsty tinha me dado. Talvez ela se importasse, afinal.

Del Rio colocou seu copo na mesa.

– A sua ex-mulher acha que temos um dedo-duro na Private? – perguntou ele.

– Faz sentido.

– Você tem alguma teoria?

– Não e não consigo ver o propósito disso. O que eles ganham?

– Quantas pessoas sabiam da troca?

– Nós levamos uma equipe grande e cobrimos todas as saídas.

– Então poderia ter sido praticamente qualquer pessoa do seu grupo?

Eu assenti.

– Ou dos Estados Unidos – falei.

– Por que você acha isso?

Abri uma gaveta e mostrei uma foto do americano com um terno escuro sentado com Brendan Ferres e Ronnie Allen em seu bar, na noite anterior.

– Fiquei pensando que isso não tinha nada a ver com o sequestro original. Nada a ver com os Estados Unidos. Mas agora não sei... – Dei um tapinha na foto. – Você conhece esse cara?

Del Rio inclinou um pouco a cabeça e flexionou os músculos do maxilar enquanto olhava para a foto.

– É um mafioso, seu nome é Sally Manzino. Ela é da Costa Leste. Importador e exportador.

– Imagino que não seja de café.

– Ele está na lista de pagamentos da família Noccia. Sally Manzino é a ligação com a Costa Leste. A Private já lidou com a família antes. Qual é a relação?

– Este homem – apontei para uma foto de Brendan Ferres – foi visto entrando na universidade onde Hannah estava estudando cerca de duas horas antes dela ser sequestrada. Ele trabalha para um figurão chamado Ronnie Allen.

– Esse nome é familiar.

– Ferres nega qualquer ligação com o sequestro.

– E você acredita nele?

Dei de ombros.

– Não é o tipo de trabalho que ele costuma fazer. E se ele soubesse quanto Harlan Shapiro vale e *tivesse* pegado a garota, estaria pedindo muito mais do que um milhão de libras em pedras bonitinhas.

– Não é exatamente pouco, mas eu entendi o seu ponto. Então qual é a versão dele da história?

– Snake Ferres disse que estava fazendo uma entrega.

– De drogas?

– É. As instituições de ensino superior no nosso país não são exatamente imunes do abuso de drogas. E, em geral, os alunos da Chancellors vêm de famílias ricas. Eles conseguem comprar as coisas boas.

– E Ronnie Allen consegue fornecê-las?

– Com certeza.

– Vou falar com Jack. Dar uma olhada neles.

– Se o Noccia estiver envolvido no sequestro, você acha que ele vai dizer?

– Depende de como você perguntar – respondeu Del Rio.

Era um bom argumento. Terminei o café e meu celular tocou ao mesmo tempo em que Sam apareceu no escritório. Acenei para que ele entrasse, olhei para o identificador de chamadas e vi que o número era confidencial. Atendi a chamada e ativei o viva-voz.

– Dan Carter.

A mesma voz mecânica de antes.

– *Você foi avisado para não contatar a polícia, Sr. Carter.*

– Espere, você precisa me ouvir...

– *Não, você precisa me ouvir* – disse ele. – *Você foi avisado para não contatar a polícia e foi avisado das consequências se fizesse isso.*

– Não fomos nós – disse, mantendo a voz neutra.

Houve uma pausa.

– *Você tem mais uma chance, Sr. Carter.*

Suspirei baixinho.

– Ok...

– *De acordo com a tradição, quando as instruções são ignoradas você recebe uma punição. A taxa subiu para 5 milhões. Mesmo acordo. Pedras perfeitas. Cinco milhões de libras em diamantes*.

– Onde e quando?

– *Às duas horas da tarde, hoje. Plataforma sentido leste da linha Metropolitana. Estação de metrô da rua Finchley. Leve Harlan Shapiro com você. Se levar qualquer outra pessoa ela morre. O pai dela deve fazer a troca*.

– Se eu conseguir...

– *Ele está no país, Sr. Carter. Por favor, não tente nos enganar. Esse é o acordo e ele não é negociáve*l.

– Ok.

– *Confie em nós, esta é sua última chance. Sente-se no segundo banco seguindo para o final da plataforma e o coloque no primeiro trem metropolitano para a Rua Baker. Não no trem da linha Jubilee*.

– Como eu vou saber se Hannah Shapiro já não está morta?

– *Verifique o seu e-mail, Sr. Carter. Vai encontrar todas as informações de que precisa*.

capítulo 68

A LINHA FICOU MUDA.

Dei a volta na minha mesa e me sentei, puxando o teclado e virando o monitor para que Del Rio e Sam também pudessem enxergar.

Abri a minha caixa de entrada e havia três mensagens novas. Duas não eram relacionadas, mas a terceira vinha de um endereço com um padrão de números e letras aleatórias similar à primeira mensagem que recebemos. O assunto era "Última chance".

Abri o e-mail e, surpresa!, a mensagem era igual à primeira, contendo outro link para um vídeo no YouTube.

Cliquei no link e uma tela escura abriu mostrando o mesmo quarto de antes. Mas, dessa vez, Hannah Shapiro apareceu sentada numa cadeira. Ela ainda estava com a mesma lingerie preta e a maquiagem tinha sido retirada de seu rosto. Parecia a garota que eu havia conhecido. Jovem, vulnerável e muito assustada.

Ela tinha bons motivos para ter medo.

A diferença dessa vez era que ela tinha explosivos amarrados ao redor do corpo. Havia fios ligando várias cargas, parecendo um homem-bomba. Hannah segurava um bilhete datilografado.

Ela olhou para a câmera, com a voz trêmula.

– Eles querem que vocês saibam – disse Hannah – que essa bomba presa em mim pode ser detonada a distância. Se tentarem fazer algo diferente do instruído ela será detonada. O mesmo irá acontecer se vocês tentarem entregar diamantes falsos. Eles serão examinados e, se não forem genuínos, o dispositivo será detonado. Se a polícia aparecer de novo, como aconteceu nesta manhã, o dispositivo será detonado.

Ela deixou o papel cair no chão enquanto lágrimas se acumulavam em seus olhos grandes e aterrorizados.

– Por favor, me ajudem – ela acrescentou num sussurro desesperado.

A tela ficou escura. Voltei um pouco o vídeo e pausei. Olhei para os dispositivos amarrados no corpo dela.

– Parecem verdadeiros? – perguntou Sam.

– Sim – respondi.

– Então nós temos que avisar a polícia.

– Não podemos fazer isso – disse Del Rio, com uma voz amena.

Sam ergueu as mãos.

– Não podemos deixar uma bomba ambulante entrar no metrô de Londres.

– Se nós chamarmos a polícia, ela morre – disse para Sam.

– Qual é o termo... dano colateral? – insistiu ele.

– Eles não vão fazer nada, Sam. Querem o dinheiro, só isso. São negócios.

Del Rio flexionou os músculos do maxilar de novo.

– Nós precisamos proteger a cliente. Este é o nosso emprego. Nós salvamos a garota.

capítulo 69

HARLAN SHAPIRO DISSERA POUCO MAIS de três palavras para mim desde a nossa primeira reunião naquela manhã.

Sam e Del Rio nos levaram de carro até a estação de metrô da rua Finchley. Já estávamos há uns 25 minutos sentados no lugar indicado. O relógio marcava 1h45 da tarde. Era difícil ficar calmo quando se sabe que uma bomba está seguindo pela linha Metropolitana a caminho de um encontro com você.

Nós estávamos numa situação difícil. Se Hannah estivesse mesmo no trem, poderíamos ter colocado agentes em todas as estações da linha Metropolitana entre a rua Finchley e as quatro estações terminais: Uxbridge, Watford, Chesham e Amersham.

Tínhamos bastante pessoal para fazer isso. Mas a linha Metropolitana fazia ligação com outras estações de metrô. Isso significava que os sequestradores poderiam começar seu trajeto potencialmente de qualquer lugar de Londres e nos alcançar pelo trem leste, que chegaria em cinco minutos. A Private tinha muito recursos, mas não o suficiente para isso, pelo menos não no tempo disponível.

Poderíamos ter feito o que Sam queria e informado às autoridades. Mas isso resultaria na rede inteira de metrô sendo fechada. Seria impossível proteger Hannah.

Eu não achava que eles detonariam a bomba... se é que ela era verdadeira. Mas entendi a lógica da coisa. Os sequestradores precisavam garantir que receberiam a mercadoria. Hannah era a segurança deles. Se a entregassem antes, eles não teriam como saber se o resgate pago era genuíno.

Levaria um tempo para desarmar os explosivos amarrados em Hannah. Meu trabalho na Polícia Militar me ensinou um pouco sobre bombas. Nada muito útil. Nós não as desarmávamos. Nosso papel era só marcar a localização e deixá-la segura para os especialistas. E não ficávamos por perto quando eles entravam!

Sam e Del Rio estavam esperando na rua Baker. Outro e-mail tinha chegado alertando que, se tudo estivesse dentro dos conformes, Hannah e seu pai

desembarcariam ali. Supus que a viagem desde a rua Finchley daria tempo para o especialista dos sequestradores examinar as pedras. Ele descobriria que eram genuínas. Não é fácil conseguir 5 milhões de libras em pedras preciosas numa tarde de domingo. Mas, como eu disse, a Private tem recursos e alcance.

Del Rio também havia conversado com Jack Morgan, que tinha falado com um membro de alto escalão da família Noccia na Costa Oeste.

A informação recebida foi que o ítalo-americano que tínhamos visto com Ronnie Allen, Sally Manzino, era um homem importante com um lugar de destaque nos negócios da família. Mas não tinha nada a ver com o sequestro de Hannah. A informação era verdadeira. Jack Morgan tinha algum tipo de acordo com a família Noccia, não sei qual. Pelo visto, ele os ajudara certa vez com uma briga de território, um ou dois anos atrás.

Uma mão lavava a outra.

De qualquer forma, Manzino estava fora da cena.

Olhei para o relógio de novo. Mais três minutos. Harlan Shapiro se virou para mim. Seus olhos estavam encovados, assombrados.

– A minha filha é muito valiosa para mim, Sr. Carter.

– Eu sei.

– Cometi um erro muito grave de julgamento alguns anos atrás e Hannah pagou um preço terrível.

Concordei. Ele estava certo.

– A minha mulher pagou com a sua vida. Se eu pudesse mudar o passado, teria tomado o lugar dela com prazer. Você me entende?

– Entendo, senhor – respondi. E eu realmente entendia.

– Esses animais que pegaram a minha filha... Se algo der errado nessa viagem de trem... eu quero que eles sejam rastreados e massacrados.

Ele olhou para mim, agora com os olhos mais vivos.

– Você fará isso?

– Você tem a minha palavra, não vamos deixar que eles saiam impunes, Sr. Shapiro. Mas essas pessoas são negociantes. Elas seguem uma lógica perversa. A lógica significa que vão mantê-lo vivo, Sr. Shapiro. Você e a sua filha.

– Eles são terroristas, Sr. Carter. Eu não acredito que lógica seja a força motivadora neste caso.

– Eles podem estar agindo como terroristas, mas não é a mesma coisa. Se

detonarem qualquer explosivo num trem do metrô de Londres, vão receber a atenção total da polícia nacional e internacional. Acredite em mim, eles não querem isso.

Ele assentiu. Seus olhos estavam fracos, desfocados.

– Espero que esteja certo.

capítulo 70

O PAINEL DA ESTAÇÃO MOSTRAVA QUE o trem chegaria em um minuto.

Quando olhei para cima, um trem entrou na plataforma. Linha Jubilee. Alarme falso.

A rua Finchley é uma estação ao ar livre. O metrô passa por cima da terra em direção a todos os destinos ao oeste. É seguindo para o leste da estação da Rua Finchley que a linha Metropolitana entra na rede de túneis, o labirinto subterrâneo que conecta todas as partes de Londres. O trem da linha Jubilee partiu. Trinta segundos depois, o trem da linha Metropolitana chegou.

Ele estava cheio, especialmente para um domingo. Mas haveria um grande show mais tarde na O2 Arena. *Take That* faria a apresentação principal e milhares de pessoas seguiam em direção ao show.

Os sequestradores nos instruíram a sentar num banco específico e Harlan Shapiro e eu nos levantamos quando o trem parou e seguimos para a porta em frente àquele banco.

Harlan Shapiro entrou.

Observei os vagões e não reconheci os rostos que vi. As portas se fecharam e o trem começou a andar. Deixei o vagão partir e então corri ao longo do trem e pulei entre dois dos vagões, onde havia um pequeno espaço para o guarda passar.

O trem aumentou a velocidade e, quando entrou no túnel, as luzes diminuíram e tudo ficou escuro.

Meus pés escorregaram e eu caí para trás, na direção do espaço aberto.

capítulo 71

POR SORTE ALGUÉM TINHA ABERTO a janela numa das portas.

Consegui agarrar a beirada antes de ser sugado para baixo do trem.

Puxei meu corpo para cima e abri a porta. Um grupo de senhoras de meia idade me encarou com surpresa. Dei um sorriso como que pedindo desculpas e tentei passar.

Não foi fácil. Eu não estava muito certo do que esperava conseguir subindo no trem, mas não poderia simplesmente ficar sem fazer nada. Tinha feito uma promessa para Hannah Shapiro e o pai dela e pretendia mantê-la. Consegui atravessar metade do vagão quando o trem parou por um instante, como costumava acontecer nesta parte da pista. Cheguei até o fim do vagão e ele voltou a andar.

Olhei pelas janelas entre os vagões, mas não havia sinal de Hannah ou de seu pai. Abri a porta de novo, desculpando-me para as pessoas que tiveram que sair da frente. Pensei em mostrar o meu distintivo, mas decidi não fazê-lo. Dadas as circunstâncias, provavelmente seria melhor que as pessoas não soubessem quem eu era ou o que eu estava fazendo.

Abri caminho até o vagão seguinte. Ele estava tão cheio quanto o outro. Principalmente de mulheres, muitas delas de 30 a 40 anos, vestidas como se fossem muito mais jovens, rindo como estudantes, indo ver o seu primeiro show.

O que aconteceria se os sequestradores detonassem os explosivos? Era melhor não imaginar.

Eu fui completamente racional quando tentei tranquilizar Harlan Shapiro. Mas lógica e emoção são duas coisas muito diferentes. A emoção é uma força muito maior do que a lógica.

Isso era o que eu estava prestes a descobrir.

capítulo 72

PETER CHAPPEL ERA UM OFTALMOLOGISTA de 45 anos com uma pequena clínica em Chesham, uma cidade comercial em Buckinghamshire.

Atendia na rua High e, embora fosse domingo, tinha ido ao consultório para adiantar a papelada e classificar recibos que precisaria enviar para seu contador, para a declaração do imposto de renda. Ele tinha uma assistente que o ajudava, mas com frequência precisava ir para o trabalho nos seus dias livres para adiantar a parte administrativa.

Peter juntou todos os recibos num envelope branco grande, colou um selo, anotou o endereço e o deixou na mesa da assistente, na recepção. Em seguida, saiu para pegar o jornal da manhã. Ele já havia terminado as tarefas antes do previsto, mas era um homem que prestava atenção nos detalhes.

Ele voltou para a sala de exames. Não tinha janelas e havia uma escrivaninha antiquada no canto que usava como escritório. Desconectou o notebook da tomada e parou para pensar. Puxou o cartaz de exame de vista da parede, revelando o cofre por trás.

Peter guardou o notebook no cofre e o fechou. Depois, colocou o cartaz de volta no lugar e voltou para a recepção. Lá ele pegou duas sacolas que tinha deixado perto da porta da frente e saiu da clínica.

Ele olhou de novo para o relógio e partiu para casa. Estava um pouco atrasado, mas não muito. Peter realmente não queria perder a diversão. Por sorte ele vivia a apenas 90 metros de sua clínica.

Muito apropriado, ele pensou enquanto caminhava rapidamente pela rua Red Lion.

capítulo 73

TOM CHALLONER TRABALHAVA NO METRÔ há trinta anos.

Ele era chefe de estação e iria se aposentar no outono. Às 3h10 da tarde, Tom estava sentado em sua mesa aproveitando o que considerava uma bem-merecida pausa para o chá, cronometrando o próprio tempo enquanto terminava a sessão de palavras-cruzadas do jornal.

As ondas de choque das explosões estilhaçaram a janela do seu escritório e o derrubaram da cadeira, deixando-o inconsciente no chão.

Perto da estação de metrô na rua Edgware, Kirsty Webb estava sentada a sua mesa, num dos escritórios da Divisão de Investigação Criminal em Paddington Green. Amaldiçoava mentalmente a burocracia, que forçava os seus colegas e ela a passarem mais tempo preenchendo papéis do que investigando crimes nas ruas.

Kirsty tinha desistido da papelada uma hora atrás e estava trabalhando numa apresentação que faria dentro de alguns dias, em Manchester. Ela já era uma das três finalistas para o novo posto na divisão recém-criada. Cada candidato faria uma apresentação de quinze minutos sobre um estudo de caso de uma investigação de assassinato bem-sucedida da qual eles tivessem participado.

Kirsty queria apresentar os “Assassinatos do Dedo Anelar”, nome dado por um dos principais jornais, um título que foi adotado por boa parte dos meios de transmissão. Mas foi posta de lado no caso porque a unidade de crimes em série tinha assumido e Kirsty se viu relegada ao trabalho manual. Pegar declarações, arquivar relatórios, policiamento sem propósito...

Baixou a caneta, pegou uma folha de papel com anotações aleatórias e desenhos e a amassou numa bola que estava prestes a jogar na lixeira do outro lado da sala, quando o telefone tocou.

Kirsty olhou para o identificador de chamadas e depois para o outro lado da sala, onde dois colegas estavam discutindo o jogo de futebol da véspera. Ela saiu do escritório e foi até os degraus no fim do corredor antes de atender.

– Detetive Webb – disse ela.

– Kirsty, é a Dra. Lee. – Kirsty sentiu um pequeno arrepio de expectativa. Ela percebeu pela voz da mulher que algo de importante tinha acontecido.

– O que você tem para mim, Wendy?

– Dan me pediu para processar uma análise de DNA para você.

– É, eu sei – respondeu Kirsty, impaciente.

– Nós temos uma combinação.

– Espera um pouco. – Kirsty prendeu o telefone entre o ombro e o ouvido e pegou seu caderninho e caneta. – Pode falar.

– Ela tem nacionalidade romena. É uma enfermeira e tem uma ficha criminal no país de origem, então demos sorte. Você não teria conseguido uma combinação nos sistemas da polícia e teria precisado recorrer à Interpol, o que levaria ainda mais tempo.

– Obrigada, Wendy.

– Agradeça ao Dan. Ele que me colocou aqui no meu dia de folga.

– Desculpe por isso.

– Eu estou brincando. Estava esperando uma ligação. Estamos muito focados no caso Shapiro, de qualquer forma. Ninguém está tendo folga.

– Imaginei.

– Então você pode comprar uma cerveja pro Dan quando o vir.

– Se conseguir entrar em contato com ele, eu compro. Mas ele não tem atendido o celular.

– Eu sei, tentei ligar para ele primeiro. Provavelmente está fora da área de cobertura ou a bateria acabou.

Kirsty assentiu.

– Então, a minha mulher desconhecida. Qual é o nome dela?

– Adriana Kisslinger. Tinha 27 anos.

– Que crime ela cometeu?

– Prostituição. Ela oferecia “banhos especiais” no hospital em que trabalhava. A responsável pela ala não aprovou.

– E isso é ilegal na Romênia?

– Prostituição? Sim. Irônico, não é? A Romênia é uma das maiores fontes de tráfico humano do mundo.

– Eu sei. Obrigada de novo por isso, Wendy.

– Como eu disse...
– É, é, eu sei – interrompeu Kirsty. – Quando eu conseguir falar com ele.

capítulo 74

HANNAH SHAPIRO ERGUEU OS OLHOS, surpresa, quando me aproximei dela.

Ela estava em pé, segurando uma das barras perto da porta do vagão, cercada por mulheres entusiasmadas. Mas enquanto elas tinham os rostos cobertos de ansiedade, o rosto de Hannah estava enrugado, os olhos assombrados, ainda sem maquiagem. Eles se encheram de lágrimas quando eu sussurrei o seu nome. Ela se virou e veio direto para os meus braços estendidos.

Eu a abracei com força. Hannah estava usando um casaco impermeável branco e quase nada por baixo.

O que era bom. Pelo menos, não estava envolta por explosivos. Depois de um instante, ela deu um passo para trás, o que foi um alívio. Como eu disse, Hannah cresceu bastante desde a última vez em que nos vimos.

– O que aconteceu? – perguntei para ela.

– Eles pegaram o meu pai, Sr. Carter. Os sequestradores levaram ele.

– Como?

– Quando o trem parou no túnel. Tinha alguém lá fora, esperando. Eles passaram por ali. – Ela apontou para as portas de ligação entre os vagões.

Eles tinham saído do trem do mesmo jeito que eu tinha entrado. Mas não fazia nenhum sentido. Não teriam como voltar pelo túnel a pé. Não com os trens circulando.

– Você reconheceu algum dos homens? – perguntei enquanto a luz do dia voltava a iluminar o trem, que estava parando na estação da Rua Baker.

Hannah meneou a cabeça.

– Eles estavam usando máscaras quando nos atacaram na rua. E eu nunca vi os seus rostos na casa. Fiquei no escuro o tempo todo.

– E hoje?

– Hoje de manhã eles estavam todos pintados de preto. Eles também me pintaram.

Assenti.

– Eu vi, mas não consegui chegar até você.

– Eu sei.

– E esta tarde eles estavam todos usando máscaras do grupo *Take That*.

– Por onde você entrou no trem?

– Eu não sei. Pelo interior da cidade.

Nós saímos na plataforma e ela cambaleou um pouco, segurando o meu braço para se equilibrar e depois apertando com mais força.

– Como estão Chloe e Laura? – perguntou ela, com a voz ainda mais trêmula.

– Laura sofreu um corte no braço, mas está bem.

– E Chloe?

– Continua no hospital, Hannah. Mas ela vai ficar bem.

Eu pensei que se confiasse plenamente naquilo que estava dizendo, talvez se tornasse realidade. Ainda havia um monte de pessoas saindo do trem, seguindo para a plataforma leste da linha Jubilee. Um guarda estava esperando a multidão sair para mandar o trem seguir em frente. Eu fui até ele e disse que tinha visto uma mala sem dono num dos bagageiros em cima dos assentos.

Aquilo segurou o trem por tempo suficiente para que eu pudesse falar com o condutor. Ele tinha parado no túnel por causa da sinalização. Era uma ocorrência bastante comum quando um trem estava esperando pela liberação de uma parte da linha. Outros trens fariam a mesma coisa, pois nós tínhamos atrasado o fluxo.

Quinze minutos depois, Hannah e eu estávamos num dos escritórios móveis da Private. Uma grande perua preta com janelas fumê e, no interior, o melhor sistema de comunicação possível.

Tínhamos colocado um dispositivo de rastreamento em Harlan Shapiro. O dispositivo tinha a forma de um prendedor de gravata e o sinal transmitido aparecia no monitor como um ponto piscando no mapa do centro de Londres. Eu havia puxado a planta do sistema de metrô londrino e sobreposto a localização do dispositivo. E a luz intermitente no monitor estava no ponto onde o metrô tinha parado. O ponto não estava se movendo.

– Não é possível que ele ainda esteja lá – disse Sam, que estava ao meu lado com Del Rio.

Hannah Shapiro estava encolhida num dos assentos, do lado esquerdo da perua, segurando uma xícara de chá. Supus que estivesse perdida em lembranças sombrias e imagens piores ainda sobre o que poderia estar acontecendo com o

seu pai. Pessoalmente, eu estava puto comigo mesmo. Harlan Shapiro fora o alvo o tempo todo. Esqueça o ovo de ouro, eles queriam a maldita galinha dourada.

– Filho da puta – praguejei em voz alta.

– O que foi? – perguntou Del Rio.

Era pouco provável que ele soubesse. Pouca gente em Londres sabia.

Nós estávamos olhando para um prédio fechado com tijolos. Uma série de arcos, todos com os mesmos tijolos cinza-escuros usados no resto da construção. Parecia uma igreja, ou talvez uma construção vitoriana, se os arcos tivessem sido cobertos de vidro. Até alguns anos atrás, a construção tinha abrigado um restaurante chinês, mas agora estava vazia, esperando para voltar a ser parte da infraestrutura na forma de uma subestação. Foi construída em 1868 e fechada em 1939, quando a Inglaterra entrou em guerra contra a Alemanha, e os Estados Unidos ainda observavam o conflito a distância.

– É a Rua Marlborough – falei.

– O quê?

– A estação de metrô da Rua Marlborough – expliquei. – Uma das várias estações antigas de metrô escondidas ao longo da linha subterrânea. A plataforma nem fica embaixo da terra. Eles podem ter subido e saído nas ruas, já podem estar em qualquer lugar.

– Então o que nós fazemos? – perguntou Del Rio.

Eu olhei para Hannah Shapiro encarando sua xícara de chá quente como se todas as respostas pudessem ser encontradas ali dentro. Dificilmente seriam.

– Nós fazemos o nosso trabalho – respondi, determinado. – E sei exatamente por onde começar.

capítulo 75

A DETETIVE KIRSTY WEBB ESTAVA SENTINDO o tipo de entusiasmo que surgia quando a “maré” de um caso mudava.

Pensou em levar a informação aos seus superiores, mas teria que explicar onde e como tinha conseguido a identificação.

Kirsty não queria fazer isso. Perderia seu status de detetive investigativa. E certamente perderia a chance de conseguir a promoção e a mudança para Manchester que ela achava que queria... mas agora já não tinha tanta certeza. Maldito Dan Carter! Por que ela foi parar na cama com ele de novo, que nem uma adolescente bêbada?

Kirsty afastou aquele pensamento e se concentrou na tela do computador. Adriana Kisslinger tinha vindo para a Inglaterra há mais de um ano e trabalhou como temporária em vários hospitais. Ela se movia por Londres como uma enfermeira particular: o hospital Northwick Park, o Royal Free, em Hampstead. E então, bingo!, ela tinha trabalhado por três meses no Stoke Mandeville, em Buckinghamshire.

Depois daquilo não havia nenhum registro de emprego por alguns meses. Se ela estivesse trabalhando, era algo informal. A menos que tivesse voltado à sua antiga profissão, claro. Nem todas as prostitutas declaram impostos.

Duas ligações depois e Kirsty tinha o endereço mais recente de Adriana Kisslinger: Punch Bowl Lane, em Chesham.

capítulo 76

EU TINHA REUNIDO AS TROPAS no meu escritório.

O mau pressentimento no ar era palpável. Nós havíamos recuperado Hannah Shapiro, mas ninguém estava celebrando. Harlan Shapiro sabia quais eram os riscos. Ele tinha sido muito claro: já havia perdido sua filha uma vez e não estava disposto a perdê-la de novo. Qualquer que fosse o custo. E ele sabia muito bem que o custo não era só financeiro.

Não fazíamos ideia de qual seria o próximo passo dos sequestradores. Harlan Shapiro valia bilhões. Sua filha tinha sido uma armadilha para pegar um peixe grande forrado de diamantes. Achamos que o pedido de resgate tinha parecido um golpe baixo desde o começo. Agora sabíamos por quê. Parecia que era um pequeno investimento para estabelecer o verdadeiro negócio. Os riscos estavam prestes a ficar muito altos.

Kirsty cumpriu com a sua palavra e me passou uma cópia de tudo o que a Polícia Metropolitana tinha sobre o caso. Talvez algo em todas aquelas informações tivesse sido negligenciado.

Del Rio havia levado Hannah de volta para o seu dormitório na universidade. Ela precisava de um banho e de roupas limpas. Suzy foi junto.

Eu estava sentado com Adrian Tuttle, passando os olhos pelas fotografias que a equipe forense tinha tirado. Eram todas digitais, não tão boas quanto as de Adrian, e estavam abertas no monitor *widescreen* da Apple.

Enquanto isso, a Dra. Wendy Lee estava analisando outros relatórios forenses. Sam estava lendo os interrogatórios feitos pela polícia com os estudantes e a equipe que estava no bar, ou por perto, na hora do sequestro.

Adrian Tuttle colocou outra foto da rua pavimentada na tela. Closes do sangue que já sabíamos ser de Laura Skelton.

Ele clicou com o mouse e mudou para uma visão panorâmica da rua. Praticamente igual à foto que a nossa equipe tirou quando chegou ao local. A diferença era que a nossa foto havia sido tirada depois e a polícia já tinha ido

embora.

Movi o mouse e cliquei na foto seguinte.

Outra visão panorâmica de outra perspectiva. Mas Adrian resmungou alguma coisa e pegou o mouse da minha mão, voltando para a foto anterior.

Olhei para a imagem, confuso. Ele tinha visto algo que eu perdi.

– O quê? – perguntei.

capítulo 77

ADRIAN TUTTLE ME IGNOROU, CLICANDO numa série de ícones e abrindo vários menus. A tela se dividiu em duas e ele puxou mais menus.

A imagem que estávamos vendo ficou na tela da esquerda. Na direita, ele puxou as nossas fotos forenses, tiradas na noite do sequestro. Aquelas não eram de Adrian. Na hora em que elas foram tiradas ele estava trabalhando com a mulher encontrada no armazém em King's Cross.

Adrian passou pelas imagens até encontrar uma visão panorâmica similar àquela tirada pela polícia. Se fosse um jogo de encontre os erros eu não teria visto nem um, muito menos sete.

Ele apontou para o canto esquerdo superior da primeira imagem.

– Está vendo isso?

Dei de ombros.

– É só uma iluminação diferente. A nossa foi tirada mais tarde, lembra? E a polícia colocou as luzes em posições diferentes.

Adrian balançou a cabeça.

– Não é uma mudança de luz.

– O que é, então?

– É um objeto. Estava na rua quando a unidade forense da polícia apareceu. E não estava lá uma hora e pouco depois, quando tiramos as nossas fotos.

– Então o que é? – repeti.

– Eu não sei.

Adrian clicou o mouse de novo, arrastando uma linha pontilhada ao redor da área pequena e soltando o botão para aumentar a imagem. A foto ficou pixelizada, mais embaçada ainda.

– Ainda não descobri nada, Adrian – disse.

– Podemos fazer algo a respeito – respondeu ele.

Adrian apertou algumas teclas e passou a imagem para a sede de Los Angeles. Em poucos minutos, uma mensagem atravessou o Atlântico e Adrian abriu o

anexo. Nosso associado americano tinha passado a imagem por um potente sistema de melhoria de gráficos. O tipo de tecnologia que analisa imagens telescópicas dos terrenos de Marte.

O que vimos foi uma parte do que parecia ser um cobertor quadriculado marrom e vermelho. Uma beira do cobertor estava dobrada, mas parte da etiqueta era visível e tinha as letras Q e U.

– Receio que não seja muita coisa, Dan – disse Adrian, desculpando-se.

Adrian era bom com detalhes. Ele nem tinha tirado a fotografia e, ainda assim, reparou na menor discrepância entre as duas imagens. Já eu... bem, eu reconheço uma maldita pista quando vejo uma!

capítulo 78

Merda!

A detetive Kirsty chutou o pneu do seu carro, o que foi pouco para diminuir a sua frustração. Ela pensou que havia feito um avanço importante no caso, mas agora que tinha chegado a Chesham parecia provável que estivesse olhando para outro beco sem saída.

Um pedaço da casa parecia ter explodido. Havia destroços por todos os lados. A pequena estação do outro lado da rua tinha as janelas quebradas.

Ela verificou o endereço na página aberta de seu caderno enquanto caminhava na direção da faixa *Polícia – Não Atravesse*. Era ali mesmo. O último endereço conhecido de Adriana Kisslinger.

Ela passou por baixo da faixa e mostrou um sorriso breve e sóbrio para o jovem policial que se aproximou.

– Tudo bem – disse ela, mostrando o distintivo. – Detetive Webb. O que aconteceu aqui?

– Foi um acidente.

Quando estava prestes a explicar, a detetive Natalie apareceu no vão da porta.

– Detetive Webb – interpelou, um pouco confusa ao vê-la.

– Natalie.

– Houve algum progresso no caso de Colin Harris? É por isso que você está aqui?

– Agora acho que sim – respondeu Kirsty.

– Como assim?

– O que quer que tenha acontecido aqui... não foi um acidente. – Kirsty gesticulou em direção à casa.

– Nós estamos trabalhando com a suposição de que foi.

A detetive Natalie James conduziu Kirsty pela casa até a cozinha. Uma das paredes não existia mais, assim como um terço do telhado, com vigas e gesso pendurados e detritos espalhados pelo chão.

Kirsty olhou para cima, meio apreensiva.

– É seguro ficarmos aqui?

A detetive de Buckinghamshire deu um sorriso tranquilizador.

– Confie em mim.

Kirsty seguiu-a pelo que teria sido uma porta dos fundos para o pequeno jardim atrás da cozinha. Uma parede de tijolos tinha ido parar no jardim do vizinho com a explosão e destroços metálicos cobriam ambos os quintais. Diversos agentes forenses com jalecos brancos estavam trabalhando na área.

– Eles estão buscando o resto do corpo – explicou ela.

– Quem era?

– Peter Chappel, um oftalmologista local. Você não veio aqui para vê-lo? – perguntou ela, intrigada.

Kirsty balançou a cabeça.

– Este foi o último endereço que eu consegui da mulher desconhecida encontrada na noite de sexta.

– Com o dedo faltando?

– Exatamente.

– E agora você sabe quem ela é?

– Dica anônima. O nome dela é Adriana Kisslinger. Romena. Presa no país natal por prostituição.

– E aqui?

– Trabalhando como enfermeira. Sumiu do mapa alguns meses atrás. Ela estava trabalhando no Stoke Mandeville.

– Você contou para a sua equipe?

– Eu não tinha como não contar, tinha? Dicas anônimas precisam ser verificadas. Eu só estava vendo um endereço antigo de uma possível identidade. Você sabe como funciona. Então, o que exatamente aconteceu aqui?

– Peter Chappel tinha um churrasco planejado para esta tarde. Ele veio para casa depois de organizar alguns documentos em sua clínica. Colocou o vinho na geladeira e foi para o quintal ligar a grelha.

– Era uma churrasqueira a gás?

– Grande, com três bocas. Cilindro de gás propano no forno de metal. Ele virou o registro, apertou o botão para acender e... boom!

– Tinha algum vazamento?

– É o que parece. Como disse, pensamos que foi um acidente.
– Pense de novo – disse Kirsty Webb.

capítulo 79

Chloe, laura e hannah compartilhavam um apartamento numa quadra de acomodações para estudantes.

Meneei a cabeça para a segurança que tínhamos posicionado na entrada do prédio. Ela não estava de uniforme e eu fui discreto. As autoridades ainda não sabiam que Hannah tinha sido recuperada com segurança e não queríamos mudar isso. Depois haveria bastante tempo para explicações e recriminações.

A prioridade número um era recuperar Harlan Shapiro. Os aposentos da sua filha ficavam no primeiro andar. Digitei o código de segurança na porta e entrei num corredor quente e bem-iluminado com carpetes no chão, flores numa mesinha e obras de arte moderna nas paredes entre as portas dos apartamentos estudantis. A cozinha coletiva ficava à minha direita. Muito mais chique do que a cozinha dos meus dias de estudante.

Suzy estava na mesa tomando uma xícara de chá, acompanhada por Sam Riddel. O chá dele certamente era de ervas.

Olhei para Suzy com um pouco de reprovação.

– Achei que tinha dito para você ficar com Hannah.

– Ela teve uma visita.

– Laura?

– Não.

– Eu sabia que eles não tinham deixado Chloe sair. Eu tinha o número do hospital. As coisas estavam indo bem com ela. Os médicos estavam falando de tirá-la do tratamento intensivo, o que era bom, mas de maneira alguma deixariam ela voltar para casa tão cedo. O que era ruim.

– Quem, então?

– A tutora dela, Nicole Kidman.

Dei um sorriso breve. Suzy não costumava ser ciumenta. Mas então me dei conta de que ela não estava com ciúmes. Foi uma boa descrição. A professora se parecia mesmo com a atriz.

– Annabelle – falei.

– Annabelle?

– Como ela soube?

– Acho que Hannah ligou para ela.

– Você deixou ela usar o telefone?

– Você não disse para proibir. – Sam entrou na conversa.

Eles tinham razão. Eu não tinha proibido.

– Pode complicar as coisas, se as pessoas ficarem sabendo.

Suzy sorriu, mas os seus olhos ficaram inexpressivos.

– Talvez você pudesse conversar com *Annabelle*? Conseguir um pouco de tempo...

– Talvez – respondi.

Bati na porta, esperei um instante e entrei. Hannah vestia um roupão e seus cabelos estavam molhados. A professora Weston, que sorriu com gratidão para mim quando entrei, a amparava. Hannah não se mexeu por um tempo, sua cabeça estava apoiada no ombro da mulher mais velha.

Annabelle deu um tapinha nas suas costas. Como uma mãe substituta, algo que ela era, de alguma forma. A não ser pela idade. Uma irmã mais velha substituta, talvez.

– Obrigada por trazê-la de volta – disse Annabelle.

– De nada – respondi. E eu tinha razão, não era nada. Tudo o que eu consegui fazer foi trocar um refém por outro e pagar 5 milhões de libras para os sequestradores pelo privilégio.

Hannah se endireitou e se afastou da professora.

– Obrigada, Sr. Carter – disse ela.

– Eu já disse, é Dan. E você pode me agradecer quando trouxermos o seu pai de volta para casa.

Hannah assentiu e, embora seu rosto tivesse limpo, voltando a reluzir com a inocência da juventude, ainda havia uma tristeza profunda nos seus olhos.

– Então, o que o traz aqui, Sr. Carter? – perguntou a professora.

– Acho que temos uma pista.

– É mesmo?

– Uma testemunha.

capítulo 80

– UMA TESTEMUNHA?

A professora parecia surpresa.

– Eu achei que não houvesse ninguém lá. Por que ele não apareceu antes?

– Quem é? – perguntou Hannah.

– Nós ainda não sabemos.

– Eu não entendo – disse a professora.

– Encontramos algo numa das fotos da cena do crime, Annabelle.

– O quê?

– Um pedaço de tecido. Bom, não exatamente um pedaço, só a parte que estava visível na fotografia.

– Que tipo de tecido?

– Um cobertor. Achamos que pertencia a alguém dormindo na rua.

– Você acha que ele estava lá quando eu fui atacada?

– É possível. Ele pode ter visto algo. Talvez um número de placa. – Eu dei de ombros.

A professora esfregou as costas de Hannah e abriu um sorriso esperançoso.

– Bem, isso é bom, não é? – perguntou ela.

– É uma chance pequena. Mas se alguém estava lá quando as garotas foram atacadas, quando Hannah foi levada, pelo menos é alguma coisa.

– Eu só quero o meu pai de volta – disse Hannah, seus olhos voltando a se encher de lágrimas.

– E nós vamos trazê-lo de volta. Vista as suas roupas, Hannah. Vamos te levar para um lugar seguro.

– Onde? – perguntou a professora.

– Não muito longe.

– Ok. Vou me trocar – disse Hannah.

A professora estendeu os braços e deu outro abraço nela, acariciando o seu rosto em seguida. – Se você precisar de mim, é só ligar. E, se quiser, eu volto

direto para cá.

– Você está indo para algum lugar... Annabelle? – Hannah claramente não estava feliz.

– Um simpósio. Em Harrogate. Talvez eu devesse cancelar...

Hannah balançou a cabeça.

– Não, eu vou ficar bem.

– Nós vamos tomar conta dela, eu prometo – acrescentei.

Parece que eu já tinha feito aquela promessa antes, mas a professora fixou os olhos em mim, pensativa, e então assentiu.

– Imagino que sim – disse ela, dando um passo na minha direção e estendendo a mão.

Era um aperto tão firme quanto eu me lembrava... e caloroso. Eu me dei conta que estava demorando um pouco para soltar. Annabelle me observou, avaliadora. Não é fácil se aproximar de uma psiquiatra. Sempre parece que eles conseguem ver através de você. O que eu estou dizendo? Ela é uma mulher. A maior parte das mulheres consegue ver através de mim.

– Você vai me manter informada, Sr. Carter?

– É claro.

capítulo 81

A DETETIVE NATALIE AGITOU AS CHAVES na mão.

Eram as chaves do consultório do oftalmologista, a menos de 100 metros de onde o profissional fora explodido em pedaços.

– Não sei se deveria estar fazendo isso – disse ela.

Kirsty Webb mordeu o lábio inferior. Era um pedido difícil e ela sabia disso. Sair dos canais oficiais numa investigação não era algo visto com bons olhos. A polícia era parecida com o exército nesse quesito. Todos devem trabalhar juntos, como uma equipe. Aquilo era repetido com tanta ênfase em Hendon quanto em qualquer campo de treinamento militar.

– Até onde as pessoas sabem, não há qualquer ligação entre o corpo no necrotério de Stoke Mandeville e o oftalmologista recém-falecido.

– Mas nós sabemos da ligação.

– Se você avisar... sai das nossas mãos.

– Eu sei disso.

– Vamos receber bastante crédito se conseguirmos.

– E vamos ouvir muito, conseguindo ou não.

Kirsty assentiu.

– Risco e recompensa.

A detetive de Buckinghamshire jogou as chaves para cima e as pegou no ar.

– A irmandade agindo por conta própria? – perguntou ela.

Kirsty encolheu os ombros.

– Algo do tipo.

A detetive Natalie avançou até a porta do consultório.

– Então venha, Alice – disse ela. – Vamos descer a toca do coelho.

Ela colocou a chave na fechadura e a virou.

– Só uma tranca? – perguntou Kirsty, surpresa.

– Isso é Chesham – respondeu a detetive Natalie. – Nós não temos crimes em Chesham.

– Eu não apostaria nisso – disse Kirsty Webb.

Não levou muito tempo para avaliar o consultório. Duas mesas, dois armários, um fichário grande com os registros dos pacientes, sem dúvida com cópias digitais no computador.

Elas se separaram. Natalie foi para o escritório da frente e a recepção, enquanto Kirsty verificou o escritório dos fundos e a sala de exames.

Meia hora depois, Kirsty apareceu na frente ainda com as luvas de látex e olhou para sua nova colega, sentada atrás da mesa de recepção lendo um livro diário.

– Alguma coisa? – perguntou.

A detetive Natalie ergueu os olhos do livro.

– Chappel mantinha um registro do escritório. Ele usava para anotar coisas pessoais também.

– Não me diga. Ele fez uma confissão. “Morte por churrasco.” Foi um suicídio muito bem-elaborado.

Natalie deu um sorriso rápido e balançou a cabeça.

– Quem dera. Nosso emprego seria muito mais fácil se as pessoas fizessem coisas decentes assim.

– Se as pessoas fizessem coisas decentes, nós não teríamos um emprego, Natalie.

– Isso é verdade. Mas o que nós temos aqui é uma lista dos convidados para o churrasco que ele estava planejando.

– E?

– Entre outras pessoas, temos uma médica que assinou o certificado de morte cerebral de Colin Harris, a Dra. Sarah Wilde, e o cirurgião que fez o transplante do Sr. Alistair Lloyd.

– Uma das pessoas nessa lista que sabia que Chappel estava planejando um churrasco, pode ter mexido com o regulador de gás. Um vazamento para que o negócio explodisse quando ele ligasse? É isso que você está pensando?

– Pode ser. Os analistas forenses estão trabalhando com o que restou da churrasqueira. Talvez revele que o regulador foi alterado... – Ela deu de ombros. – Talvez não.

– Acho que vale a pena verificar os dois médicos. Ver onde eles estavam antes do horário combinado para o churrasco. Ver se tiveram a oportunidade de fazer

isso.

– Não é só a oportunidade que me intriga – disse Natalie James.

Kirsty esperou a colega concluir o raciocínio.

– É o motivo.

capítulo 82

MARK SMITH ERA UM HOMEM alto.

Mais de 1,80 metro. Ele não sabia quanto, exatamente. Já chegara a medir 1,90 metro, mas os anos de patrulha e o processo de envelhecimento fizeram com que ele andasse um pouco menos ereto pelas celas. E ele não tinha vontade de medir a diferença.

Mark estava com 50 e poucos anos e ansioso para se aposentar. Ele tinha tudo planejado: sair da cidade, ir para o litoral... Deixaria o uniforme para trás com satisfação e trocaria o cassetete por uma vara de pescar. Sua esposa era uma professora de história numa escola estadual em Ealing e ela também não via a hora de se aposentar.

Juntos, os dois tinham uma boa pensão organizada e dinheiro suficiente para comprar uma pequena casa no Litoral Sul. A noção de comunidade ainda tinha algum significado por lá e, se um homem fosse encontrado deitado na rua, as pessoas não passariam por cima. Mark Smith estava satisfeito e orgulhoso por ser um tradicional policial de patrulha. Só porque ele estava feliz com a perspectiva de se aposentar não significava que ele pensasse mal sobre o seu emprego.

– É como aquele cara da mitologia grega, sabe? – Ele me perguntou quando sentamos ao lado da janela numa cafeteria árabe na Rua Old Compton, com xícaras de um café que manteria uma colher em pé.

Assenti. Sabia exatamente de quem ele estava falando. Nós já tivemos essa conversa várias vezes. Ele continuou mesmo assim.

– Sísifo, o malandro que foi punido pelos deuses por matar viajantes e visitantes. Ele tinha que empurrar essa pedra imensa para cima de uma colina enorme e, antes de ele conseguir chegar no topo, a pedra caía até a base da colina e ele tinha que começar tudo de novo.

– Eu sei.

– E você sabe qual é a ironia da coisa?

– Diga.

– Não são os viajantes nem os visitantes que morrem naquelas ruas frias...

Eu olhei pela janela para o calor irradiando do pavimento. Hoje parecia um dia especialmente quente. Mas as ruas de Londres ficam frias, sem dúvidas.

Frias o bastante para matar.

Mark Smith sabia disso melhor do que a maioria das pessoas. Ele era parte da Unidade de Ruas Mais Seguras Para os Sem Teto da polícia de Westminster. Eles lidam com 16 mil pessoas que dormem nas ruas o ano todo, independente do clima. Às vezes duzentas por noite.

Empurrei a foto pela pequena mesa de alumínio e ele a pegou. Mark mexeu nos bolsos e tirou os óculos.

Ele assentiu quase imediatamente.

– Esse é o Major – falou.

– Major?

– Ele certamente serviu no exército em algum momento. É assim que recebeu o apelido. Além disso, ele teve uma boa educação.

– O que é raro nas ruas.

– Mais comum do que você imagina.

Mark tinha razão, claro.

As pessoas acabam nas ruas por vários motivos. Distúrbios mentais, crianças fugindo de lares abusivos, adultos fugindo de demônios que não conseguem mais enfrentar. Muitos dos moradores de rua em Londres eram como o Major: ex-militares enfrentando o álcool e a depressão. Um círculo vicioso de automedicação que ficou fora de controle.

Terminei o café e me levantei.

– Você sabe onde ele está?

O velho guarda olhou para o relógio.

– Tenho uma boa ideia.

Deixei uma nota de cinco libras na mesa para cobrir os dois cafés e a gorjeta e saí para o alvoroço da metrópole.

Coloquei os meus óculos Ray-Ban e pendurei o casaco por cima do ombro, seguindo o policial alto enquanto ele me conduzia pela Charing Cross em direção à Rua Tottenham Court.

capítulo 83

Londres conta com vários refeitórios para desabrigados, além de albergues noturnos. É só saber para onde ir.

Parte do trabalho de Mark Smith era informar as pessoas. Alguns se tornam desabrigados por uma mudança de circunstâncias: o rompimento de um relacionamento ou a perda de um emprego, por exemplo. Muitas vezes a falta de moradia podia ser uma condição temporária, mas para outros era um estilo de vida. Essas pessoas têm um padrão em suas vidas, um padrão que Mark Smith conhece bem.

Aos domingos à tarde, o St. Joseph, na Rua Tottenham Court, distribuía comida entre os sermões. E, de fato, lá estava o Major, bem onde Smith esperava vê-lo. Havia várias pessoas, jovens e velhas, reunidas em torno da perua estacionada em frente à igreja.

O homem era instantaneamente reconhecível. Tinha um cobertor de piquenique marrom e vermelho sobre os ombros, apesar do calor. Estava sentado na escadaria da igreja, tomando uma porção grande de sopa num recipiente de isopor.

Ele ergueu os olhos quando nos aproximamos. Seus olhos pareciam aguçados, focados. O homem podia ter de 40 a 60 anos. Tinha cabelos grisalhos compridos e encaracolados e uma barba desgrenhada, mas, apesar da aparência descuidada, ele parecia limpo. O Major se cuidava do melhor jeito possível, isso ficou claro.

Cumprimentou Smith com um aceno e me deu um olhar avaliador. Em seguida, bateu continência para mim. Eu sorri. Era um bom sinal. Devolvi a continência.

Ele assentiu, satisfeito.

– Achei que você fosse militar.

– Ex.

– PMR?

– Você é bom nisso.

– Você está com ele. – O homem gesticulou na direção de Smith. – Você anda

como um militar. Tem porte de militar. Imagino que você saiba se cuidar quando as coisas dão errado.

– Já aconteceu.

– E o que você quer comigo?

– Nós temos algumas perguntas para fazer, Major.

– Eu não estava lá – disse ele. Logo depois, seu corpo foi tomado por uma tosse seca que o fez tremer todo, derramando sopa no degrau. Ele deslizou para o lado, afastando-se do líquido derramado.

– Nós vamos pegar mais para você – disse.

– Mesmo assim, eu não estava lá – balbuciou ele, encarando o chão. Agora os seus olhos estavam um pouco fora de foco.

– Não estava onde?

Ele olhou para mim, com o rosto voltando a se iluminar.

– Veja bem... cortes, juízes de peruca... Eu não vejo nada. Eu não tenho que relatar, entende?

Eu entendi.

– Está tudo bem, Major. Você fala conosco e não precisa falar com mais ninguém. Nenhuma corte, nenhum policial.

– Sua palavra? De oficial e cavalheiro?

– Minha palavra.

– A perua estava lá. As duas garotas se aproximaram dela. Elas escutaram aquela outra garota chamando. Aí tudo ficou maluco.

– Ninguém viu você?

– Ninguém vê o Major. Não se ele não quiser ser visto. – Ele deu um tapinha no nariz. – Treinamento especial, sabe?

– Então o que você viu?

– As duas garotas estavam conversando com os homens de capuz, e aí fingiram que foram atacadas. Gritaram quando a outra garota apareceu e começou a lutar.

Eu me senti como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Tinham me feito de palhaço. A todos nós. O tempo todo.

Hannah Shapiro havia armado a coisa toda e eu engoli a história.

Harlan Shapiro era o alvo real o tempo todo e ela foi a isca perfeita. Perfeita para Jack, perfeita para mim e perfeita para Harlan.

Culpa. É um motivador poderoso.

E letal.

capítulo 84

KIRSTY WEBB E A DETETIVE Natalie James estavam na frente do cofre exposto.

Elas tinham vasculhado o diário de Chappel e cada pedaço de papel que encontraram atrás da combinação.

Nada.

A detetive Webb tinha certeza de que os números estariam escritos em algum lugar. Sempre estavam. Quando se trata de senhas ou códigos, é o que as pessoas fazem.

É como deixar uma chave embaixo do capacho ou do vaso de flores, como milhões de pessoas no país fazem. Daria na mesma se deixassem a porta aberta e um tapete para os ladrões limparem os pés.

Kirsty roeu a unha do polegar e pegou o seu celular.

– Dan – disse ela. – Eu preciso do número do seu amigo Gary. Tenho um cofre que precisa ser aberto e não consigo achar o código em lugar nenhum... Ok, vou tentar isso e ligo de volta se precisar de você.

– Quem era? – perguntou Natalie, depois que ela desligou.

– Meu ex-marido.

– Isso é sensato?

– Casar com ele não foi.

– Eu quis dizer contar para ele o que você está fazendo.

– Ele administra uma agência de investigações particulares e tem dado uma força.

Natalie a encarou com um olhar penetrante.

– Com coisas como identificação rápida de DNA.

Kirsty assentiu.

– Coisas desse tipo.

– E esse Gary, é um consultor de segurança para ele?

– Algo assim.

– Deve ser uma bela agência para fazer uma verificação de DNA tão rápido.

– Ele trabalha na Private International.

– Ah... Eles têm recursos – respondeu Natalie, com um tom seco. Ela gesticulou para o cofre. – E o que ele sugeriu?

– Tentar a data de nascimento. O memorizador numérico mais comum, pelo visto.

– Memorizador?

– Dan fez faculdade. Ele acha que é esperto.

– E é? – Natalie pegou o seu caderno e virou algumas páginas.

– É esperto em algumas áreas, burro como uma pedra nas que contam.

Natalie se aproximou do cofre e girou o disco no sentido horário e anti-horário algumas vezes. Ela pausou e tentou a maçaneta.

Nada.

– Tente a placa do carro – sugeriu Kirsty.

Natalie folheou o caderno, girou o disco mais algumas vezes e tentou a maçaneta.

Abre-te sésamo.

Encontraram o notebook que o oftalmologista tinha guardado mais cedo. Natalie o pegou e colocou em cima da mesa. Não havia mais nada no cofre.

Kirsty ligou o notebook. A tela se acendeu. Uma imagem do litoral, parecia ser algum ponto próximo de Dover.

O oftalmologista devia ter uns cinquenta ou sessenta ícones na área de trabalho de seu computador. Kirsty clicou em “Documentos recentes”. Abriu um menu com cerca de dez arquivos de imagem. Kirsty clicou em um deles e uma foto encheu a tela.

No instante seguinte, Kirsty engoliu em seco e olhou para a colega.

– Bem, aí está o motivo.

capítulo 85

ERA O FIM DA TARDE, quase noite, e um vento leve tinha surgido. O zelador do cemitério estava fazendo as suas rondas finais e logo seria hora de trancar os portões.

Ele olhou para uma figura solitária, a única visitante restante no parque. Ajoelhada em frente ao túmulo de uma criança com uma grande lápide de mármore branca. Desproporcionalmente grande, se comparada com a pequenez trágica do lote. Era mais do que uma lápide, era um monumento no grandioso estilo vitoriano.

Flores frescas tinham sido postas naquele lote todos os dias durante o último mês. *Alguns pais cuidam melhor dos filhos falecidos que outros cuidavam dos que ainda estavam vivos*, pensou o zelador ao dar uma olhada no relógio. Ele esperaria cinco minutos e aí teria que fechar. *Mundo triste*, pensou ele pela enésima vez, *no qual você tem que trancar um cemitério para protegê-lo de vandalismo e outras ameaças.*

Na lápide estava inscrito: “Aqui jaz Emily Jane Lloyd: ela dançou por nossas vidas muito brevemente; agora ela dança com os anjos. 14/2/2000 – 19/3/2009.”

Havia um pequeno cálice com tampa na frente do lote, em meio aos anjos de pedra e vasos de flores. A cirurgiã se inclinou para a frente e ergueu a tampa.

Se o zelador tivesse visto o que havia dentro do cálice ele teria tido pensamentos muito mais perturbadores sobre o estado do mundo do que aqueles gerados pelo mero vandalismo.

A cirurgiã abriu um pequeno lenço e removeu um objeto. Um pedaço cicatrizado e queimado de carne. Um dedo humano. Parte de um dedo. Ela o colocou no recipiente em meio aos outros e fechou a tampa, colocando o cálice junto aos outros objetos que adornavam o santuário para a garota falecida.

Sua voz saiu como um sussurro leve, quase um cântico:

– Só mais um, minha querida.

capítulo 86

HANNAH SHAPIRO ESTAVA VESTIDA. USAVA calça jeans justa, botas marrons que iam até os joelhos, um suéter, o cabelo preso para trás e maquiagem. A transformação era incrível.

Ela estava esfregando o pulso direito, ainda vermelho pelo atrito com a corda na qual ela tinha sido amarrada. Atenção aos detalhes. Era admirável.

– Nós sabemos que foi uma armação, Hannah. Diga o que precisamos saber e vai ser mais fácil para você.

– Eu não fiz nada de errado. Você está enganado, Sr. Carter.

Sr. Carter. Assim como a voz mecânica tinha me chamado pelo telefone. Foi ela o tempo todo, rindo de nós. Rindo de mim.

Eu voltei a me lembrar da Hannah mais jovem, sentada ao meu lado no voo para a Inglaterra, discutindo Fitzgerald e me provocando. Percebi que o passado não era apenas outro país, como um escritor dissera certa vez. Você pode viajar para outro país, mas o passado é outra vida.

– Para onde eles levaram o seu pai, Hannah? – perguntei.

Ela encolheu os ombros.

Eu tive vontade de dar dois passos para a frente e acertar um tapa com as costas da mão nela. A minha afilhada tinha sido hospitalizada por causa dela. Hannah nos fez de marionetes enquanto puxava os fios e aquilo me deixou com uma raiva que eu não sentia há muito, muito tempo.

Hannah deve ter visto algo nos meus olhos, porque deu um passo para trás.

Ela piscou os olhos, ansiosa. Ainda havia algo de errado naquela história, mas eu não conseguia descobrir o que era.

– Você pode falar conosco, Hannah... – Os olhos dela se voltaram para Del Rio, recostado na parede sem dizer nada.

Mais cedo ele tinha me dito que seguiria os meus passos. Eu não achei que seria necessário fazer a encenação de policial bonzinho e policial malvado. Nós tínhamos descoberto o jogo de Hannah e ela sabia disso. Era só uma questão de

tempo.

– Ou nós podemos te levar para Paddington Green e você pode falar com os policiais – continuei.

– Ele mereceu! – soltou ela, finalmente.

– Por quê?

– Por quê? – gritou Hannah, incrédula. – Por que você acha, seu merda?

O sotaque da Costa Oeste tinha voltado com força.

– Ele se recusou a pagar o resgate e a minha mãe morreu. Ela morreu, Sr. Carter! Mas não antes de eu ser forçada a vê-la sendo estuprada. E aí eles atiraram nela!

Hannah começou a chorar e eu me arrependi do impulso de dar um tapa nela. Senti que estava mais inclinado a colocar os braços ao seu redor. Ela tinha razão, num certo sentido. Talvez Harlan Shapiro merecesse mesmo um pouco de vingança. Mas não isso.

– A minha afilhada quase morreu – foi o que eu acabei dizendo.

– Não era para ela se machucar. Não era nem para ela estar lá.

– Quem eram os outros, Hannah? Nós sabemos sobre Laura, mas quem eram os outros que estavam lá?

Ela balançou a cabeça.

– Eu não vou dizer. Não me importo com o que você fizer. Ele mereceu isso. Então ele passou por um susto? Olha pelo que *eu* tive que passar.

– Se algo acontecer com ele, Hannah, você vai ficar muito mais encrencada do que já está.

– Nada vai acontecer com ele – disse Hannah. Mas ela ficou inquieta de novo, movendo muito os olhos e esfregando o braço machucado, sem se dar conta do que estava fazendo.

Nem Hannah acreditava em si mesma.

E aquilo me preocupou pra caralho.

capítulo 87

ADRIAN TUTTLE VOLTOU O VÍDEO mais uma vez.

Pedi para ele pausar e aumentar a imagem. Era o primeiro vídeo que eles tinham enviado e eu tinha que admitir que Hannah era uma bela de uma atriz. Pedi para Adrian dividir a tela e rodei o segundo vídeo. Pausei. Aumentei o zoom no braço dela.

– Está vendo isso, Adrian? – perguntei.

– Sim – disse ele. Como eu falei, ele era bom em encontrar os erros.

Wendy Lee estava passando e se inclinou para a frente.

– Contusões no braço no segundo vídeo. Não no primeiro.

– E o que isso nos diz?

– Que ela estava fingindo ter sido amarrada da primeira vez, mas não da segunda.

Lembrei dela esfregando o braço pouco tempo atrás. Ainda estava dolorido.

– Então o que mudou?

– Você já encontrou a outra garota?

Balancei a cabeça negativamente. Tinha ligado para Sam e pedido para que ele me encontrasse na quadra de acomodações para estudantes. Laura Skelton não estava lá. Seu guarda-roupas estava vazio. Havia cabides no chão e gavetas vazias. Parecia que ela tinha feito as malas e ido embora. Com pressa. Sam estava tentando rastreá-la. Eu não tinha muitas esperanças.

Deixei o segundo vídeo continuar.

Hannah olhou para a câmera, sua voz trêmula.

– Eles querem que vocês saibam que essa bomba presa a mim pode ser detonada a distância. Se tentarem fazer algo diferente do instruído ela será detonada. O mesmo irá acontecer se vocês tentarem entregar diamantes falsos. Eles serão examinados e, se não forem genuínos, o dispositivo será detonado. Se a polícia aparecer de novo, como aconteceu nesta manhã, o dispositivo será detonado.

Ela deixou o papel cair no chão enquanto lágrimas se acumulavam nos seus olhos grandes e aterrorizados.

– Por favor, me ajudem – acrescentou ela num sussurro desesperado.

A tela voltou a escurecer.

Hannah estava implorando por ajuda. Aquilo era genuíno. Ela acreditava que tinham prendido explosivos nela e que a matariam se nós não seguíssemos as instruções.

Algo tinha acontecido entre aquele dia e o seguinte.

O quê?

Meu celular tocou. Olhei para o identificador de chamadas e atendi.

– O que você tem para mim, Suzy? – escutei e assenti. – Segura ele. Eu estou a caminho.

Desliguei o celular, levantei e peguei o meu casaco.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Wendy Lee.

– Laura Skelton acabou de ter uma visita. Um dos jogadores de rúgbi de sexta à noite.

Adrian Tuttle se levantou.

– Você quer ajuda? – perguntou ele. Estava falando sério.

– Não, tudo bem – respondi. – Acho que Suzy e eu damos conta.

– O que você vai fazer se ele ficar violento, Adrian? – perguntou Wendy Lee. – Distrairia ele com origami?

– Eu sei alguns golpes – respondeu, fazendo uma pose. Parecia uma garça-real com fome.

– Continue trabalhando com o material – falei. – Tem algo aí que não está certo.

capítulo 88

AS DETETIVES KIRSTY WEBB E Natalie James saíram às pressas do carro.

Uma ambulância estava estacionada na frente da casa, ao lado de duas viaturas. Com as sirenes piscando. A área estava prestes a ser cercada pela fita de cena de crime.

Kirsty sentiu um mal-estar no estômago de novo enquanto elas corriam até a porta. Parecia que ela estava sempre um passo atrás no caso. Dois policiais estavam do lado de fora. Kirsty e Natalie mostraram os seus distintivos.

– O que aconteceu?

– Vocês estão aqui para ver Alistair Lloyd? O cirurgião? – perguntou uma policial pequena de 20 e poucos anos.

– Sim.

– Receio que tenham chegado tarde demais. Ele fez um... um pequeno procedimento e depois se matou.

– Que tipo de procedimento?

O outro policial fez uma careta.

– Ele cortou fora um dos dedos com uma espada samurai. E aí caiu em cima da espada.

– Cristo.

– É. Tem bastante sangue... – A policial meneou a cabeça para a detetive Natalie. O seu chefe estava tentando falar com você. Ele está lá dentro.

Elas entraram na casa. Era um bangalô com uma área interna bem aberta. Um pequeno corredor conduzia a um espaço grande que combinava sala e cozinha. Havia várias portas. A mais distante à direita estava aberta e flashes de luz vinham de dentro do quarto.

Um homem de estatura mediana, calvo e acima do peso vestindo um casaco sujo e uma gravata desalinhada saiu enquanto elas se aproximavam. Ele esfregou a mão no queixo com uma barba malfeita.

– Eu estava na metade do meu almoço de domingo quando recebi a ligação.

Você deve ser a detetive Webb. – Ele esticou a mão.

Kirsty o cumprimentou.

– Sim.

– Sou o inspetor-chefe Holland. – Ele se voltou para a detetive Natalie. – Tentei falar com você.

Natalie pegou o celular e olhou para a tela, desbloqueando o teclado.

– Devia estar sem sinal.

Holland assentiu e se voltou para Kirsty.

– E o seu? Falei com o seu chefe em Paddington.

– Está no carro. Carregando.

Ele assentiu de novo.

– Bom, em todo caso não importa muito.

– Senhor?

– Nenhuma glória a ser conquistada. Veja por si mesma, se o estômago aguentar... – Holland esfregou a barriga distraído, provavelmente começando a se arrepender de ter almoçado. Ele conduziu as duas detetives para o quarto.

Havia uma mesa preta de teca na frente de uma janela com venezianas abertas, também pretas. Armários da mesma cor seguiam ao longo das paredes à esquerda e à direita da mesa.

Uma armadura japonesa se erguia num dos cantos do quarto.

Também havia um suporte de madeira. Cerimonial. Uma pequena poça de sangue tinha se acumulado ali. Um dedo decepado jazia bem no meio.

capítulo 89

ALISTAIR LLOYD ESTAVA DEITADO NO chão.

A espada samurai que pertencia ao suporte de madeira estava enfiada no centro de seu corpo. Ele tinha caído de lado e havia uma poça de sangue ao redor do cadáver. Uma poça bem grande.

O fotógrafo forense tirou mais uma série de fotos rápidas e saiu do quarto, passando a bola para o patologista da unidade.

– Ele deixou um bilhete – falou o inspetor-chefe Holland.

– Digitado? – questionou Kirsty Webb, pensando no suposto suicídio de Colin Harris.

– À mão. E, a julgar pelo resto do equipamento aqui, me parece autêntico. E não tenho dúvida de que as impressões digitais no papel vão combinar com as dele.

– Certo.

O inspetor-chefe indicou o corredor. Na cozinha, outros membros da equipe forense estavam ensacando evidências.

– E encontramos restos humanos no freezer. Órgãos guardados em recipientes separados.

– As mulheres não identificadas?

– Precisamos verificar, mas sim, provavelmente.

– Por que ele guardou os órgãos delas?

Holland ergueu as mãos.

– Esse cara era completamente maluco. Talvez ele pretendesse fazer um guisado.

– O que ele disse no bilhete? – perguntou Kirsty.

– Ele confessou os quatro assassinatos.

– Deu algum motivo?

– Ele fazia parte de um grupo que trocara fotos.

Kirsty assentiu. Ela tinha visto as fotos.

– E o que aconteceu?

– Uma das pessoas estava juntando as fotos. Uma enfermeira romena...

– Adriana Kisslinger?

O inspetor-chefe pareceu surpreso.

– Como você sabia?

– Eu não sabia. Mas acho que você acabou de confirmar. Era uma linha de investigação.

Por um instante pareceu que Holland ia insistir para saber mais, mas ele desistiu. Não era problema dele.

– Em todo caso, ela começou a chantagear o grupo: uma professora, uma assistente social e um cirurgião. Achou que o cirurgião podia dar mais dinheiro.

– Então... ele matou todos?

– E aí se matou.

– Culpa?

– Quem sabe? – Holland indicou a armadura japonesa. – Obviamente o homem era um doente. Duvido que a gente chegue a saber o que se passou pela cabeça dele. De acordo com o bilhete, ele diz que foi confrontado com a sua natureza verdadeira e não conseguiu mais suportar.

– Muito oriental.

O inspetor-chefe assentiu.

– Parece que ele era um grande fã da cultura japonesa.

– E os dedos? – perguntou James.

Holland encolheu os ombros.

– Não faço ideia.

– Japonês de novo – falou Kirsty Webb. – A Yakuza. Eles têm uma tradição de cortar fora um dedo se alguém faz algo errado.

– Parece que você sabe bastante sobre isso.

Kirsty balançou a cabeça.

– Só dos filmes. Robert Mitchum estrelou num filme sobre isso. Cortou metade do dedo numa cena.

– Parece especialmente apropriado para este caso, então – disse o inspetor-chefe.

– Senhor? – perguntou Natalie.

– Molestadores de crianças... – falou Holland, com raiva reluzindo nos olhos. –

Não é só o dedo que eu cortaria.

capítulo 90

SUZY ESTAVA ENCOSTADA NA PAREDE ao lado da porta do apartamento das três garotas.

Tim Graham estava sentado no sofá, pressionando um lenço ensanguentado contra o nariz. Ele estava me encarando.

– Você não vai se safar dessa.

– Você está me ameaçando, Tim? – perguntei.

– Estou prometendo.

– Porque se você quiser que a Suzy aqui...

Ele se encolheu no sofá.

– Ele não queria esperar para conhecer você, Dan. Eu tive que persuadi-lo.

– Você não precisava quebrar o meu nariz.

– Ele tentou me acertar... – Ela deu de ombros. – O que mais uma garota podia fazer?

– Você quer nos dizer o que está fazendo aqui, Tim? – perguntei.

– Eu não tenho que dizer nada para você.

Suspirei.

– Veja, essa não é uma daquelas situações com um policial bonzinho e um policial malvado. Nós dois somos policiais malvados.

– Sei... – bufou ele com desdém. – Vocês não são nem policiais.

Atravessei o quarto com três passos e bati nele. Com força. Acertei com a parte de trás do punho no lado esquerdo da cabeça. O garoto saiu voando do sofá e aterrissou no chão, choramingando. Ele estava com lágrimas nos olhos.

Fiquei satisfeito. Na verdade, eu havia ficado tentado a acertá-lo no nariz de novo. Terminar o trabalho que Suzy tinha começado. Mas antes eu precisava de algumas respostas.

– Deixe-me explicar uma coisa, Sr. Graham – disse, ficando de cócoras ao lado dele e falando num tom paciente. – Laura e Hannah drogaram a minha afilhada. Ela foi atingida por um taco de beisebol e deixada para morrer na sarjeta.

Eu me agachei, agarrei o rapaz e o ergui, jogando-o de volta no sofá.

– Agora eu tenho a sua atenção? – questionei.

Graham assentiu, uma das mãos cobrindo o nariz que vazava sangue e muco.

– Por causa dessas pessoas, ela está no tratamento intensivo, lutando pela própria vida. – Aquela última parte já não era mais exatamente verdadeira, mas eu não tinha nenhuma intenção de deixar aquele verme se contorcendo no sofá saber daquilo.

– Eu não tive nada a ver com isso.

Voltei-me para Suzy.

– Vou sair para fumar um cigarro. Por que você não vê se consegue dar uma agitada na memória dele?

Segui para a porta. Ele não sabia que eu não fumava.

– Espera! – Ele quase berrou.

Não o culpei. Eu também não gostaria de ter Suzy pegando pesado comigo. E eu sou um profissional durão.

– Não era para ela se machucar.

– Não era para quem se machucar?

– Chloe. Não era nem para ela estar lá. Laura colocou algo na bebida de Chloe que devia ter capotado ela por um tempo. Uma dose leve, para não fazer mal.

– Onde ela conseguiu a dose?

Graham se mexeu no sofá, ansioso.

– Eu não sei.

– Onde você mora?

Ele deu de ombros.

– O que isso tem a ver?

– Suzy, pergunte de novo por mim.

– Claro, chefe. – Ela deu um passo para a frente.

– Ok, ok. Só deixa essa cadela maluca longe de mim!

Eu vi o lábio superior de Suzy se contrair uma fração de centímetro e imaginei que o jovem Tim pagaria por aquele comentário mais tarde.

– Eu moro do outro lado do corredor – disse ele.

Coloquei ele em pé.

– Vá em frente, MacDuff.

No fim do corredor, entramos numa sala de estar bem parecida com a que

tínhamos acabado de deixar para trás. Só que essa estava repleta com o tipo de bagunça esperada de um bando de estudantes do sexo masculino.

Tim Graham estava procurando as chaves do seu dormitório, apalpando os bolsos. Eu ergui a minha perna e arranquei a porta das dobradiças com um chute.

– Cristo! Quem são vocês?

Empurrei ele para dentro.

Suzy veio atrás, franzindo o nariz.

– Pelo amor de Deus, Tim, você já pensou em abrir uma janela de vez em quando? – perguntou ela e atravessou o cômodo para fazer exatamente isso.

Foi uma boa ideia. Se a sala externa estava uma bagunça, o quarto era uma pilha de estrume. Empurrei o estudante para cima da cama bagunçada e comecei a vasculhar a cômoda. Encontrei o que eu estava procurando na terceira gaveta.

capítulo 91

– Estudando para ser farmacêutico? – perguntei.

– Estudos de mídia, na verdade – respondeu Tim Graham, petulante, e Suzy deu um tapa na cabeça dele.

– Por que você me bateu?

– Se tem uma coisa que eu odeio mais do que estudantes – respondeu ela – são os malditos estudantes de estudos de mídia.

Eu virei a gaveta em cima dele. Papelotes. Sacos de maconha. Pedaços de resina. Frascos de comprimidos. Tim Graham devia ser o fornecedor do campus.

– Você não sabe com quem está lidando – disse ele, nervoso.

– Você está me ameaçando, Tim?

– Não é comigo que você tem que se preocupar.

Eu sabia de quem ele estava falando. Iria atrás do cara depois. Peguei um DVD que tinha caído no chão e guardei no meu bolso.

– Você não tem o direito de pegar nada.

– Você quer esperar aqui com ele, Suzy, enquanto eu ligo para a polícia e explico a situação? – perguntei.

– Não, não faz isso! Vamos chegar num acordo.

– Comece a falar.

– A coisa toda era para ser uma piada.

– Que bela piada.

– Bom, não uma piada. Era para se vingar do pai da Hannah. Ela sempre falava dele. A gente só ia dar um susto nele, sabe?

– Não, não sei.

– Laura me pediu para chamar uns caras para ajudar.

– E você concordou.

– Laura disse que ia me retribuir, sabe? Fazer valer a pena.

Ele me deu um aceno conspiratório. Senti vontade de enfiar o punho na cara dele.

– Então era para tudo isso ser uma piada elaborada. Hannah se vingando do pai. O que deu errado? Como a minha afilhada foi parar no hospital?

Graham se levantou da cama, erguendo as mãos.

– Como eu falei, não era para Chloe estar lá. Laura levou um cara junto. Um cara barra-pesada.

Eu tinha uma boa noção de quem o “cara” era e também sabia quem o tinha apresentado para Laura Skelton.

– Junta essas coisas – pedi para Suzy.

– Ei, cara, espera aí.

– É “Sr. Carter” para você.

– Eu disse tudo o que sabia! – Graham olhou para as drogas, ansioso. – Eu preciso vender isso.

– Não, não precisa.

Suzy abriu um saco que estava no chão e colocou as drogas dentro.

– Eu preciso vender para pagar pela mercadoria. Você sabe como isso funciona. Eles vão me matar.

– Talvez... – respondi.

– Merda – queixou-se Graham. Achei que ele fosse começar a chorar de novo.

– Onde está Laura Skelton agora? – perguntei.

– Eu não sei. De verdade. Ela não foi vista desde ontem. Ninguém sabe onde ela está.

– Vamos – disse para Suzy e saí pela porta.

– Eles vão me machucar! – gritou Graham.

– É bom se acostumar – disse Suzy e deu um chute bem no saco dele.

O garoto realmente não devia ter chamado ela de cadela.

capítulo 92

– Para onde vamos agora, sr. Carter? – perguntou Suzy, com uma deferência bastante irônica.

Parei por um instante e olhei para ela.

– O quê? – perguntou Suzy, confusa com a minha expressão.

– Eu fui um completo idiota.

Voltei correndo pelo corredor e entrei no apartamento que Chloe compartilhava com Hannah e Laura. Encontrei o roupão que ela estava usando mais cedo no chão do seu quarto. Aquilo confirmou o que eu tinha percebido de repente. Senti o cheiro do algodão.

– Dan, você vai me dizer do que isso se trata ou devo considerar que você é um pervertido? – perguntou Suzy.

Eu joguei o roupão para ela.

– Está sentindo esse cheiro?

– Perfume?

– Chanel número 5.

Suzy aproximou o roupão do rosto e sentiu o cheiro de novo.

– Acho que você tem razão.

Eu sabia que tinha razão. Tinha gastado uma nota comprando aquele perfume para a minha ex-mulher no decorrer dos anos.

– Eu não pensei que Hannah fosse desse tipo – falou Suzy.

– Ela não usou isso – respondi. – Veja o colarinho.

Ela olhou para uma leve mancha vermelha. – Batom.

– Certo.

Eu sabia exatamente quem usava Chanel número 5, a cor de batom que deixaria aquela marca e que também insistia em me chamar de “Sr. Carter”. Lembrei da mão com a qual ela tinha acariciado a bochecha de Hannah Shapiro. Não foi o gesto maternal que eu tinha imaginado.

Foi a carícia de uma amante.

capítulo 93

QUINZE MINUTOS DEPOIS, NÓS ESTÁVAMOS em frente à tela de computador de Adrian Tuttle.

Adrian passou a mensagem de celular dos sequestradores por um sequenciador de áudio e mostrou um trecho na forma de um gráfico de onda sonora.

Embaixo do primeiro gráfico ele passou outra mensagem gravada, que gerou outra imagem. Essa foi a gravação da vez em que Hannah me ligou sem a distorção de voz. Exatamente a mesma frase. Adrian alinhou os dois gráficos e eles combinaram perfeitamente.

Se eu fosse um contorcionista bom o suficiente teria dado um chute no meu próprio traseiro. Eu fiquei me perguntando o que tinha mudado entre sábado à noite e domingo de manhã e me dei conta do que era.

Harlan Shapiro estava a caminho.

Eles não acharam que ele viria, devido ao seu histórico. Quando ele veio, os objetivos foram alterados. A única pessoa para quem eu tinha dito que ele estava vindo, além do nosso pessoal, tinha sido a professora Annabelle Weston.

Tamborilei os dedos na mesa, pensando. Ela tinha me dito que estava partindo para uma conferência. Aquilo era mentira. Era óbvio que ela estava transportando Harlan Shapiro para algum lugar. E onde estava Laura Skelton?

Liguei para Del Rio e pedi para falar com Hannah. A voz dela estava triste, deprimida.

– Eu sei o que está acontecendo, Hannah – falei. – E sei que você teve os seus motivos.

– Você não sabe nem a metade!

– Eu sei que não. O que aconteceu com você foi terrível.

– Terrível? – Ela riu, mas o som foi tudo menos alegre. – Você realmente não sabe de nada, sabe?

– Eu sei sobre você e a professora Weston, Hannah. Eu sei que ela se aproveitou de você.

Ela riu de novo. Foi um som quebradiço.

– Ela não se aproveitou de mim. Eu a amo, Sr. Carter.

– Ela era a sua tutora.

– Ela era minha tutora, minha conselheira, minha amante e minha amiga! E eu não espero que você entenda.

– Nós precisamos saber onde ela está. Precisamos recuperar o seu pai com segurança.

– É exatamente disso que nós *não* precisamos. O milhão de libras era para isso. Eu nunca ia voltar para casa.

– Então o que mudou?

Hannah hesitou. Não estava mais tão estridente.

– Nós decidimos que não era o suficiente. Achamos que 5 milhões era melhor.

Eu duvidei que ela tivesse achado qualquer coisa. Hannah era só um peão no jogo de outra pessoa. Senti simpatia por ela, pelo menos nesse sentido.

– Então onde eles estão agora, Hannah? – perguntei, incisivo. – E por que você não está com eles?

– Planos mudam.

Eu a imaginei do outro lado da linha, com o telefone preso entre o ouvido e o ombro, esfregando o pulso machucado. Lembrando de como as coisas tinham mudado subitamente para ela.

– Eles machucaram você, Hannah? – perguntei num tom ameno. – Eles não podem sair impunes. Eles não podem machucar o seu pai.

– O meu pai me machucou. – A voz era quase um suspiro. Por baixo de toda a maquiagem, roupas e feminilidade que ela mostrava para o mundo, no fundo Hannah ainda era uma garota pequena e assustada. Uma garota que eu tinha prometido proteger... e falhei.

– Eu sei que ele a machucou – disse. – E ele sente muito. Harlan arriscou a própria vida por você hoje. Se ele pudesse voltar no tempo, teria feito tudo de outro jeito.

– Não estou falando dele não ter pagado o resgate, Sr. Carter. Não estou falando dele ter deixado a minha mãe ser estuprada e massacrada.

A voz de Hannah tinha ficado dura de novo e eu senti os pelos da minha nuca se arrepiando.

– Ele costumava entrar no meu quarto, Sr. Carter. À noite. *Nós precisamos um*

do outro, ele dizia. *Agora somos só nós dois*... E ele me machucava.

Apertei o celular com força.

Pelo visto, eu estava errado em relação a tudo.

capítulo 94

PEDI PARA ADRIAN ACESSAR O registro de funcionários da Chancellors.

Annabelle Weston tinha se formado originalmente na Universidade de Cambridge, mas fez seu mestrado em Harvard.

Liguei de novo para Jack. Ele ainda estava enfiado num hotel sob vigilância do FBI, mas ainda tinha um celular e uma equipe trabalhando 24 horas. Relatei as novidades e, dez minutos depois, ele me ligou de volta. Eu não achava que o caso tinha algo a ver com os Estados Unidos, mas estava enganado. Tinha tudo a ver.

– Pedi para o meu contato no Homeland Security passar o nome de Annabelle Weston pelo sistema. Ela está na lista de observação deles.

– Por quê?

– Ela teve um relacionamento com um sujeito chamado Jesus Ferdinand. A mãe dele é Kareema Ferdinand, uma poeta e ativista política palestina exilada. Kareema estava visitando parentes na faixa de Gaza em 1987 quando a Primeira Intifada começou. Ela ficou por lá para protestar contra a ação armada, incitando os palestinos a protestar pacificamente. Na véspera de Natal de 1987, seus esforços fizeram com que ela fosse assassinada. O atirador mascarado que disparou contra Kareema, enquanto ela voltava para casa, nunca foi identificado.

– Israelenses?

– Foi isso que os palestinos alegaram. Mas a maioria das pessoas acha que ela foi morta pelo próprio povo, por colaborar com as forças israelenses.

– Irônico.

– Não é? Mas o filho dela na América, Jesus, culpa os israelenses. Ele se converteu para o islamismo e se radicalizou. No decorrer dos anos, acabou se tornando o principal suspeito em diversos incidentes. Nunca provaram nada.

– E a professora Weston? Continuou o relacionamento com ele?

– Sim. Ele foi morto no ano passado quando fuzileiros israelenses abordaram um navio tentando furar o bloqueio e levar ajuda humanitária para Gaza.

– Então ela está atrás de vingança?

– Ela ficou sabendo quem Hannah era, quem o pai dela era... parece que é hora da retribuição.

– Ela está operando sozinha?

– Nossa inteligência diz que Jesus Ferdinand tinha ligações com o Hamas e outras organizações paramilitares.

– Merda.

– Você precisa recuperar Harlan Shapiro, Dan.

capítulo 95

A PROFESSORA ANNABELLE WESTON VIVIA NUMA casa luxuosa de dois dormitórios perto da Rua Marylebone High. Obviamente, não foi o salário da Chancellors que pagou pela propriedade.

Ela herdou uma fortuna com a morte do pai, um bilionário do petróleo e aço. Então ela não precisava de dinheiro... Isso foi o que mais me surpreendeu na coisa toda. Até Jack Morgan me dizer com o que Harlan Shapiro estava trabalhando antes dele ser capturado.

Apertei a campainha de novo. Nenhuma resposta.

Não achei que haveria.

Estava com Del Rio na frente da porta da professora e olhei para Hannah Shapiro, sentada com Sam Riddel no banco de trás do meu carro. Ela estava me encarando pela janela com uma expressão no rosto que eu não conseguia decifrar.

Em algum lugar dentro dela estava a garota que eu conhecia. Em algum lugar estava a mulher que ela tinha se tornado.

Eu pensei nas consequências dessa série de eventos. Pensei em Chloe, minha querida afilhada. Lembrei dos tubos presos no corpo dela. Lembrei da bandagem em torno da sua cabeça. Lembrei dos bipes dos monitores acompanhando os seus sinais vitais. Lembrei das pálpebras fechadas, dos olhos se movendo como se ela estivesse tentando encontrar o caminho de volta para casa em meio à escuridão. Lembrei da promessa que eu tinha feito para o seu pai enquanto ele morria nos meus braços.

Peguei o aríete policial e destruí a porta da frente de Annabelle Weston.

capítulo 96

DEL RIO ENTROU PRIMEIRO.

Ele segurou a pistola com as duas mãos, vasculhando a sala em busca de alvos hostis.

Soltei o aríete. O instrumento caiu com um baque pesado no piso de madeira polida, tirando algumas lascas do chão. Não me senti culpado.

Por sorte, nenhum alarme disparou. Ponto para os mocinhos.

Tapetes caros estavam espalhados pelo chão. Uma televisão pequena no canto. Dois sofás de couro vermelho e almofadas variadas. Passamos pela sala e entramos na cozinha, toda de cromo polido e madeira branca.

Uma porta aberta levava para o andar de cima, enquanto outra porta no primeiro andar estava fechada. Eu estava prestes a abri-la quando Del Rio balançou a cabeça e ergueu a pistola de novo.

Ele abriu a porta com um chute. Apenas um lavabo. Vazio.

No andar de cima, Annabelle Weston tinha convertido um dos dois dormitórios num pequeno escritório. A persiana que cobria a janela e a parede simples pareciam muito familiares. Foi ali que ela havia feito as gravações de Hannah.

Trinta minutos depois, tínhamos terminado a busca. Nada. Hannah também não podia nos dizer para onde a professora tinha ido. Ela não sabia.

Eu não sou um psiquiatra, mas pude ver como foi fácil manipular Hannah. Ela tinha uma visão muito negativa de homens. Um pai que a abandonou e se aproveitou dela das maneiras mais abusivas. Ela presenciou homens estuprarem e matarem sua mãe. Ela foi roubada do amor materno e cresceu numa casa onde passou a odiar o seu pai. Não seria difícil para uma mulher vibrante, carismática e linda como Annabelle Weston canalizar aqueles sentimentos para outras direções.

Não seria difícil para ela transformar a necessidade de amor da jovem em algo mais físico.

Annabelle Weston tinha deixado um notebook no escritório. Ela devia ter tanta

certeza de que Hannah não a trairia e que nós não seríamos espertos o bastante para ligar os pontos. Talvez ela tivesse pensado que estávamos atrás dela antes de descobrirmos. Ela sabia que encontramos uma testemunha e se escondeu.

Del Rio e eu não conseguimos passar pela segurança do notebook para acessar os arquivos particulares, então Adrian Tuttle teve a segunda noite daquele fim de semana estragada. Quinze minutos depois de ligar para ele, Adrian apareceu acompanhado da mulher com quem ele tinha saído para jantar. Cinco minutos depois, ele nos disse que também não conseguia furar a segurança.

A mulher que veio com ele, uma australiana tímida de 20 e poucos anos, pediu licença. Em menos de sessenta segundos, ela detonou os sistemas de segurança do computador da professora.

As bochechas dela ficaram vermelhas. Eu entendi o que Adrian Tuttle via nela. Ela tinha um sorriso legal, também. O próprio Adrian estava a observando, encantado.

– Eu disse que ela era boa.

– E você tinha razão. – Eu sorri para ela. – Adrian me disse que você acabou de terminar um doutorado nesse tipo de coisa.

– É – respondeu ela, corando de novo.

– O que você acharia de trabalhar para o setor privado? Por acaso nós temos uma vaga na divisão de computação forense.

– O salário é bom? – perguntou ela.

– Ah, sim – respondi. – Muito bom.

– Vou ter que pensar nisso, então.

Eu assenti.

– Ótimo.

Depois de quinze minutos vasculhando todo tipo de arquivo codificado, eu achei o que queria.

– Meu Deus! – falei em voz alta.

capítulo 97

MEIA HORA DEPOIS, NÓS ESTÁVAMOS sentados na sala de reuniões.

A tela mostrava a professora Annabelle Weston em seu escritório, no meio de uma sessão de aconselhamento.

Hannah Shapiro, sua estudante e paciente, se encontrava sentada na cadeira reclinável. A cabeça estava recostada, a boca ligeiramente aberta, com os olhos fechados, mas se movendo lentamente, como se estivessem buscando uma lembrança. E a voz da professora era doce, sedosa e soporífera. Plantava sementes com tanto cuidado e deliberação quanto um insurgente iraquiano montava uma bomba.

Peguei o controle remoto e pausei a gravação. Achei que Hannah já tinha visto o bastante. A jovem balançou a cabeça, passando o dorso da mão pelos olhos. Lágrimas caíam por suas bochechas.

– Por que alguém faria uma coisa dessas? – perguntou ela.

Não respondi. Eu sabia exatamente por que Annabelle Weston havia feito aquilo. Ela tinha pegado uma jovem que já era vulnerável e a destruído emocionalmente. Para que pudesse reconstruí-la e transformá-la numa ferramenta.

É o que os cultos fazem, é o que os regimes opressivos fazem... Quebrar a personalidade de uma pessoa, sua individualidade, e moldá-la para se tornar parte de uma máquina.

– Então ele nunca fez nada daquilo?

– Não – respondi. – Você estava num estado intensificado de sugestão. Ela a conduziu por uma série de pensamentos que não eram seus até uma conclusão que era inteiramente dela.

– Foi tanto tempo atrás, eu tinha 13 anos. Não conseguia me lembrar exatamente, porque... – A voz dela se perdeu.

– Era com isso que ela estava contando. Você tinha todos aqueles sentimentos ruins por causa do que aconteceu com a sua mãe, das partes que você se

lembrava. Ela levou você a pensar que o abuso tinha acontecido, mas que você tinha afastado das suas lembranças porque não conseguia encarar.

– Isso se chama Síndrome da Falsa Memória, Hannah – explicou Sam. – É uma forma de lavagem cerebral.

– Ela me usou.

A tristeza na voz de Hannah era de partir o coração. Ou teria sido, se eu não tivesse pensado em Chloe.

– Você e o seu pai tinham problemas sérios e foi isso que ela explorou. Questões de abandono, de traição. Você tinha muita raiva. Aos seus olhos, ele era responsável pelo que aconteceu com a sua mãe. Afinal, aos 13 anos as coisas podem parecer muito preto no branco em termos morais.

– A culpa *foi* dele! Ele se recusou a pagar o resgate. Era uma ninharia e ele não fez nada!

– Ele pensou que estava fazendo a coisa certa, Hannah. Ele contratou Jack Morgan.

– Que chegou lá tarde demais!

– Ele salvou você.

– Talvez tivesse sido melhor se eu morresse.

– Não, não seria. Naquela época, Jack Morgan não tinha os recursos que nó temos agora. Ele estava sozinho.

– Então o meu pai deveria ter ido atrás da polícia.

– Você sabe quais são as estatísticas de sobreviver a um sequestro, mesmo se o resgate for pago?

Hannah balançou a cabeça.

– Não são boas, Hannah. O seu pai assumiu a retórica nacional: não se negocia com terroristas.

– Eles não eram terroristas.

– Eles apontaram uma arma para a sua cabeça e a cabeça da sua mãe e ameaçaram matá-las se ele não pagasse o resgate. Você tem uma palavra melhor para o que eles fizeram?

Ela baixou os olhos de novo, absorvendo a coisa toda. Annabelle Weston tinha sido uma segunda mãe para ela. Ela foi traída novamente. Hannah ergueu os olhos, o rosto molhado de lágrimas de novo.

– Eu acreditei nela.

– Eu sei, Hannah. E ela vai pagar por isso, eu prometo.

– E você sempre cumpre as suas promessas!

– Eu tento.

– Você prometeu que ia cuidar de mim.

– E é isso que eu estou fazendo. Você sabe a verdade, Hannah. Pelo menos você tem isso. O que você faz com ela agora é sua decisão.

Hannah assentiu, endireitando-se, e olhou para mim com algo nos olhos parecido com determinação.

– Certo.

capítulo 98

– Na primeira gravação você estava encenando. Na segunda não. O que aconteceu?

– Annabelle... – Hannah se conteve, o nome pareceu ter gosto de cinzas na sua boca. – Ela me manteve no apartamento. Ela voltou animada com a notícia de que o meu pai estava vindo.

Assenti. Foi o que eu tinha deduzido.

– Ela fez algumas ligações. Pouco tempo depois, algumas pessoas vieram.

– Quem?

– Eu não sei. Uma mulher de burca e dois homens. Mas eles eram respeitosos com a mulher de burca. Eram como guarda-costas.

– E o que disseram?

– Não sei. Todos eles conversaram em árabe. As mulheres, pelo menos. Os homens não disseram nada. Aí eles me amarraram, de verdade dessa vez, e me deixaram no escritório de Annabelle. Ela não falou comigo de novo.

– E você não se lembra de mais nada?

– As mulheres se abraçaram quando eles chegaram. Foi um abraço demorado, não parecia que elas tinham acabado de se conhecer. Parecia mais do que um cumprimento normal.

– Como amantes, você diz?

Hannah deu de ombros, ruborizada.

– Talvez – respondeu baixinho.

– E ela disse algum nome?

– Ambas disseram a mesma coisa.

– O quê?

– Parecia “cut min holby”.

– Holby?

– Algo do tipo.

– Kht Mn Qlby? – perguntou Del Rio, falando pela primeira vez em bastante

tempo.

capítulo 99

HANNAH OLHOU PARA DEL RIO.

– Pode repetir?

– Kht Mn Qlby – disse ele e Hannah assentiu.

– É isso. Foi isso que elas disseram.

– O que significa? – perguntei para Del Rio.

Ele deu de ombros.

– “Irmã do Meu Coração”, algo do tipo.

– Parecem amantes para mim – comentou Sam.

Del Rio resmungou. Eu olhei para Hannah. Ela estava passando por um conflito interno. Tinha se apaixonado por Annabelle Weston e agora descobria que fora traída da pior forma possível.

– Ela disse que nós ficaríamos juntas quando isso tudo terminasse. Ela disse que teve que me amarrar porque as coisas tinham mudado. Mas falou que me amava, que viria me buscar.

– Acreditar que alguém ama você não é o pior crime do mundo, Hannah.

Se Hannah me escutou, não deu nenhum sinal.

– E o tempo todo tinha outra pessoa.

– Talvez não.

Fui até o telefone e requisitei uma conferência de vídeo com o criminalista-chefe da Private, Seymour Kloppenberg, apelidado de Dr. Science, ou simplesmente “Sci”. Depois de alguns instantes olhando para uma tela escura, surgiu a imagem de Sci sentado em seu escritório.

– O que posso fazer por você, Dan? – perguntou ele.

– Annabelle Weston teve um relacionamento com Jesus Ferdinand...

– Hum...

– Você pode verificar os registros para ver se ele tem algum parente vivo?

– É claro.

As mãos de Sci voaram pelo teclado com sua velocidade experiente.

Depois de alguns instantes, o doutor respondeu:

– O pai dele morreu alguns anos atrás e... – Ele virou o monitor em nossa direção, pressionou algumas teclas e o rosto de uma mulher encheu a tela.

Tinha cerca de 30 anos e olhos amendoados. Sua pele tinha cor de caramelo. Estava usando um cachecol enrolado no pescoço.

Ela era linda.

– A irmã dele, Mary Angela Al-Massri.

O doutor pressionou mais algumas teclas e a imagem foi substituída por dados biográficos.

– Ela está morando na Inglaterra e é casada com um membro da Delegação Geral Palestina do Reino Unido.

capítulo 100

AS MÃOS DE SCI SE moveram pelo teclado como um borrão novamente.

– Acabei de enviar os dados para o seu e-mail.

– Obrigado, Sci.

– De nada. Até o cientista ser recuperado, nós estaremos aqui 24 horas por dia, sete dias por semana.

Um macaco entrou na visão da câmera e pulou no colo de Sci. Ele acariciou a cabeça do animal com afeição. Em seguida, pressionou uma tecla e a tela ficou escura de novo. Este é outro aspecto dos americanos que eu aprecio. Eles desligam na sua cara. Não há necessidade de despedidas. Há um trabalho a ser feito. Vá fazê-lo.

Abri os dados que ele enviou. Mary Angela era uma mulher linda.

– "Irmã do coração dela", dissera Mary Angela. O irmão dela era o coração de Annabelle. E era quem ela amava.

Passei pelos dados na tela.

– A delegação fica em Hampstead.

– É uma embaixada? – perguntou Sam.

Balancei a cabeça.

– Mais ou menos. Mas a Palestina não é um estado independente. Então eles têm o mesmo tipo de atividades, mas sem nenhuma força política real. Basicamente serve para representar os interesses da OLP e da ANP.

– Nenhuma imunidade diplomática – disse Del Rio, tocando o cerne da questão.

– Então o que faremos? – perguntou Suzy.

Continuei lendo as informações.

– O marido de Mary Angela, Youssef Saad Al-Massri, é um tradutor que trabalha na delegação.

– Tradutor?

– Pelo menos oficialmente. Quem sabe? Pode ser do Hamas.

– Eu não acho – falou Del Rio.

– Por quê? – perguntei.

– A maneira pela qual essa coisa toda foi conduzida. Oportunista. Reativa. Mudando objetivos conforme a situação mudava.

– E?

– Se o Hamas estivesse por trás disso, ou a Jihad Islâmica Palestina, ou a Brigada dos Mártires de Al-Aqsa, ou qualquer um desses grupos... você realmente acha que Hannah estaria sentada aqui? – questionou Del Rio.

Olhei para Hannah, ainda em estado de choque, sem muita percepção do seu entorno, os braços em volta do próprio corpo, e entendi o raciocínio de Del Rio. Ela nunca teria sido encontrada. Certamente não viva.

– Então nós não estamos lidando com um dos jogadores principais?

Del Rio balançou a cabeça.

– O que é bom, certo? – perguntou Lucy.

Eu olhei para ela e forcei um meio sorriso, recordando o que tinha acontecido quando sequestraram a garota e sua mãe no passado.

– É – menti. – É bom.

Talvez fosse. Talvez ainda tivéssemos tempo.

Virei para o monitor e passei pelos dados.

– O marido de Mary Angela mora fora da cidade.

– Onde?

– Moor Park. Oeste de Londres, um espaço pequeno entre Northwood e Rickmansworth, uma das zonas imobiliárias mais ricas do país.

O serviço de tradução paga bem melhor do que eu imaginava.

– Eles ainda não sabem que descobrimos o seu envolvimento, mas devem estar supondo que seja uma questão de tempo, então a minha sugestão é invadir a casa em Moor Park.

– E quanto ao prédio da delegação? – perguntou Sam.

– Não estou preocupado. Como Del Rio disse, é mais provável que esta seja uma operação independente. Mas vou ligar para Brad Dexter e mandar uma equipe vigiar o lugar e ficar de olho nas pessoas que saírem.

Peguei as chaves de cima da mesa.

– Se ele não estiver em Moor Park, nós voltamos e entramos. Eles não têm imunidade, lembrem-se. Não da lei e certamente não de nós.

– Espere um pouco, senhor – pediu Lucy.

– O que foi?

– Está nos noticiários. A Westway está fechada e a North Circular estão entupidas. O trânsito seguindo para o oeste está parado.

– Não tem problema, Lucy – falou Sam. – Nós não vamos dirigir. Estamos com um pouco de pressa.

Seu rosto estava tão impassível quanto os das estátuas de pedra da Ilha de Páscoa, mas eu percebi pela sua voz que ele estava se divertindo.

Canalha.

capítulo 101

ANTES EU DISSE QUE LONDRES é uma cidade linda.

E é. Mas foi projetada para ser vista do solo, de onde a pessoa pode erguer os olhos para a mistura gloriosamente eclética da arquitetura georgiana e dos arranha-céus futuristas. Mas do nosso ponto de vista aéreo, enquanto o helicóptero se inclinava mirando o oeste, a vista lembrava mais o cenário de *Blade runner.*

A Private tinha um heliporto no teto do prédio. Civis não tinham permissão para ter heliportos nas metrópoles, mas nós tínhamos contratos com a polícia e o exército, o que nos dava certos privilégios.

Sam Riddel tinha um brevê de piloto que lhe permitia pilotar uma série de aeronaves, incluindo a que estávamos usando. Eu achava que ele não conseguiria ler a minha expressão. Tinha pintado o meu rosto de preto, assim como Suzy e Del Rio, que estavam atrás de mim. Estávamos vestindo uniformes militares pretos. Já era noite e, felizmente, as nuvens estavam bloqueando a lua cheia.

Eu tinha decidido que uma equipe pequena seria a melhor opção. Furtividade em vez de uma demonstração de força. A escolha errada poderia custar caro. E talvez a conta fosse para Harlan Shapiro. Essa não era uma opção. Lucy veio conosco para puxar a corda e Hannah foi deixada para trás, no escritório. Dois seguranças a acompanhavam, caso a garota decidisse mudar de lado de novo.

Ignorei o sorriso provocador de Sam e mantive o olhar fixo à frente. Lá embaixo o trânsito estava engarrafado como Lucy avisara, mas a viagem foi incrivelmente suave, por sorte havia pouco vento.

Em muito pouco tempo, completamos a viagem de 40 quilômetros e estávamos sobrevoando Moor Park.

Normalmente um helicóptero sobrevoando uma área residencial poderia ter causado uma certa curiosidade, mas havia uma base militar imensa por perto, cuja maior parte era subterrânea. A HMS Warrior, sede de uma estrutura de comando de forças militares internacionais. Foi o centro de comando da guerra

das Malvinas e também da base da Força Aérea dos Estados Unidos. Helicópteros naquela região são uma ocorrência bastante comum.

Quando passamos por cima da casa, apontei o dispositivo de imagem térmica para a propriedade. O local assumiu o verde escuro familiar dos dispositivos de visão noturna, mas pequenos pontos vermelhos apareceram, indicando a faixa de calor de seres humanos. Contei seis. Quatro se movendo no andar de baixo e dois imóveis no de cima. Supus que as pessoas em cima fossem Harlan Shapiro e o seu vigia. Torci para que fosse isso mesmo. Pelo menos significaria que ele estava vivo.

O helicóptero se inclinou de novo. Eu odiava quando aquilo acontecia e tinha certeza de que Sam fazia de propósito. A casa do tradutor palestino era separada das outras, numa pequena rua particular que terminava no Campo de Golfe Moor Park, estabelecimento famoso por sediar o campeonato de golfe Humana Challenge, mas mais notável ainda pelo fato da construção principal ter servido de residência, junto com o Hampton Court Palace, para o Cardeal Wolsey, súdito de Henry VIII, cujo nome foi adotado pela universidade para a qual Harlan Shapiro tinha enviado sua filha para ficar em segurança.

Não deixei de perceber a ironia.

Sam manobrou o helicóptero para nos deixar numa posição aérea estável. Lucy abriu a porta e jogou a corda preta comprida, com uma das pontas bem presas do lado de dentro. Pelo menos eu esperava que aquela merda estivesse bem presa.

Del Rio verificou se a sua pistola estava firme no coldre e desceu primeiro, agarrando a corda e deslizando para baixo com a facilidade de um bombeiro escorregando pelo poste de emergência.

Eu era o próximo. Coloquei a presilha de segurança na corda, verifiquei a trava e respirei fundo. Nesse fim de semana eu estava realmente trabalhando duro pelo meu salário. Mas eu tinha treinamento em rapel. Só porque não gostava daquilo não significa que era incapaz de fazê-lo. Eu não disse “gerônimo”, falei algo muito menos alegre e dei um passo para fora, descendo pela corda aos poucos. O final da corda ainda estava a uns 2 metros do chão quando eu soltei.

O alvo que nós escolhemos era o 17º buraco do percurso oeste. Um jogo para quatro tacadas, cercado por árvores. Suzy bateu no chão a alguns metros de mim. Menos de trinta segundos depois, nós três alcançamos o conforto da terra firme.

Olhei para o estrago que o nosso pouso causou no chão e supus que o jardineiro

da manhã fosse ficar chateado.

Fiz sinal para os outros e seguimos em frente. A casa estava a uns 90 metros de distância, atrás das árvores. Nenhum alarme, sirene ou grito enquanto avançávamos para um ponto encoberto.

Até agora tudo bem.

Um movimento atrás de mim. Virei tarde demais.

Caí como uma árvore cortada.

capítulo 102

QUANDO ACORDEI, DESCOBRI QUE NÃO conseguia me mover. As minhas mãos estavam amarradas atrás das costas, presas numa cadeira de madeira. Suzy e Del Rio estavam ao meu lado em condições similares.

Minha cabeça doía como se eu tivesse caído em cima dela depois de saltar do helicóptero. Mas eu estava vivo e consciente. Acho que o meu crânio é um pouco mais resistente que o de Chloe, o que era estranho. Os crânios femininos costumam ser um pouco mais grossos do que os masculinos. Talvez o meu agressor não fosse tão bom quanto o de Chloe.

Nós estávamos na sala de uma casa luxuosamente decorada. Havia cores em todos os cantos. Dourados, vermelhos e verdes. Nos carpetes caros que cobriam o chão, nos papéis de parede, nas cortinas abertas que revelavam janelas francesas com vista para um jardim extenso e nos móveis estofados com requinte.

Ergui a cabeça e olhei para Suzy e Del Rio, estremecendo com a pontada de dor na nuca.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Você foi atingido por um taco de golfe.

– E vocês dois?

– Apareceram pessoas com armas semiautomáticas. Um monte delas. Pensamos que seria educado da nossa parte obedecer às suas instruções.

– É difícil discutir com uma AK-47.

Del Rio assentiu.

– Verdade.

– Então qual é o plano?

– Nenhum até agora.

Foi quando Harlan Shapiro entrou na sala.

capítulo 103

A BOCA DE HARLAN SHAPIRO ESTAVA coberta com fita adesiva e ele tinha as mãos presas acima da cabeça.

Ele foi seguido por Annabelle Weston, que segurava uma arma, e uma mulher vestindo uma burca.

– Então foi a professora com o revólver na sala de estar – disse.

– Sente-se ali. – Annabelle disse para Harlan, ignorando o meu comentário e gesticulando com a arma na direção de uma cadeira de couro vermelha com um encosto alto.

Harlan Shapiro atravessou a sala e se sentou. Do lado de fora, um homem grande com um uniforme preto e um cachecol enrolado na cabeça passou pelas janelas francesas.

Mujahedin contratados para serem seguranças. Vizinhança bacana.

– E você deve ser Mary Angela – disse, voltando-me para a mulher de burca. – É uma pena ter que se cobrir, você tem olhos lindos.

A mulher ergueu a mão e tirou parte da vestimenta cobrindo a sua cabeça, balançando os cabelos lustrosos. Ela olhou para mim e sorriu.

– É muito gentil da sua parte dizer isso.

Devo ter demonstrado alguma surpresa, pois o sorriso dela ficou maior.

– Ah, eu só visto isto quando convém.

– E essa é uma bela casa. O Sr. Burca deve receber bem por suas habilidades de tradução.

– *Eu* sou a proprietária da casa, Sr. Carter – disse Annabelle Weston.

É claro que ela era.

– Por favor, me chame de Dan – falei. – Sinto que estamos perdendo o nosso vínculo, Annabelle.

– Estou certa de que você é um homem muito charmoso, Dan. Você é bonito, claramente cheio de recursos, mais inteligente do que finge ser. – Annabelle deu de ombros. – Eu não sei, talvez em outra vida.

Não gostei de como aquilo soou.

– Eu gosto bastante desta vida – falei, torcendo para que a minha voz aparentasse firmeza.

– Eu não tenho nenhuma intenção de ferir você. Ninguém precisa se machucar aqui.

– Diz isso para o sujeito que usou a minha nuca de bola de golfe.

Annabelle franziu o cenho.

– Peço desculpas por isso. Não era para ter acontecido. É um membro da minha equipe que está meio irritado com você. Ele foi repreendido.

– Parece que já aconteceu antes. Vezes demais.

– Volto a dizer, essa nunca foi a nossa intenção.

– Então qual é a sua intenção? – perguntou Del Rio. Eu vi o maxilar dele se contraindo com mais força do que o normal. Suas mãos estavam flexionando e relaxando atrás da cadeira, tentando afrouxar a corda.

– Como eu disse... ninguém vai se machucar se vocês cooperarem.

– Então qual é a meta? Cinco milhões foi só para fazer a bola começar a girar, nós sacamos isso. Qual é o número? – perguntou Del Rio.

– Nunca se tratou de dinheiro.

– Então do que isso se trata, sua vadia maluca? – perguntou Suzy com a voz calma, o que não deve ter ajudado a situação.

– Trata-se de justiça – respondeu Mary Angela Al-Massri.

– Pelo seu irmão?

– Não, Sr. Carter. Pela Palestina.

– E o seu marido acha que isso vai ajudar?

– O meu marido não tem nada a ver com isso. Neste momento ele está numa conferência em Bruxelas.

– Então vocês duas decidiram resolver o problema da Palestina sequestrando um milionário americano e exigindo o que pelo resgate dele? Que Israel permita o estabelecimento de uma cidade-estado, simples assim?

– Nós não temos a intenção de liberá-lo. Ainda não, pelo menos.

– Então qual é o sentido?

– Por mais de mil anos, a nossa terra foi tirada de nós para criar o estado de Israel. Um crime no qual tanto a América quanto o Reino Unido foram cúmplices.

Reparei no guarda passando de novo. Ele devia fazer uma patrulha constante pela propriedade.

– Eu estou bem familiarizado com os argumentos. Terrorismo não é a solução.

A professora bufou com desdém.

– Você não sabe nada sobre isso. As pessoas recorrem ao que você chama de terrorismo quando elas não têm outra escolha. Israel tem um arsenal nuclear e os palestinos têm estilingues.

Mary Angela se aproximou e pegou a arma da professora, mantendo-a apontada para Harlan Shapiro. Ficou óbvio que ela estava no comando.

– Você sabe o que Gandhi disse sobre a situação, Sr. Carter? – perguntou ela.

Encolhi os ombros o melhor que pude, dado que tinham me amarrado com firmeza.

– "Temos sotaques diferentes, mas vamos deixar tudo de lado?"

Mary Angela não sorriu. Plateia difícil.

– Ele disse que a "Palestina pertence aos árabes no mesmo sentido que a Inglaterra pertence aos ingleses ou que a França pertence aos franceses. Nada pode ser dito contra a resistência árabe no contexto dessa adversidade esmagadora". E este não é um ato de religião. É um ato de paz.

– Estou meio confuso – falei. – Isso que você está segurando me parece uma arma, não um ramo de oliveira ou uma banana.

Eu queria mantê-la falando. Pelos meus cálculos, o guarda já deveria ter passado de novo e ele não tinha.

– O único jeito de levar paz para aquela região do Oriente Médio é por meio da igualdade – falou Annabelle Weston, com paixão faiscando nos seus olhos turquesa.

– Tudo o que os palestinos podem fazer contra a transformação de parte do país deles num campo de concentração é atirar pequenos foguetes sobre a fronteira da faixa de Gaza.

– E sequestrar Harlan Shapiro resulta no quê, exatamente?

Mary Angela olhou para mim e sorriu. Não me senti reconfortado.

– Resulta nos foguetes sendo direcionados, Sr. Carter.

capítulo 104

A FICHA CAIU.

Jack tinha me dito que Harlan Shapiro estava trabalhando em sistemas localizados de orientação de mísseis.

– E não só pelas fronteiras até Israel. O nosso povo teve que recorrer ao uso de homens-bomba para atingir áreas alvo. Pessoas preparadas para se sacrificar à causa porque não havia outra forma de direcionar mísseis pequenos para um alvo específico.

A professora sorriu para mim. Não me senti melhor.

– O pai de Hannah está desenvolvendo um sistema que pode rastrear um celular. Isso quer dizer que o míssil pode ser ativado com uma ligação. O homem-bomba nem precisa estar presente.

Ela tinha razão. As implicações eram enormes. Qualquer lugar poderia ser atingido. Se não fosse necessário passar explosivos pela segurança, carros-bomba seriam dispensáveis e os atacantes poderiam, como ela disse, simplesmente criar destruição com um toque.

E não pararia por ali. Se essa tecnologia chegasse às mãos da Al-Qaeda, quem sabe o que poderia acontecer? O objetivo deles não é só remover Israel do Oriente Médio, é fazer com que o mundo inteiro se torne muçulmano. A Jihad não participa de negociações em conferências.

Olhei pela janela. Parecia que o guarda tinha crescido uns 4 ou 5 centímetros. Agora ele tinha mais ou menos a mesma altura que Sam Riddel.

Eu precisava criar uma distração. Levantei-me do melhor jeito que pude, com os joelhos dobrados.

Mary Angela Al-Massri apontou a arma para mim. Não havia humor nos olhos dela, por mais bonitos que fossem.

– Sente-se, Sr. Carter. Como eu disse, ninguém precisa se machucar aqui. Confie em mim, eu sou bem-treinada.

Treinada pelo Hamas, eu estava supondo, assim como o irmão dela. O que não

era nada bom.

Pulei para trás e me joguei contra a parede, quebrando a cadeira e soltando as amarras. Comecei a me levantar.

– Eu estou preparada para atirar em você.

– Acredite nela, Dan. Você não seria o primeiro – disse Annabelle Weston. O guarda entrou pelas janelas francesas e se voltou para mim.

– Se ele se mexer de novo, atire nele – gritou Mary Angela, assumindo um tom de voz mais bruto. Este é o problema com alguns ativistas da paz: os malditos estão sempre com vontade de matar alguém.

Eu me levantei e Sam Riddel jogou a arma para mim e ficou de lado. Apontei a arma para uma Mary Angela muito surpresa e sorri.

– Surpresa!

Ela avançou e encostou a arma na cabeça de Harlan Shapiro.

– Ele vai ser o primeiro a morrer.

Dei um único tiro em sua testa. Pelo visto, ela estava enganada.

capítulo 105

NO LADO DE FORA, EU senti o ar frio da noite no meu rosto.

Estava ciente dos homens uniformizados passando correndo por mim, com as suas armas erguidas. Força Aérea dos Estados Unidos, a julgar pelos uniformes. Eles estavam gritando, mas não consegui ouvir o que diziam. Eu estava dentro de uma bolha.

Estava me lembrando da beleza imaculada do rosto de Mary Angela Al-Massri. Seus olhos grandes, castanhos, hipnotizantes. Lembrei do som que a pistola fez e da beleza do rosto que eu destruí. Uma vida desaparecendo num instante.

Eu me apoiei numa árvore do jardim e vomitei.

Senti uma mão no meu ombro. Passei a minha própria mão pelos lábios e ergui os olhos. Era Del Rio.

– Você está bem?

– Vou ficar.

Ele assentiu, movendo o maxilar.

– Tem algo que eu preciso resolver antes – disse. – Fechar este caso.

– Precisa de ajuda?

Balancei a cabeça.

– As coisas vão ficar complicadas.

– Está tudo resolvido. Nós podemos cuidar dos detalhes depois.

– Como assim, resolvido?

– Jack Morgan tem braços compridos.

Concordei, aliviado. Aquilo era verdade.

– Vou perguntar de novo: você precisa de ajuda?

– Não, vou ficar bem.

Del Rio me deu um tapinha no ombro.

– Vou ajudar mesmo assim. Embora esteja imaginando que o seu colega que não mexe com armas não vai ser muito útil.

Eu aceitei, sentindo-me grato. Ele tinha razão.

capítulo 106

BRENDAN "SNAKE" FERRES VIVIA NO térreo de uma casa vitoriana reformada na Rua Lady Margaret, na fronteira de Kentish Town com o Tufnell Park.

Del Rio e eu estacionamos a uma certa distância e nos aproximamos a pé. As cortinas estavam fechadas na frente da casa, mas havia um pouco de luz saindo por um pequeno vão entre elas.

Gesticulei para Del Rio e passamos pela lateral da casa até o quintal dos fundos. A metade do quintal que não pertencia a Ferres estava limpa e bem-organizada. A outra metade estava em péssimas condições. Tropecei numa caixa de leite e me aproximei da porta lateral que levava para a cozinha.

Eu estava segurando o aríete com as duas mãos. Del Rio se posicionou no lado direito da porta e puxou a arma do coldre. A porta parecia frágil o suficiente para ser derrubada com um chute, mas eu não iria me arriscar. Balancei o aríete pesado de metal e atingi a fechadura.

Dei um passo para trás e Del Rio entrou correndo, apontando a pistola para todos os lados. Eu o segui quando ele correu pelo pequeno corredor na direção da sala. Fiquei recuado, larguei o aríete e saquei a arma que adquiri com Gary Webster.

Um grito veio do cômodo ao lado.

capítulo 107

ERGUENDO A ARMA, ABRI A primeira porta com um chute.

Apenas um quarto vazio. Esperei um instante e fiz o mesmo com a segunda porta. Outro quarto. Ninguém dentro. Soltei um suspiro de alívio e reparei que estava segurando o fôlego. Caminhei até a sala.

Del Rio estava encostado numa parede, tensionando os músculos do maxilar e apontando sua arma para Laura Skelton, encolhida no canto do sofá com os olhos arregalados de pavor.

Se algum dos vizinhos escutou o grito, não houve nenhum sinal. A menos que alguém estivesse ligando para a polícia, é claro. Mas não importaria se estivessem.

Eu mesmo já tinha ligado.

Tirei a mochila do meu ombro e a joguei nela.

– O que é isso? – Os olhos dela se alternavam entre Del Rio e eu.

– O fornecedor de Brendan na Chancellors faliu. Nós pensamos que talvez o seu namorado quisesse o material de volta.

Laura olhou dentro da mochila.

– Não estou entendendo.

– Você não precisa entender, querida – disse Del Rio. – Você não está mais no jogo.

– Passa o celular – pedi.

– Eu não tenho um celular.

– Você quer dar o celular para ele? – Del Rio ergueu um pouco a pistola. – Ou quer dar uma de valente, que nem a porra do seu namorado?

Ela tirou o celular do bolso e o jogou para mim. Guardei o aparelho no casaco. Em seguida, me agachei, arranquei o telefone fixo da tomada, chutei a caixa de junção e esmaguei as entradas com o calcanhar.

– Vocês não sabem com quem estão lidando. – Laura cruzou os braços e uma expressão petulante apareceu no seu rosto.

Ela era uma jovem atraente, não havia como negar. Mas havia uma dureza nos seus olhos tão feia quanto o hematoma em forma de tapa que ela tinha na bochecha. Brendan Ferres era bem valente mesmo.

– Onde ele está, Laura? – perguntei.

– Você quer atirar em mim, atira. Mas eu não vou me colocar entre você e Brendan.

Eu não podia culpá-la. E não me importava muito. Eu sabia exatamente onde ele estava.

– Nós vamos para o bar agora, Laura. Se avisar a ele que estamos indo, nós voltaremos e vamos fazer mais do que quebrar o seu telefone.

Se ela ficou intimidada com a ameaça, o pequeno sorriso em seu rosto disfarçou bem.

– Um conselho: se for encarar Brendan Ferres no bar de Ronnie Allen, você não vai voltar, valentão!

– Você vai ficar feliz em saber que Chloe Smith não está mais em tratamento intensivo. A expectativa é que ela se recupere completamente.

Uma emoção passou rapidamente pelos olhos de Laura. Um lampejo de medo.

– Aquilo não foi culpa minha. Não era para ter acontecido. Como é que a gente podia saber que ela ia se transformar numa porra de uma ninja maluca?

– Você está dizendo que ela mereceu?

A mesma expressão de novo.

– Só estou dizendo que não foi culpa minha. Não era para Brendan machucar ninguém.

Eu a encarei com frieza.

– Bem, ele machucou. E agora vai pagar pelo que fez.

– Se você tiver algum juízo, vai ficar longe dele.

Olhei para Del Rio.

– O que você acha, Del? Devemos ficar longe?

Ele flexionou um pouco os músculos do maxilar.

– Não – discordou. – Não faz o meu estilo.

Olhei para o meu relógio. Tinham passado pouco mais de 48 horas desde que tudo começou e já era hora de acabar com aquela história.

capítulo 108

FECHEI O ZÍPER DO MEU casaco.

– Por que você fez isso, Laura? Você é uma garota inteligente. Está numa universidade de primeira linha.

– Você tem ideia de quanto custa frequentar uma universidade hoje em dia? O tipo de dívida que você acaba acumulando?

– Um monte de gente lida com isso.

Os olhos dela se encheram de raiva. Laura tinha o tipo de beleza que torna as coisas da vida fáceis de se conseguir. Tinha facilidade em justificar as próprias ações para si mesma e usava esse senso exagerado de autovalor com a mesma facilidade que usava as calças jeans de grife.

– É, bom, eu também estava lidando com isso – falou ela. – Vendendo um pouco. Filmando um pouco. Aí Hannah me ofereceu dinheiro de verdade. Mesmo se o pai dela não desse o dinheiro, o que ela não esperava que ele fosse fazer, eu faria ela me pagar do mesmo jeito.

– Mortos e feridos à parte.

– Não era para ninguém se machucar! – gritou Laura. – O meu pai é um encanador, pelo amor de Deus! E eu não tenho dinheiro que nem Hannah, Chloe ou a maioria das pessoas na universidade. Eu não tenho privilégios. Eu só tenho dívidas. E ela tinha o poder de me livrar disso. Não foi uma decisão difícil. Além do mais, você sabe... – Ela encolheu os ombros, recompondo-se, com um sorriso cruel se formando nos lábios. – Era para ser divertido.

Gesticulei com a cabeça para Del Rio e saímos pela porta da frente. Ela não ia demorar a aprender o que era diversão.

Cinco minutos depois, estávamos de vigília no meu carro, estacionado do outro lado da rua e um pouco distante da casa dela.

Laura saiu usando uma jaqueta preta com a mochila pendurada no ombro. Ela se afastou de nós sem nem olhar em volta. Sem dúvida estava sob efeito de algo.

Laura caminhou por uns 20 metros antes da detetive Kirsty Webb sair de um

carro não identificado da polícia e prendê-la.

No que diz respeito a prisões, aquela não foi a captura de alta visibilidade que Kirsty estava tentando conseguir. Mas ela deve ter sentido alguma satisfação ao algemar Laura com pouca gentileza e empurrar a cabeça dela para entrar na traseira do carro. Como eu disse, Kirsty também gostava de Chloe.

Del Rio olhou para mim do banco de passageiro.

– Preparado? – perguntou ele.

Assenti, resistindo ao impulso de dizer que tinha nascido preparado.

– Vamos terminar logo com isso.

capítulo 109

Com o aríete, eu era capaz de abrir portas com três travas adicionais sem problemas. O porta-malas de uma BMW não era páreo e o alarme começou a espernear.

Estávamos no estacionamento na parte de trás da Turk's Head, mais ou menos um quilômetro de onde Laura Skelton tinha sido capturada e levada para um novo mundo de miséria.

Del Rio estava recostado na parede de tijolos do bar com sua compostura descontraída de sempre, a arma estendida ao lado da perna, vigiando a saída dos fundos.

Pouco tempo depois, um sujeito atarracado saiu pela porta, devia ter 1,75 metro de altura, com o peitoral da largura de um barril e um pescoço com o dobro da grossura do meu. Ele tinha um molho de chaves na mão.

– Que porra você acha que está fazendo? – ele me perguntou, sem acreditar direito no que estava vendo. Seus olhos estavam arregalados como um pug cheio de anabolizantes. Ele apertou o botão na chave para desativar o alarme.

– Ele disse que não tinha problema – falei, indicando Del Rio, que estava apontando a arma para o homem com pescoço de touro.

– Você sabe quem é o dono desse carro?

Assenti.

– Sei, sim.

O homem olhou para Del Rio, sua mão se contraindo. A protuberância embaixo do casaco revelou que ele estava armado. Devia estar calculando as chances.

– Eu não faria isso – alertou Del Rio.

O homem ergueu as mãos e deixou Del Rio pegar a sua arma.

– Ninguém vai culpá-lo por causa disso – disse para o pesadão. – Nós assumimos toda a responsabilidade.

Ele me encarou e abriu um sorriso. Não era algo bonito de se ver.

– Vai se foder – falou. – Está cavando a sua cova.

Vasculhei o porta-malas da BMW de Ferres e tirei o taco de beisebol que eu tinha certeza que estaria lá.

Era hora do show.

capítulo 110

O PESADÃO ENTROU NO BAR COM as mãos erguidas.

Não havia clientes. Ronnie Allen estava sentado em sua mesa de sempre com Brendan Ferres e o mafioso da Costa Leste, Sally Manzino, com sua gloriosa acompanhante.

Sentada ao lado de Brendan Ferres estava Rebecca Allen, a filha de Ronnie Allen, que estava noiva do homem cujo taco de beisebol eu tinha nas mãos. Ela era tão cheia de vida quanto eu me lembrava. Estava vestida para matar com uma calça jeans justa e uma blusa simples de decote baixo, os lábios na cor vermelho-sangue e os grandes olhos azuis reluzindo por baixo da massa de cabelos loiros que emoldurava seu rosto em forma de coração. Acho que ela gostou da aparência de Del Rio. O meu visual urbano sofisticado provavelmente não chamou a sua atenção. Rebecca sorriu e se recostou na cadeira para observar.

Brendan Ferres se virou para ver o que a fez sorrir e quase cuspiu a cerveja que estava tomando. Ele colocou o copo na mesa e puxou uma arma. O homem era rápido, isso eu admito.

– Fala para o babaca largar a arma, Carter – ordenou ele –, ou eu meto uma bala em você.

Abri um sorriso para ele.

– Acho que não, Brendan.

– Que porra você tá falando?

Ronnie Allen deu um tapinha no ombro de Brendan.

– Passa a arma, Brendan.

Ferres o encarou confuso por um instante e deu de ombros.

– Claro, chefe. Atira nele na barriga. Eu quero ver ele se contorcendo antes de morrer.

Mas Ronnie Allen apenas apoiou a arma na mesa. Agora Ferres parecia realmente perplexo.

– O que está acontecendo, Ronnie?

Rebecca Allen olhou para mim.

– Você trouxe o item que mencionou pelo telefone? – disse ela numa voz baixa, sensual, que me fez lembrar Marilyn Monroe.

Andei até a mesa e joguei o DVD que tinha pegado do estudante de mídia.

capítulo 111

O TÍTULO DO DVD ERA SNAKE *Charmer* e a capa mostrava Brendan Ferres e Laura Skelton nus. Eles estavam engajados num ato que não era ensinado no curso de estudos de mídia.

Ferres olhou para aquilo e o seu rosto perdeu toda a cor.

– Que porra é essa?

– O seu contato na Chancellors, Brendan. Laura e o estudante de mídia. Um pouco de grana extra para ele. Ele gosta de gravar filmes, sabia? Vídeos especiais. – Eu sorri de novo. – Às vezes as pessoas nem sabem que estão sendo filmadas.

Ferres balançou a cabeça.

– Teve algum mal-entendido – disse ele para Ronnie Allen. Sua língua passou rapidamente pelos lábios secos.

– Você me disse que não teve nada a ver com o que aconteceu com a afilhada dele – falou Ronnie Allen, com a voz macia.

– Foi um acidente.

– É, a cabeça dela ficou no caminho, seu verme – vociferei. – Você só estava praticando a tacada para tentar entrar no New York Yankees.

– Cala a porra da sua boca! – Ferres se voltou para Ronnie Allen. – Por que esse merda ainda está aqui?

– Porque eu o convidei – respondeu Rebecca Allen. Sua voz estava calorosa, amigável, mas os olhos tinham ficado gelados.

– Esse não sou eu! – Brendan gesticulou para a evidência irrefutável.

– Você conhece mais alguém que seja escroto o suficiente para tatuar o desenho de uma cobra no próprio pau? – perguntei.

Brendan Ferres olhou para mim. Seu rosto já não estava mais branco. Ele estava vermelho.

– Que se foda – disse ele, vindo para cima de mim.

Como eu disse, o homem era rápido.

Girei o taco, mas ele me alcançou antes de eu conseguir terminar o movimento. Brendan me agarrou num abraço de urso e me empurrou para trás, contra a parede.

Ele prendeu os braços ao meu redor e eu o segurei com a mesma força. Brendan estava grunhindo de fúria e não consegui me livrar do aperto.

– Você tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou Del Rio, gesticulando com a arma para me avisar que podia resolver a situação.

Eu não consegui falar. Filho da puta. Não consegui nem respirar, muito menos falar. Balancei a cabeça e enfiei o joelho na virilha de Ferres. Ele se moveu para o lado e gemeu, mas não afrouxou o aperto. Abaixei a cabeça e a levantei com força, acertando-o embaixo do queixo. Ele cedeu um pouco. Dei um passo para trás e enfiei a ponta do taco de beisebol com força no plexo solar dele.

Brendan dobrou o corpo e soltou um gemido entrecortado de dor. Afastei-me para recuperar um pouco o fôlego, com o meu peitoral dolorido, e girei o taco com toda a força acertando o joelho esquerdo dele.

Ferres desabou no chão. Tentou sugar o ar, a cara roxa, tentando apertar o joelho destruído com as mãos, como se pudesse prender os fragmentos de osso no lugar. Ele ergueu os olhos para mim, soltando um guincho pelos dentes cerrados.

– Por que você não acaba com ele?

Eu me virei. Rebecca Allen estava parada atrás de mim, observando seu noivo se contorcer em agonia no chão.

– Eu já terminei por aqui – falei.

– Se não acabar com ele, ele vai atrás de você e vai matá-lo – falou Del Rio.

Ele tinha razão. Eu já tinha matado antes, Deus sabe. Eu tinha matado naquela mesma noite. Enfiado um projétil de alta velocidade na testa de uma mulher linda. Não havia nada de lindo em Brendan Ferres. Nenhuma qualidade que o redimisse como um ser humano. O mundo seria um lugar muito melhor sem a presença dele. Imaginei Ferres girando o mesmo taco que eu estava segurando e atingindo a cabeça de Chloe. E me imaginei fazendo o mesmo com ele. Abrindo seu crânio como se fosse um coco.

Em vez disso, deixei o meu braço relaxar, apoiando a ponta do taco no chão.

Voltei-me para Del Rio

– Já terminei aqui – repeti.

– Eu não – falou Rebecca Allen e pegou o taco de beisebol da minha mão.

Olhei para o pai dela.

– Tudo bem entre nós? – perguntei.

– Tudo bem – respondeu ele.

Meneei a cabeça para Del Rio, que fez uma espécie de continência para Rebecca e, em seguida, me seguiu porta afora.

Por sorte, a porta fechou antes da gritaria começar com força.

Eu não achei que Brendan Ferres seria visto novamente. Não que aquilo fosse me custar muito sono.

Uma hora e meia depois, eu estava no hospital, tratando de três costelas quebradas.

Quando o médico se afastou, Chloe entrou na sala de tratamento e me abraçou.

Se havia lágrimas nos meus olhos, deve ter sido porque ela me abraçou um pouco forte demais.

capítulo 112

Manhã. Uma semana depois.

A DETETIVE KIRSTY WEBB FECHOU A porta do carro atrás de si.

Ela passou por baixo do cordão de isolamento policial que foi colocado novamente para manter o público fora do armazém em King's Cross. O mesmo armazém onde o desafortunado Jason Kendrick tinha feito uma descoberta macabra apenas uma semana atrás.

Agora havia duas portas de garagem abertas. A que Kirsty já tinha visto e outra, contígua. A equipe já tinha processado os inúmeros arquivos e caixas de papel que o falecido cirurgião Alistair Lloyd mantinha em sua garagem, o que levou à ligação entre ele e Edward Morrison, o dono do armazém original.

Descobriram que Morrison tinha feito parte do círculo, junto com o cirurgião e alguns outros. Eles ainda estavam compilando a lista. Adriana Kisslinger só conhecia alguns dos contatos do cirurgião.

Kirsty cumprimentou Adrian Tuttle com um aceno quando ele saiu do prédio com a câmera pendurada no ombro.

O interior do armazém havia sido transformado num quarto de criança. Uma criança bem jovem. Tinha uma colcha de desenho animado cobrindo uma cama para adultos e brinquedos de pelúcia por toda parte, incluindo um imenso urso panda. Também havia uma filmadora apontando para a cama, montada num tripé.

A Dra. Wendy Lee estava entregando alguns papéis que precisavam ser assinados para o chefe de Kirsty, o inspetor Andrew Harrington. Ela cumprimentou Kirsty com discrição ao passar, claramente apressada para ir embora. Kirsty não a culpava. Aquele lugar fazia a sua pele se arrepiar.

Em vez disso, colocou a mão no bolso, pegou um envelope com o seu pedido de demissão e olhou para o seu chefe.

O inspetor Harrington era um homem franzino de 45 anos. Ele tinha uma altura média, a tez pálida e estava ficando calvo. Seus dentes tinham leves manchas de

nicotina e ele nunca conseguia manter contato visual por muito tempo. Kirsty nunca gostou do sujeito.

– Sinto muito por você não ter conseguido o emprego, Kirsty – disse ele.

– Alguém mais qualificado deve ter conseguido.

– Você é uma agente de campo e é boa nisso. Consegue mesmo se imaginar atrás de uma mesa, lidando com ligações e arquivos de computador?

– Não, senhor, eu não consigo. E, como eu disse, é por isso que estou pedindo demissão.

Ela estendeu o envelope.

– Você tem certeza disso?

– Tenho, sim.

– Vou guardar na minha gaveta por uma semana. Você tem direito a uma folga, em todo caso.

– Não vai fazer diferença.

– Mesmo assim.

Kirsty assentiu e olhou à sua volta, para o “set” que tinha sido construído no armazém. Ela não queria pensar no que tinha acontecido ali e ficou sinceramente aliviada por não ter assistido aos DVDs que eles encontraram, nem tentar identificar as vítimas.

– Então isso fecha o caso? – perguntou ela.

– Suponho que sim.

Kirsty sabia que seu fracasso em conseguir o emprego era parcialmente devido a Harrington e à carta de referências que ele escreveu. Não era para ela ter visto o documento, mas ela viu. Ela tinha acesso a recursos próprios. Harrington tinha sido cuidadoso o bastante para elogiá-la, mas deixou o suficiente entre as linhas para que ela fosse eliminada. Ele queria mantê-la na equipe dele, nos termos dele. E Kirsty já estava farta daquilo.

Foi por isso que ela saiu do armazém sem dizer ao seu chefe o quanto ele estava enganado.

Enganado a respeito de tudo.

Aquilo não fechava o caso de forma alguma.

capítulo 113

A CIRURGIÃ SE AJOELHOU E COMEÇOU a tirar as flores murchas dos vasos, para substituí-las por novas, quando uma sombra cobriu as pedras brancas de brita.

– Posso ajudar? – perguntou ela, sem se virar. A cirurgiã tinha uma altura média e estava vestida com um terninho cinza-escuro. Seu cabelo era grisalho e os seus olhos, alertas e inteligentes, estavam cheios de tristeza.

– O meu nome é Kirsty Webb, Dra. Lloyd. Sou detetive da Polícia Metropolitana.

– Eu achei que fosse. – A Dra. Lloyd juntou as flores que tinha retirado, guardou-as numa sacola plástica e se levantou.

– Estou aqui para falar sobre o seu marido.

– Ex-marido. Já faz mais de um ano que nos divorciamos. Atenção aos detalhes, detetive. Imagino que isso seja tão importante no seu ramo de trabalho quanto no meu.

– O diabo está nos detalhes?

– Deuses e diabos. Suponho que o seu trabalho seja descobrir qual é qual.

– Nós acabamos descobrindo. Às vezes.

A cirurgiã assentiu.

– O que me entregou?

– Tudo estava um pouco arrumado demais... – Kirsty deu de ombros. – Achei que tinha alguma coisa fora de lugar.

– Fora de lugar?

– É uma expressão. Meu marido a utiliza com frequência.

– Marido? Mas você não está usando aliança.

– Eu quis dizer ex-marido.

A mulher mais velha inclinou a cabeça, como se indicasse aprovação.

– Fui para os pubs na região em que o corpo de Colin Harris foi encontrado. Ele tinha álcool no sangue. Remédios para dormir. Deveríamos pensar que foi suicídio. Mas não fazia sentido.

– Entendo.

– Um dos garçons num bar local reconheceu a foto dele. Lembrou-se de Colin bebendo um pouco antes do incidente. Ele estava com uma mulher. A descrição combinou com você, Dra. Lloyd. Peguei a sua foto no registro do hospital e mostrei para o garçom. Ele confirmou.

– Intuição feminina?

Kirsty balançou a cabeça.

– Intuição policial.

A Dra. Lloyd olhou para o túmulo de sua filha.

– Intuição feminina não é tão especial quanto dizem, né?

capítulo 114

– Quando você descobriu? – perguntou Kirsty.

A Dra. Lloyd ergueu os olhos para observá-la por um instante e suspirou. Seu corpo inteiro relaxou, como se um fardo intolerável tivesse sumido. Mas seus olhos ainda estavam devastados. Tomados pelo tipo de dor que nunca vai embora.

– Sobre o monstro que ele era?

Kirsty esperou.

– Seria de imaginar que uma esposa saberia. É o tipo de detalhe que... – A Dra. Lloyd balançou a cabeça, sem terminar a frase. A enormidade do que ela tinha descoberto parecia estar além da sua capacidade de articulação. – Ela veio me ver. A puta...

– Andrea Kisslinger?

Os olhos da cirurgiã faiscaram de raiva.

– Alistair estava pagando ela, mas não o suficiente. Nunca é suficiente para gente como ela... Ela pensou na vergonha e no escândalo. Mas não se deu conta...

A mulher mais velha se curvou e arrumou as flores novas, ficando em silêncio por quase um minuto. Kirsty esperou, deixando que ela organizasse os pensamentos, encontrasse as palavras que precisava dizer.

– Ela tinha 9 anos, detetive, e ela se enforcou.

Kirsty assentiu. Ela já sabia.

– Eu sinto muito.

– Você tem alguma ideia de como é para uma mãe entrar no quarto da filha e ver aquilo?

– Não posso imaginar.

– Vejo pessoas morrerem todos os dias, detetive Webb. É o meu emprego. Por mais que eu... que a gente tente salvá-los. Nós não podemos. Não podemos salvar todos.

– Eu sei.

– Algumas pessoas não merecem viver, é simples assim. Você vê um câncer e remove o tumor, impede a infecção de se espalhar se puder. As pessoas dizem que médicos brincam de Deus e, em alguns sentidos, é verdade. Quando você tem poder sobre a vida e a morte... bem, não foi difícil fazer o que eu fiz. Pelo menos eles deram alguma coisa para outras pessoas no fim. Um deles até salvou uma vida. Uma vida merecedora. Pena não poder ter sido da mesma forma com os outros.

– Por que retirar os órgãos?

– Evidências, detetive. O prego final no caixão dele. – A doutora abriu um sorriso sem alegria, seus lábios enrijecidos por algo além do frio. – Eu sei que a polícia gosta das coisas bem-amarradas, como os cirurgiões.

Kirsty Webb olhou para os olhos da mulher mais velha. Achou que ela parecia perfeitamente sã. Soava perfeitamente racional. Quem sabe... talvez ela fosse. Comparada com o marido e gente como ele... talvez ela não fosse nem um pouco louca.

– Você confrontou Alistair?

– Eu dei uma escolha para ele, detetive. – Ela baixou os olhos para o túmulo pequeno. – O que foi mais do que Emily recebeu.

– Você devia ter nos procurado.

– Seria de se esperar que pessoas assim tivessem dificuldades para se encontrar, não seria? Mas elas não têm. E você sabe por quê, detetive Webb?

Kirsty balançou a cabeça.

– Porque existem muitos desses filhos da puta. E todos vocês sabem disso.

Kirsty não respondeu. Ela não precisava. A mulher tinha razão. A Dra. Lloyd se ergueu. Um meio sorriso surgiu nos seus lábios por um instante e ela endireitou os ombros.

– Então você vai me prender? – perguntou ela. – Você não tem provas, eu suponho, além do fato de uma mulher parecida comigo ter sido vista num bar com Colin Harris.

– Você parece bem confiante quanto a isso.

– Você está sozinha, detetive. Eu sei como essas coisas funcionam. Haveria viaturas, luzes piscando, sirenes. Uma equipe de jornalistas filmando você fazer a prisão da sua carreira. Tudo o que você tem, afinal, é a lembrança vaga de um

garçom que você mesma gerou. Acho que isso é chamado de conduzir o testemunho. E os seus *instintos*, é claro. Mas não acho que eles possam ser reconhecidos como evidência num tribunal.

– Os meus instintos não importam agora.

– Por quê?

– Porque eu pedi demissão da polícia essa manhã. Não sou mais uma detetive.

– Então por que você está aqui?

– Porque eu precisava saber.

– De qualquer forma, agora acabou. – Mas os ombros da cirurgiã caíram de novo, contrariando as suas palavras. Para ela nunca acabaria.

– Você devia se entregar, Dra. Lloyd.

– E isso vai ajudar alguém?

Kirsty olhou para ela com simpatia, vendo as lágrimas se acumularem nos olhos da mulher mais velha.

– Vai ajudar você – disse ela, com a voz amena.

– E quem trará flores para Emily? Quem cuidará dela?

A mulher não conseguiu mais conter as lágrimas e Kirsty a acolheu nos seus braços. O coração da Dra. Lloyd estava batendo com força, seu corpo frágil estremecendo no abraço da mulher mais jovem. Era como se ela tivesse ossos ocos.

De certa forma, a ex-detetive Kirsty Webb estava contente por ter pedido demissão mais cedo. No que dizia respeito à lei, a justiça era uma questão científica. Mas as pessoas não são máquinas. Ela não sabia o que a outra mulher, que naquele mesmo instante estava desmoronando, merecia. Aquilo estava além da área de conhecimento de Kirsty. Aquela decisão não cabia à polícia. O trabalho dos policiais era desenterrar os fatos e ela não achava que tinha a orientação moral para organizar aqueles fatos e fazer um julgamento. Kirsty ficou feliz por não precisar fazê-lo.

Ela tinha ligado para a detetive Natalie James logo antes de se demitir.

Kirsty imaginou que as coisas se desenrolariam daquela forma.

capítulo 115

EU ESTAVA AO LADO DA janela vendo Alison Chambers caminhar até o carro de novo.

Uma semana tinha se passado. Ela continuava gingando os quadris, continuava me mostrando o dedo por cima do ombro ao entrar no banco do motorista. Parecia que nada tinha mudado, mas tudo estava diferente.

Como disse, alguns casos você ganha, outros você perde.

Alguns você ganha, mas não sente que ganhou.

Eu tinha matado uma mulher e isso não é fácil de superar.

Lembrei do barulho, dos gritos, da confusão. Na hora eu não tinha reparado. Mas a cena ainda aparecia à noite, nos meus sonhos. Eu sabia como aquilo funcionava. Ia passar com o tempo. As minhas mãos podiam estar cobertas de sangue, mas a minha consciência estava limpa. Eu tinha feito o trabalho para o qual fui contratado.

Sam cumpriu o combinado. Quando eu não entrei em contato, ele ligou para a unidade da Força Aérea dos Estados Unidos sediada no HMS Warrior, a um quilômetro e meio de distância, um contato que Jack Morgan tinha nos dado, e avançou antes deles chegarem. Mas os soldados não demoraram muito. Os palestinos tiveram mais duas baixas antes de serem dominados. Três pontos para a democracia, zero para o terrorismo.

Mas não era assim que eu me sentia.

Homens com ternos pretos chegaram. Nos velhos tempos teriam sido agentes da CIA e do MI5. Hoje em dia era alguma unidade paramilitar praticamente desconhecida sancionada pelo Departamento de Segurança Interna para nós. Em todo caso, era como uma equipe de limpeza da máfia, enviada para se livrar das evidências e eliminar os cadáveres.

A professora e os membros restantes de sua equipe que ainda estavam vivos, incluindo Ashleigh Roughton, o capitão do time de rúgbi da CUL, foram levados embora. Acabaram descobrindo que Ashleigh também pensava que a professora

estava apaixonada por ele.

No que dizia respeito aos homens de terno, oficialmente a presença deles naquele local nunca seria reconhecida. Del Rio e eu fomos embora para ajustar as contas com Brendan Ferres. Harlan Shapiro foi levado para se reunir com a filha e um voo foi agendado às pressas para levá-los de volta para a América no começo da manhã.

Eu nunca mais vi nenhum dos dois.

Parte de mim sentia que Hannah deveria ter ficado para trás e acompanhado a sequência de eventos que ela tinha desencadeado. Mas eu estava satisfeito por saber que tudo havia terminado. Hannah e seu pai voltaram à vigilância dos olhos atentos de Jack Morgan. Agora o problema era dele.

Eu me virei e olhei para Bogart e Bacall. Bogey parecia estar me julgando, como sempre. Não me importei. Era sexta-feira à noite, eu tinha o fim de semana inteiro pela frente e, mais uma vez, Dan Carter tinha um encontro programado. Abri um sorriso para Bacall.

– Você é um colírio para os olhos, garota.

capítulo 116

SE A LOIRA ESBELTA DA recepção ficou feliz em me ver de novo no restaurante, seu rosto perfeitamente maquiado não deu nenhum sinal.

Eu estava usando a gravata azul de novo, dessa vez com um terno de linho preto. Achei que o traje me dava um ar de sofisticada descontração. Eu não queria mandar os sinais errados. Afinal, era só um jantar. Não um encontro. Nós tínhamos deixado aquilo claro. Muito claro.

A loira passou o dedo pela lista de reservas de novo, erguendo a sobrancelha esquerda uma fração de milímetro, o suficiente para passar aquela expressão de escárnio, como da última vez.

– Ah, sim... Sr. Cotter. Eu me lembro que você não pôde ficar conosco por muito tempo da última vez.

– É Carter – expliquei de novo. – Dan Carter. E não, eu tive que sair. Trabalho. Você sabe como é, não?

– Posso recomendar que desligue o celular? – perguntou ela. – Você teve muita sorte de termos conseguido encaixá-lo novamente com tão pouco tempo de aviso. Eu detestaria vê-lo desperdiçando outra noite.

Para falar a verdade, aquilo parecia ser o que ela mais queria. E ela tinha razão. Eu devia desligar o meu celular. Mas desligá-lo agora, depois de praticamente receber uma ordem para fazê-lo de uma garçonete cheia de si, simplesmente não aconteceria.

– Receio que não seja possível – disse. – Sou um cirurgião. Cirurgião cardíaco. Cirurgião cardíaco pediátrico.

Veja bem, esse é o problema com as mentiras: elas podem sair do controle. A minha companheira bufou, mas não disse nada e a recepcionista moveu a sobrancelha para cima um milímetro a mais.

– Acompanhe-me então, por favor, Dr. Carter.

– É Sr. Carter – respondi. Acho que ela pensou que ia me pegar. A garota teria que acordar bem mais cedo para ter uma chance.

– Terno novo, Dan? – perguntou Kirsty, enquanto éramos conduzidos para a minha mesa.

Eu ri.

– De maneira alguma. Por que a pergunta?

– Porque tem uma etiqueta na parte de trás das calças.

A recepcionista deu uma risadinha e puxou uma cadeira para Kirsty. Eu passei a mão por trás das calças. Não tinha etiqueta nenhuma.

– Você é tão fácil... – falou Kirsty, sentando-se.

Eu me acomodei e peguei a carta de vinhos.

– Então, por que você atrasou?

– Eu tive que ver alguém.

– Isso quer dizer que estamos celebrando?

– Você está perguntando se eu consegui o emprego?

Assenti.

– No que diz respeito a isso, não, não estamos celebrando.

– Sinto muito.

– Sente muito que eu não esteja me mudando para Manchester?

Olhei para Kirsty. Seus olhos verde-esmeralda ainda podiam afogar um homem.

– Sinto muito por você não ter conseguido o que queria – respondi.

– Nós ainda estamos falando do emprego?

– O que você vai fazer agora?

Kirsty pegou o cardápio.

– Vou considerar as minhas opções.

– Ouvi dizer que o coquetel de camarão é muito bom.

Ela riu. Eu gostei do som. Fez com que eu tivesse uma ideia da qual provavelmente me arrependeria.

Vinte minutos depois, o nosso aperitivo chegou. Eu pedi queijo de cabra com trufas, aspargo e beterraba em conserva. Minha companhia, como se diz, escolheu o suflê Norfolk cozido com uma salada mista e vinagrete de ervas.

Tomei um gole da minha cerveja, peguei o garfo e estava prestes a furar uma raiz de beterraba quando o meu celular tocou. Alto. Eu abri um sorriso como que pedindo desculpas para os comensais da mesa vizinha e tirei o aparelho do bolso.

Enquanto olhava para o identificador de chamadas, Kirsty tomou o celular da

minha mão. Ela também viu quem estava ligando e desligou o aparelho, olhando para mim com frieza.

– Eu não acredito nessa mulher.

Alison Chambers, é claro.

Instantes depois, o celular dela vibrou. Dei de ombros para os comensais das mesas ao nosso redor. O que se pode fazer?

– Kirsty Webb – ela atendeu, a voz tomada por um gelo que teria deixado um esquimó com frio.

Kirsty escutou por um instante e assentiu.

– Ok, eu digo para ele. – Ela desligou sem esperar resposta e me encarou.

– Era Alison.

Eu já tinha imaginado.

– Ela está na prisão de Paddington Green.

– E...?

– E está lá representando um dos seus clientes.

– Bom para ela, mas tenho certeza de que isso pode esperar até amanhã de manhã.

– Sean Chester acabou de ser assassinado.

Eu baixei o garfo, a beterraba não degustada ainda presa na ponta. Sean Chester era um dos nossos clientes. O ex-produtor de um dos maiores seriados atuais.

– O que aconteceu?

– Ele foi morto a tiros duas horas atrás, Dan. E eles prenderam a sua estrela favorita, Melinda Hamilton, pelo crime.

Outra cliente nossa.

– Ela já foi acusada?

– Não, ainda não, mas a sua namorada advogada acha que é uma questão de horas, e não dias.

Suspirei, terminei a cerveja e peguei o meu casaco.

– Você vem ou não? – perguntei.

– Eu não trabalho mais – respondeu Kirsty.

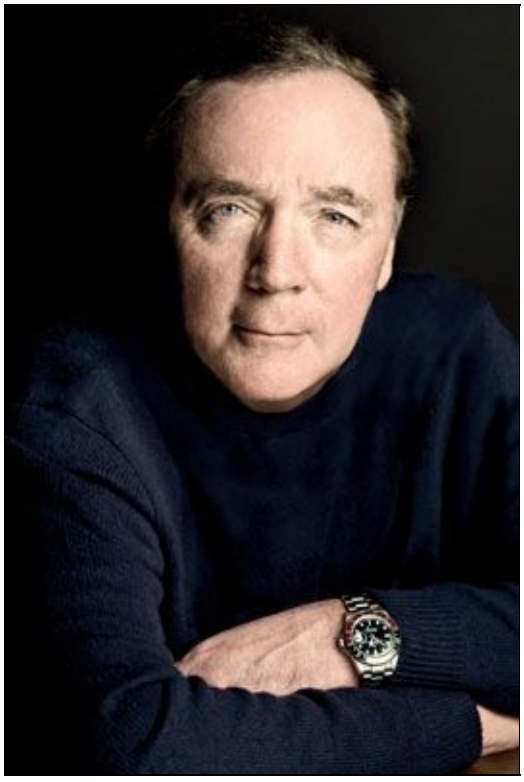
– Agora trabalha – respondi, levantando e lançando todo o charme Dan Carter nela. – Bem-vinda à Private.

Agradecimentos

Muito obrigado a James Patterson por me incluir neste passeio de montanha-russa, e a Susan Sandon e Paul Sidey por prenderem bem o meu cinto de segurança! – M.P.

Sobre o autor

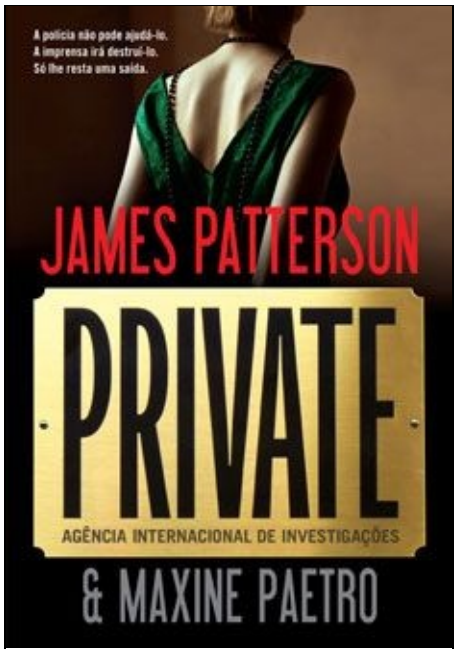
© Deborah Feingold



Com 300 milhões de livros vendidos em mais de 100 países, JAMES PATTERSON é um dos maiores escritores do mundo. Recordista de presença na lista de mais vendidos do *The New York Times*, é autor das consagradas séries Alex Cross e Clube das Mulheres contra o Crime.

www.jamespatterson.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Private

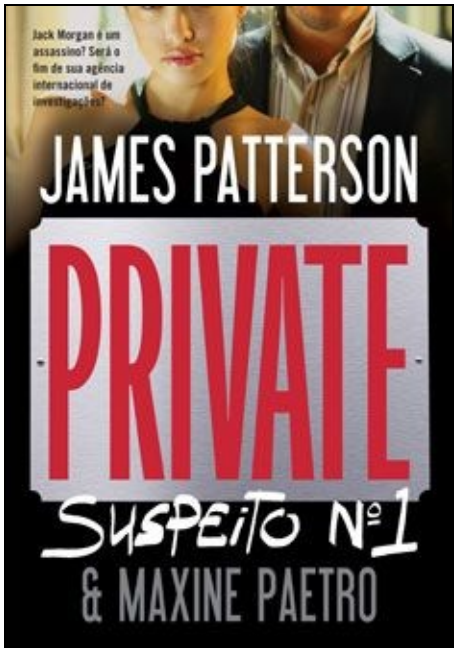
Anos após seu pai ter abandonado o negócio, Jack Morgan assumiu a Private. Sob sua direção, a empresa de Los Angeles se expandiu, abrindo filiais em Nova York, Londres e Paris.

Além de Jack, a agência reúne um seleto time de investigadores: a psiquiatra Justine Smith, o impulsivo ex-fuzileiro naval Rick Del Rio, o charmoso Emilio Cruz e os gênios do laboratório Dr. Sci e Mo-bot.

A equipe – Justine em especial – está completamente dedicada a pegar um criminoso que há dois anos vem matando colegiais a intervalos regulares. Às voltas com esse caso intrigante, a agência também é contratada para investigar possíveis manipulações nos resultados dos jogos da NFL – a liga profissional de futebol americano – e para encontrar o assassino da esposa do melhor amigo de Jack.

Juntos, esses três casos quase levarão Jack ao limite de sua energia.

Com um ritmo alucinante, *Private* é um dos livros mais envolventes de James Patterson.



Private: Suspeito nº 1

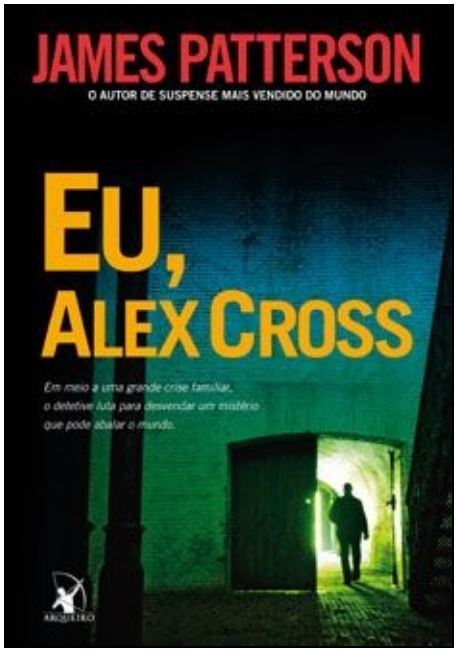
Jack Morgan, o diretor da Private, está sendo acusado de um crime terrível e nem mesmo sua equipe de investigadores de primeira linha pode provar sua inocência.

Quando Coleen, ex-secretária e ex-namorada de Jack, é encontrada morta na cama dele, um terrível pesadelo começa. A polícia está convencida de que ele é culpado e determinada a botá-lo na cadeia. Além disso, uma vizinha alega ter visto Jack na praia perto de sua casa por volta da hora provável do crime.

Passando pela maior crise de sua história, a Private não pode rejeitar nenhum caso. É justo nesse momento que um mafioso decide cobrar uma dívida de Jack e pede que ele recupere uma carga de remédios contrabandeados.

Além disso, um jovem astro de cinema conta com a discrição da agência para se defender de uma acusação de abuso sexual e descobrir por que coisas estranhas estão acontecendo em sua vida. Tudo piora quando um assassinato num hotel revela uma série de crimes envolvendo clientes de uma agência de garotas de programa.

Com toda a sua equipe sobrecarregada, Jack está praticamente sozinho para provar sua inocência.



Eu, Alex Cross
(Série Alex Cross)

Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sobrinha do detetive, foi brutalmente assassinada.

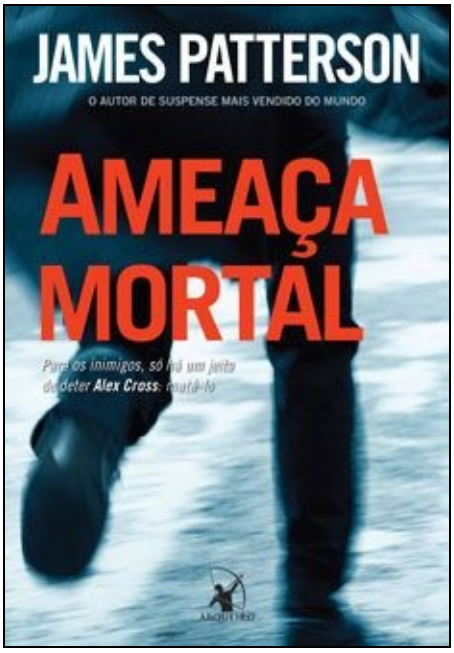
Com o apoio de sua namorada, a detetive Brianna Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que ele descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido

apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.



Ameaça mortal

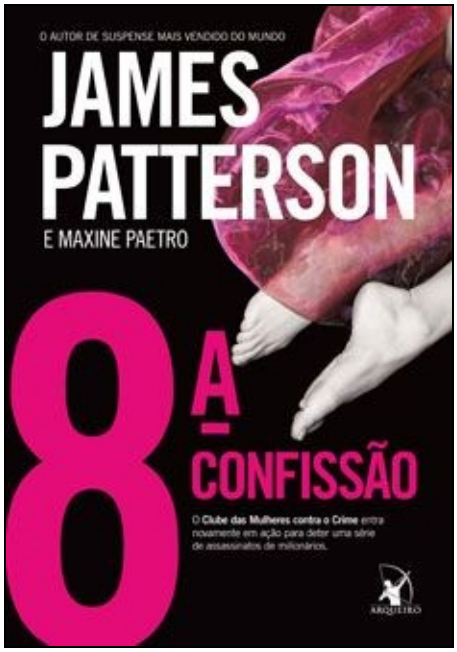
Os filhos do presidente dos Estados Unidos estudam no Branaff, um dos melhores colégios de Washington, e contam com proteção em tempo integral. Ainda assim, num ato de ousadia, criminosos enganam os agentes do Serviço Secreto e desaparecem com Ethan e Zoe Coyle.

Sem aceitar a participação da Polícia Metropolitana no caso, o FBI e o Serviço Secreto assumem as investigações. No entanto, atendendo a um pedido especial da primeira-dama, acabam convidando o detetive Alex Cross por sua experiência com sequestros.

Em meio às investigações, a Inteligência americana descobre que um grupo terrorista saudita está planejando vários ataques em território nacional. A sabotagem da rede de fornecimento de água e o atentado contra a comitiva do secretário de Estado põem a capital em alerta, além de levantar a suspeita de que esses atos possam ter ligação com o sequestro de Ethan e Zoe.

Trabalhando em conjunto com o FBI, a CIA e outras agências do governo, Alex Cross precisa agir rápido. Com a ajuda dos colegas Ned Mahoney e John Sampson, ele começa uma corrida contra o tempo para encontrar os filhos do

presidente e impedir que novos atentados coloquem o país em risco.



8ª confissão

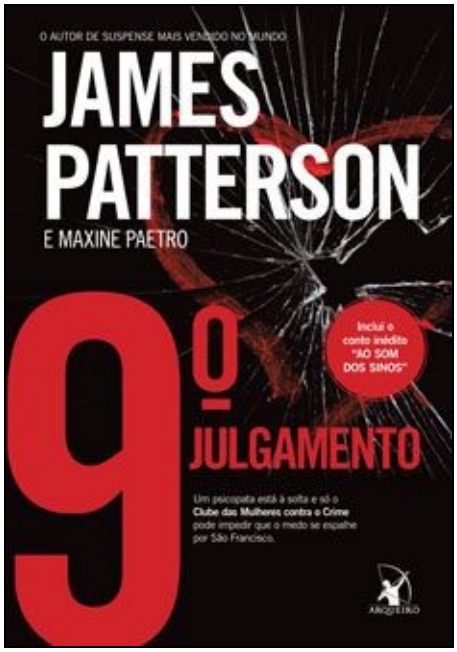
Isa e Ethan Bailey gostam de esbanjar dinheiro e aproveitar a vida. Por causa disso, sempre foram alvo de inveja e de fofocas em toda a cidade. O que ninguém imaginava era que eles seriam mortos em sua própria cama.

As autoridades pressionam a polícia para solucionar o caso e a médica-legista Claire Washburn entra em ação. Depois de fazer diversos exames e análises, ela chega a um resultado estarrecedor: nada indica a causa da morte do casal. Essa é a pior notícia que os agentes Lindsay Boxer e Richard Conklin poderiam receber.

Sem saber como avançar na resolução desse mistério, eles ainda investigam um caso para a amiga e repórter Cindy Thomas, que descobriu o corpo de um sem-teto. Sempre em busca de uma matéria, ela quer pegar o assassino, sem imaginar que existe uma conspiração por trás dessa história.

Quando mais mortes atingem a alta sociedade, o trio precisa se separar e correr contra o tempo para deter o serial killer. Só que Conklin e Cindy não conseguem disfarçar a atração que sentem um pelo outro e iniciam um relacionamento que abala sua amizade com Lindsay.

Com dois criminosos à solta, porém, eles têm que deixar as emoções conflituosas de lado e cuidar do seu trabalho. Para isso, contarão com a ajuda de Claire e da assistente de promotoria Yuki Castellano, sempre a postos para lutar pelo Clube das Mulheres contra o Crime.



9º julgamento

Um novo e astuto ladrão está deixando a alta sociedade de São Francisco em alerta. Enquanto os ricaços se divertem em grandes eventos e jantares, o criminoso se esgueira para dentro de suas mansões e rouba fortunas. Apelidado pela imprensa de Hello Kitty, o gatuno sempre fez um serviço limpo, mas o assalto à residência dos Dowlings muda tudo, pois a dona da casa acaba sendo morta.

A vítima é ninguém menos que a esposa de Marcus Dowling, um astro de Hollywood que fará toda a pressão possível sobre as autoridades para que o assassino seja capturado. No mesmo instante, Lindsay Boxer e Richard Conklin são chamados à cena do crime. Para solucionar o caso, contarão com a ajuda da repórter Cindy Thomas, da médica-legista Claire Washburn e da assistente de promotoria Yuki Castellano.

No entanto, Hello Kitty não é o único problema de Lindsay. Um serial killer começa a agir na cidade e seus alvos são sempre mães e filhos. Deixando estranhas assinaturas, o maníaco joga com a polícia e exige 2 milhões de dólares para interromper o rastro de mortes. Embora sempre tenha contado com a ajuda

do Clube das Mulheres contra o Crime, desta vez Lindsay estará sozinha, na mira do psicopata, e o final pode não ser feliz.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento* e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Introdução
Parte Um
- capítulo 1
- capítulo 2
- capítulo 3
- capítulo 4
- capítulo 5
- capítulo 6
- capítulo 7
- capítulo 8
- capítulo 9
- capítulo 10
- capítulo 11

Parte Dois
- capítulo 12
- capítulo 13
- capítulo 14
- capítulo 15
- capítulo 16
- capítulo 17
- capítulo 18
- capítulo 19
- capítulo 20
- capítulo 21
- capítulo 22
- capítulo 23
- capítulo 24
- capítulo 25
- capítulo 26
- capítulo 27
- capítulo 28

Parte Três
- capítulo 29
- capítulo 30

capítulo 31
capítulo 32
capítulo 33
capítulo 34
capítulo 35
capítulo 36
capítulo 37
capítulo 38
capítulo 39
capítulo 40
capítulo 41
capítulo 42
capítulo 43
capítulo 44
capítulo 45
capítulo 46
capítulo 47
capítulo 48
capítulo 49
capítulo 50
capítulo 51
capítulo 52
capítulo 53
capítulo 54
capítulo 55
capítulo 56
capítulo 57
capítulo 58
capítulo 59
capítulo 60
capítulo 61
capítulo 62
capítulo 63
Parte Quatro
capítulo 64
capítulo 65
capítulo 66
capítulo 67
capítulo 68

capítulo 69
capítulo 70
capítulo 71
capítulo 72
capítulo 73
capítulo 74
capítulo 75
capítulo 76
capítulo 77
capítulo 78
capítulo 79
capítulo 80
capítulo 81
capítulo 82
capítulo 83
capítulo 84
capítulo 85
capítulo 86
capítulo 87
capítulo 88
capítulo 89
capítulo 90
capítulo 91
capítulo 92
capítulo 93
capítulo 94
capítulo 95
capítulo 96
capítulo 97
capítulo 98
capítulo 99
capítulo 100
capítulo 101
capítulo 102
capítulo 103
capítulo 104
capítulo 105
capítulo 106
capítulo 107

capítulo 108
capítulo 109
capítulo 110
capítulo 111
capítulo 112
capítulo 113
capítulo 114
capítulo 115
capítulo 116
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outros títulos do autor
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro